



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA/UFPR/UNIMONTES



FLÚVIA GRACIELLE SOARES RAMOS

THEODOR ADORNO E A EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DOS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

MONTES CLAROS – MG
Julho/2021

FLÚVIA GRACIELLE SOARES RAMOS

**THEODOR ADORNO E A EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DOS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

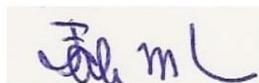
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia-Prof-Filos, Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Filosofia

Linha de pesquisa: Prática de Ensino de Filosofia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fábila Magali Santos Vieira.

Liberado dia 19/10/2021



**MONTES CLAROS – MG
Julho/2021**

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que Flúvia Gracielle Soares Ramos, apresentou a Dissertação de Mestrado intitulada **Theodor Adorno e a educação para a emancipação dos estudantes do ensino médio** no Mestrado Profissional em Filosofia- PROF.FILO/NÚCLEO UNIMONTES, para fins de aquisição do título de Mestra em Filosofia. Participaram da banca examinadora os seguintes Professores: Profa. Dr. Fábila Magali Santos Vieira (Orientadora/UNIMONTES, MG), Profa. Dra. Jacy Maia (UNIMONTES, PPGE) e Prof. Dr. José dos Santos Filho (UNIMONTES, MG). Na oportunidade, a candidata foi considerada APROVADA.

Por ser verdade, firmamos a presente.

Montes Claros/MG, 27 de Agosto de 2021.



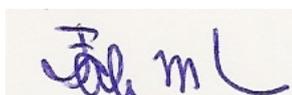
Prof. Dr. Alex Fabiano C. Jardim
Coordenador do Mestrado

TERMO DE APROVAÇÃO

FLÚVIA GRACIELLE SOARES RAMOS

THEODOR ADORNO E A EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação aprovada como requisito parcial para fins de aquisição do título de Mestra em Filosofia do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO/ NÚCLEO UNIMONTES pela seguinte banca examinadora:



Orientadora: Profa. Dra. Fábila Magali Santos Vieira- Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES



Examinadora externa: Profa. Dra. Maria Jacy Maia Velloso- Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES, PPGE



Examinador interno: Prof. Dr. José dos Santos Filho- Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

Montes Claros, 27 de agosto de 2021



Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim
Coordenador PROF-FILO/UNIMONTES

R175t Ramos, Flúvia Gracielle Soares.
Theodor Adorno e a educação para a emancipação dos estudantes do Ensino Médio [manuscrito] / Flúvia Gracielle Soares Ramos. – Montes Claros, 2021.
135 f. : il.

Bibliografia: f. 126.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia/PROF-FILO, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Fábيا Magali Santos Vieira.

1. Educação. 2. Emancipação. 3. Ensino médio. 4. Filosofia. I. Vieira, Fábيا Magali Santos. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título.

A um ser de Luz, que habita a morada do infinito, por ter sido o portal para o meu encontro com a Filosofia.

AGRADECIMENTOS

Ao orbitar pela estação da conclusão desta etapa, expresso meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho:

A Deus, pela permanência em meu trajeto e pela proteção em todos os momentos da minha vida.

À minha querida orientadora, Professora Dr.^a Fábila Magali Santos Vieira, pelo zelo, cuidado, confiança e exigência, pelo conhecimento que me proporcionou e por me ensinar que pesquisar vai além de apenas ler, está em um campo de descobertas nos mínimos detalhes.

Ao Prof-Filo, pela oportunidade concedida.

Aos estudantes do Ensino Médio que representam o motor que nos impulsionou nessa pesquisa.

Ao professor Wagner Rocha que me apresentou o caminho da Emancipação no contexto da Educação e por nossa amizade.

Ao meu estimado professor Péricles, pela pessoa incrível que ele é, e pela sagacidade intelectual que possui.

Ao professor Ildenilson, por sua perspicácia e atenção na leitura e na escrita de cada palavra, frase, texto, contexto.

Ao prof. Alex Fabiano, pela energia e vigor que defende e constrói o conhecimento.

Ao meu marido Itamar, pelo apoio e incentivo e por acreditar tanto nas minhas buscas.

Às minhas filhas, Ana Júlia e Maria Luísa maiores riquezas que eu poderia conquistar, por compreenderem as minhas ausências e por admirarem e acreditarem nos meus ideais.

À minha mãe, por ser presença fiel e alicerce com seu amor e com suas orações.

Ao meu pai, pela confiança e credibilidade a mim direcionadas.

Às minhas irmãs, Graciane e Gláucia pelo incentivo e parceria.

Aos meus sobrinhos Gabriel e Lavínya pelo carinho e atenção.

Aos meus queridos parceiros de luta pela construção de uma educação filosófica de fato interventiva, resistente e atuante Wanda, Vanderlei, Mota, Fabiana, Marcelo, Alan, Clayton, Mariucha e Wisley.

À Escola Estadual Maria Batista Cavalcanti, pela permissão do desenvolvimento da pesquisa em seu espaço.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa.

Obrigada por todos os momentos que passamos juntos, pela partilha de experiências, angústias, percepções e afetos!

“Na juventude, não devemos hesitar em filosofar; na velhice, não devemos deixar de filosofar. Nunca é cedo nem tarde demais para cuidar da própria alma. Quem diz que não é ainda, ou já não é mais, tempo de filosofar, parece-se ao que diz que não é ainda, ou já não é mais, tempo de ser feliz. Jovens ou velhos, devemos sempre filosofar [...]” Epicuro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Engrenagem do modelo híbrido e sua atuação em sala de aula	72
Figura 2 – Proposta Educacional de Intervenção: Estações Filosóficas.....	91
Figura 3 – Ilustração da nossa proposta de intervenção	104
Figura 4 – Ilustração da translação terrestre e as estações do ano.....	111
Figura 5 – Ilustração da translação do sujeito do ensino médio e a Filosofia	112
Figura 6 – Ilustração identifica o sujeito do ensino médio, sendo afetado pelos raios da Filosofia emancipatória.....	113
Figura 7 – <i>QR CODE: Edpuzzle</i> Propaganda	119
Figura 8 – <i>QR CODE: Indústria Cultural e Propaganda</i>	120
Figura 9 – <i>QR Code</i> de acesso ao <i>Padlet</i>	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Local de habitação	80
Gráfico 2 – Faixa etária do corpus da pesquisa	80
Gráfico 3 – Gênero do corpus de pesquisa	80
Gráfico 4 – Canal utilizado para o acesso à Informação	82
Gráfico 5 – Acesso às tecnologias	82
Gráfico 6 – Tecnologia com acesso à Internet.....	82
Gráfico 7 – Aparelhos com acesso à Internet	83
Gráfico 8 – Canal utilizado para o acesso à Informação	83
Gráfico 9 – Finalidade do uso da Internet	83
Gráfico 10 – Utilizam redes sociais.....	84
Gráfico 12 – Assunto do interesse buscados na Internet	85
Gráfico 13 – Desenvolvem leituras via tecnologias	85

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Ilustração da nossa metodologia de trabalho.....	110
--	-----

RESUMO

O projeto do esclarecimento (*Aufklärung*) defendido no período iluminista, incorpora uma tentativa de desmascarar o “encantamento, mágica, alegoria, fantasia” que velava a humanidade até então. O propósito era que a razão pudesse ser esclarecedora a tal ponto, que pudesse proporcionar à humanidade o alcance da sua autonomia e ousadia no pensar, construindo assim, uma sociedade mais igualitária e justa. O anseio iluminista por uma sociedade esclarecida, pela composição de homens autônomos ativaram as convicções de que a formação cultural seria o real passaporte para o esclarecimento humano, rompendo com as tutelas políticas e religiosas que impediam a libertação do pensar e agir humanos. No entanto, como nos apresentam Adorno e Horkheimer (1985), os ideais iluministas acabaram por não se cumprir, uma vez que o processo de esclarecimento acabou por se configurar em semiformação, que provocou a perda da identidade e uma espécie de coisificação do indivíduo. As sociedades consideradas mais esclarecidas, aquelas que tentaram dominar a natureza como um marco do processo civilizatório, acabaram por sucumbir a humanidade em um processo de barbárie, não escaparam das atrocidades e incoerências que a própria humanidade foi capaz de consolidar. Nessa perspectiva, esta pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia, na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, no período de 2019 a 2021 pretendeu refletir aspectos em torno do conceito de Emancipação, buscando identificar tal possibilidade dentro da contemporaneidade. Intentamos a partir de uma pesquisa aplicada, contribuir para a construção do processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio de uma escola pública no Norte de Minas Gerais. Nos propusemos a partir da Filosofia adorniana pensar pontos de crítica ao atual sistema de manipulação dos sujeitos, vislumbrando a partir disso possibilidades em que a Emancipação se tornasse possível na educação, em especial, a partir da prática do ensino de Filosofia. Defendemos, nesta pesquisa, a construção da emancipação a partir dos encontros firmados no chão da escola, buscando entender como esses encontros são fontes de formação cultural pretendemos buscar ressignificar o ensino de Filosofia, não como algo meramente ideológico, mas sim, como orbitação em torno do conhecimento. Ao buscar a intrínseca relação entre a educação e a emancipação, pretendemos apontar o entrelaçamento entre esses conceitos a partir da prática filosófica perpassando as estações que incidem sobre o sujeito os raios e os despertam para o pensamento crítico, ativo, participante e consciente de si e de sua realidade, oportunizando assim, a construção e formação sujeitos de fato, esclarecidos, autônomos e emancipados.

Palavras-chave: Educação. Emancipação. Ensino Médio. Filosofia.

ABSTRACT

The enlightenment project (Aufklärung) defended in the Enlightenment period incorporates an attempt to unmask the “enchantment, magic, allegory, fantasy” that had veiled humanity until then. The purpose was that reason could be enlightening to such an extent that it could provide humanity with the reach of its autonomy and daring in thinking, thus building a more egalitarian and fair society. The Enlightenment yearning for an enlightened society, for the composition of autonomous men, activated the convictions that cultural formation would be the real passport to human enlightenment, breaking away from the political and religious tutelage that impeded the liberation of human thinking and acting. However, as Adorno and Horkheimer (1985) show us, the Enlightenment ideals ended up not being fulfilled, since the clarification process ended up being configured in semi-formation, which caused the loss of identity and a kind of reification of the individual. The societies considered more enlightened, those that tried to dominate nature as a milestone in the civilizing process, ended up succumbing to humanity in a process of barbarism, they did not escape the atrocities and inconsequences that humanity itself was able to consolidate. In this perspective, this research carried out in the Professional Master's Graduate Program in Philosophy, at the State University of Montes Claros – Unimontes, from 2019 to 2021, intended to reflect aspects around the concept of Emancipation, seeking to identify such a possibility within the contemporaneity. From an applied research, we intend to contribute to the construction of the emancipation process of high school students from a public school in the North of Minas Gerais. Based on the Adornian Philosophy, we proposed to think about points of criticism to the current system of manipulation of subjects, gleaming from that possibilities in which Emancipation would become possible in education, in particular, from the practice of teaching Philosophy. In this research, we defend the construction of emancipation from the meetings established on the school floor, seeking to understand how these meetings are sources of cultural formation. of knowledge. By seeking the intrinsic relationship between education and emancipation, we intend to point out the intertwining between these concepts from the philosophical practice passing through the seasons that focus on the subject, the rays and awaken them to critical, active, participative and self-conscious thinking and of their reality, thus providing opportunities for the construction and training of de facto, enlightened, autonomous and emancipated subjects.

Keywords: Education. Emancipation. High school. Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 OS PRESSUPOSTOS ADORNIANOS EM PROL DA EMANCIPAÇÃO	19
1.1 A Razão Emancipatória de Theodor Adorno	19
1.2 Pensando a Emancipação pelo viés da Educação	29
1.3 Desafios e Extremismo no Processo de Emancipação	35
2 ESPAÇO ESCOLAR: FORMAÇÃO, SEMIFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	45
2.1 O Que é Escola? Espaço para a Emancipação Humana	45
2.2 A Escola como Espaço de Encontros	52
2.3 Ressignificando a Prática Docente a Partir dos Encontros.....	58
2.4 Tecnologia e Educação: Modelo Híbrido e suas contribuições para o trabalho com a Emancipação.....	66
3 ESTAÇÕES FILOSÓFICAS: RESSIGNIFICANDO O ENSINO DA FILOSOFIA: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
APÊNDICES	104
APÊNDICE A – Questionário.....	104
APÊNDICE B – Proposta Educacional de Intervenção	100
ANEXOS	127
ANEXO I – Propagandas: 4º Encontro Síncrono	127
ANEXO II – Texto Complementar: 6º Encontro Síncrono	130
ANEXO III – Diferentes formas de fazer propaganda: 7º Encontro Síncrono	133
ANEXO IV – Letra da música Eu Adoro Minha Televisão: 8º Encontro Síncrono.....	135

INTRODUÇÃO

O espaço público da educação básica nos possibilita um emaranhado de questões a serem pensadas e analisadas. Centrados no campo da Filosofia, é possível por meio da vivência e prática cotidianas, visualizar questões que merecem um desdobramento e uma análise. Uma das questões que despertaram em nós interesse, como docente do Ensino Médio de uma escola pública, pauta-se na necessidade da construção autônoma e consciente da emancipação¹ dos estudantes do Ensino Médio.

Pensamos nessa perspectiva porque percebemos a temática da emancipação humana como algo que orbita e emerge no atual cenário local, nacional e universal. É recorrente ouvirmos essa palavra e também teorias em defesa de tal necessidade diante do contexto vivido. É notório o fato de que independentemente do lugar e espaço, vivemos em uma época, na qual as pessoas primam pela capacidade de falar, expressar de forma autônoma e livre. Comumente, os indivíduos estão sempre defendendo a tão pretendida liberdade de expressão, e muitos a julgam como o simples fato de falar o que se quer, da forma que quiser. E o pior, é que boa parte dos sujeitos são ideologicamente manipulados por ideias disseminadas por pessoas e/ou grupos, que tendem a criar uma falsa ideia de compreensão da realidade.

Diante desse uso da expressão dentro do senso comum, nasce o anseio e necessidade de se trabalhar, como docente da área de Filosofia, o conceito, função e aplicabilidade do real sentido da emancipação humana. É mister, desenvolvermos nos estudantes desde o Ensino Médio essa concepção do que é e para que serve a emancipação, para que esses sejam capazes de se construírem como adultos conscientes de sua realidade e de suas possibilidades e/ou impossibilidades de pensar e agirem diante das mais divergentes questões, fenômenos e fatos.

Inseridos em um Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia – PROFILO, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, fomos impelidos na busca de um caminho que fosse capaz de nos conduzir diante de tal situação, no qual fosse possível despertar os jovens do Ensino Médio para a construção da emancipação, sem caírem na armadilha de simplesmente usarem a expressão de modo banal e vazio.

¹ Emancipar significa tornar-se independente, libertar-se, eximir-se da opressão do poder imposto. Libertar-se de todas as amarras sociais e intelectuais e permitir um pensar por si mesmo. Aptidão e coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento (ADORNO, 1995).

No programa de mestrado profissional em Filosofia, no qual estávamos incluídos, tomamos como área de concentração o ensino da Filosofia, direcionando nossa linha para *Prática de Ensino de Filosofia*. A escolha de tal linha de pesquisa, justifica-se pelo fato de que observamos em nossa prática como professores do Ensino Médio, a necessidade de se pensar a prática da Filosofia no chão da escola e a urgência em estimular os estudantes rumo a um pensar de fato, crítico e reflexivo diante das situações vivenciadas por eles em seu cotidiano.

Porquanto, sentimos a necessidade de encontrar uma base capaz de alicerçar nossa busca, era preciso nos apoiar em teorias que fossem capazes de sustentar essa hipótese de que a construção da emancipação nos jovens do Ensino Médio era algo possível e, além disso, que essa construção acarretasse, de fato, numa ação emancipadora para o público pretendido.

Ao buscar essa bússola direcionadora, encontramos um pensador que por meio dos seus textos estimulou um conjunto de intervenção sobre a temática educacional e formativa dentro da história e desenvolvimento humanos. Um pensador que pretendia buscar pela via da experiência a autonomia humana, assim, nessa busca de construção do sentido emancipatório do jovem do Ensino Médio nos deparamos com a Filosofia de Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno², através da qual discutimos os meios que pudessem contribuir para a libertação dos estudantes do Ensino Médio das amarras do sistema, rompendo com determinados tipos de cultura e formação.

Entender e fomentar a formação da emancipação dos estudantes do Ensino Médio nos interessa por termos percebido que a Filosofia tem sido usada no cenário da educação básica de modo instrumental, ou seja, ela apenas cumpre um papel informativo e conteudista, é utilizada como um mero instrumento no processo de ensino e aprendizagem. Tememos que isso consolide um pensamento forçado e fechado, que apenas toma uma direção de linearidade e não permite uma ação emancipatória, bloqueando a possibilidade de um pensar e agir humanos de modo crítico e reflexivo.

Essa é uma situação que nos angustia como estudiosos em Filosofia e como professores da rede pública de ensino, já que vivenciamos esse problema na prática. No cotidiano, é possível percebermos que os estudantes se adaptam ao sistema de ideias e dificilmente têm motivação para o enfrentamento de teorias e práticas costumeiras da escola e da sociedade.

² Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno, nascido em 11 de setembro de 1903, na cidade de Frankfurt, Alemanha. Foi filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos representantes da chamada Escola de Frankfurt. Faleceu em 6 de agosto de 1969, Visp, Suíça (ADORNO, 1999).

Neste trabalho, por ter sido desenvolvido em um Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia, realizamos uma pesquisa aplicada, já que se motivou justamente na necessidade concreta, de mudar a prática e buscar conhecimentos para transformar uma determinada situação. Por meio da pesquisa aplicada foi possível analisar, descrever os fatos e fenômenos, coletar dados e o processamento de informações, visando a resolução de problemas e questões levantadas no processo inicial de pesquisa. A partir da contextualização da prática do ensino de Filosofia na escola selecionada e da construção do referencial teórico fundamentado nos estudos de Adorno (1995) e Adorno e Horkheimer (1985), propusemo-nos a planejar e a realizar um Projeto Educacional de Intervenção.

Na metodologia do Projeto Educacional de Intervenção, intentamos despertar uma postura em que a leitura fosse vista como um processo que se dá a partir da interação ao contexto vivido pelos estudantes, no qual a escrita se efetiva entre o leitor, texto e o contexto. Promovendo assim, o diálogo entre os estudantes e proporcionado a troca e interatividade de ideias, pensamentos e posicionamentos.

Com base nos estudos de Adorno (1995), David Thornburg (2004) e Sílvia Gallo (2012) promovemos quatro etapas do processo de construção da emancipação, o que serviu de base para analisarmos os dados desta pesquisa. A partir das considerações e levantamentos realizados, discorreremos sobre o encontro, a escola, a educação, a formação e a semiformação, buscando zelar pela leitura crítica, formação leitora, estabelecimento do diálogo focalizando as posturas que melhor caracterizam as possibilidades para a formação de estudantes do Ensino Médio capazes de edificarem a construção da sua própria emancipação.

A relação dialética entre pesquisa e ação está fortemente presente neste trabalho, uma vez que tem como objetivo primeiro a transformação da realidade. Assim, partindo dos pressupostos da pesquisa-ação, o percurso metodológico neste estudo foi assim delineado:

- problematização da prática filosófica e sua contribuição para alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Maria Batista Cavalcanti, localizada na cidade de Ubaí/MG em relação à construção da emancipação.
- realização de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental para a construção de um referencial teórico que compreendesse a natureza do problema de pesquisa a ser investigado;
- análise dos documentos oficiais em relação aos objetivos e às orientações para a abordagem do problema;
- coleta de dados: questionário, observação;

- elaboração de uma proposta educacional de intervenção para a superação do problema de pesquisa;
- análise dos resultados e sua contribuição para o melhoramento da prática do ensino de Filosofia.

Levando em consideração o objetivo geral de discutir a construção do processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio na perspectiva de Adorno, esta pesquisa classificou-se como explicativa, uma vez que buscou aprofundar os conhecimentos e entender como se constrói a emancipação dos jovens do Ensino Médio. Nessa toada, a fim de compreender os possíveis fatores que contribuem para a promoção da emancipação e enxergar aqueles que impedem tal emancipação, pretendeu-se aprofundar o conhecimento de tal realidade, visando explicar o motivo, os porquês de tal vivência, e consequentemente entender a experiência e prática dos estudantes do Ensino Médio e, como tal emancipação pode favorecer a vida dos estudantes.

Nossa proposta de pesquisa, desde o seu início, visou interferir na realidade e na prática pedagógica, com objetivo de verificar e propor possíveis soluções, por meio do projeto de intervenção para o problema levantado, todo processo desenvolveu-se de maneira investigativa e interativa. Desse modo, a pesquisa pode ser considerada pesquisa-ação, porquanto, objetivou investigar um fenômeno e propor possíveis soluções para o mesmo.

Para tal, confiamos que esse método representou nosso maior suporte, por se configurar como um mecanismo, no qual, o pesquisador tem a possibilidade de pesquisar sua própria prática, produzindo novos conhecimentos, remodelando e reconduzindo suas ações com vistas à resolução do problema e com o propósito de transformar a realidade. Em função dessa característica, ela se configurou como importante e participativa. Assim, ponderamos acerca da Educação de acordo com a teoria crítica de Adorno, para tal, Neto e Bairros (2016) asseveram que

As considerações sobre a educação que a teoria crítica de Adorno indica a respeito da atualidade, mostra como a formação dos indivíduos está intensamente vinculada a uma sociedade ideologicamente burguesa. É essa lógica organizada da sociedade capitalista, que de fato tem transformado a consciência dos homens evidenciando uma crise na formação cultural dos indivíduos. Os mecanismos de controle impostos de fora a todos e que modelam a formação das consciências configuram, na atualidade, um contexto de heteronomia, e que reduz a possibilidade de qualquer exercício de autonomia e liberdade dos indivíduos (NETO e BAIROS, 2016, p. 3-4).

A pesquisa denotou-se como qualitativa, seguindo uma abordagem materialista dialética³. Nossa opção pela abordagem, justificou-se pelo fato de que, o que se pretendeu foi entender que o nosso modo de viver no mundo, o nosso ser histórico é que cria nossa consciência, é a matéria que cria a ideia, ou seja, é o real e o vivido que vai suscitar e gerar a compreensão da realidade. Entendendo a vida social, como esse incessante movimento de criação e mudança, é que decidimos fazer nossa busca nessa perspectiva, compreendendo que a realidade se transforma e essa transformação produz no ser humano consciência e compreensão. Contudo, podemos entender que é diante de uma determinada prática social (no nosso caso a prática social no espaço escolar), cultural e histórica é que teremos uma busca por explicações racionais e transformadoras.

Estruturamos nosso trabalho partindo da Introdução, na qual intentamos apresentar nossa proposta, procurando mostrar que nossa experiência docente nos motivou a buscar possibilidades para o pensamento emancipatório dos estudantes do Ensino Médio. Inseridos no espaço público de ensino, enxergamos no filósofo alemão Theodor Adorno o aporte para conduzir nossa proposta, por meio de sua visão crítica e assertiva sobre o processo dinâmico e contraditório que envolve conceitos, sociedade e o próprio ser humano. Percebemos que os subsídios da teoria adorniana poderiam nos ajudar a pensar uma concepção de educação no sentido formativo, que cria oportunidades e assume o seu objetivo central. Dando sequência à estruturação do nosso trabalho, o mesmo foi dividido em três capítulos, contando cada um com sub tópicos com abordagens referentes à temática do capítulo desenvolvido, além de contar com o Projeto Educacional de Intervenção, anexos e apêndices.

No primeiro capítulo apresentamos um panorama sobre os pressupostos do pensador Theodor Adorno em relação à emancipação. Nesse momento tentamos demonstrar a importância da razão emancipatória para o processo de educação apontando os desafios e riscos

³ Materialismo é toda concepção filosófica que aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que, por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência. O materialismo contrapõe-se ao idealismo, cujo elemento primordial é a ideia, o pensamento ou o espírito. A concepção marxista é uma ciência à qual o pensador alemão Karl Marx deu o nome de materialismo histórico e cujo objeto são as transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção. Marx constrói uma dialética (do grego dois *logos*) materialista, em oposição à dialética idealista hegeliana. O materialismo dialético pode ser definido como a filosofia do materialismo histórico, ou o corpo teórico que pensa a ciência da história. Os princípios fundamentais do materialismo dialético são quatro: (1) a história da filosofia, que aparece como uma sucessão de doutrinas filosóficas contraditórias, dissimula um processo em que se enfrentam o princípio idealista e o princípio materialista; (2) o ser determina a consciência e não inversamente; (3) toda a matéria é essencialmente dialética, e o contrário da dialética é a metafísica, que entende a matéria como estática e anistórica; (4) a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas. ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *In.: Revista de Psicologia da UNESP*. 9 (1), 2010. Disponível em: <https://bit.ly/378iyac>. Acesso em: 21 jul. 2021.

de extremismo no processo da construção da emancipação. Além disso, intentamos demonstrar o uso instrumental da razão e a ação da indústria cultural no processo de aprendizagem e as consequências negativas do uso da razão como aparato da indústria cultural.

No que tange ao segundo capítulo, buscamos visualizar o espaço escolar como ambiente propício para a formação humana, entendendo esse espaço como efetivação de encontros e de possibilidades para ressignificação. Nessa abordagem, buscamos discutir a necessidade de entendimento da ação da indústria cultural⁴ na formação ou semiformação dos estudantes, além de permitir pensar a própria prática docente a partir dos encontros no espaço escolar. E nossa abordagem mais delicada repousa sobre a reflexão da modalidade híbrida no processo de ensino e aprendizagem escolar, isto porque precisamos pensar essa nova realidade sem tangenciar os princípios adornianos quanto ao uso meramente instrumental da razão.

O capítulo três, vem com uma abordagem interventiva, pois nele buscamos descrever uma proposta de intervenção e fazer apontamentos de possibilidades para a realização da nossa proposta.

Apresentamos as considerações finais e as referências. Nas considerações finais tivemos a pretensão de indicar respostas ao problema levantado por nós no início da nossa pesquisa. Esperando assim, que as constatações apresentadas sejam capazes de conduzir a novas discussões sobre a emancipação dos estudantes do Ensino Médio dentro do contexto da educação e por meio das aulas de Filosofia. Contribuindo para que profissionais envolvidos com a prática do ensino de Filosofia possam refletir sobre a importância da formação de cidadãos emancipados no meio da escola e dentro do contexto social.

Elencado nos apêndices e anexos disponibilizamos o Projeto Educacional de Intervenção que conta com a descrição do procedimento metodológico por nós adotado, buscando apontar elementos e situações que acreditamos pertinentes e possíveis dentro do espaço escolar por via filosófica para proporcionar a construção da emancipação dos discentes do Ensino Médio. Os apêndices e anexos contam ainda, com a ilustração e descrição dos recursos e atividades adotadas durante o processo de construção do Projeto Educacional de Intervenção e do levantamento e coleta de dados.

Em suma, tentamos entender na perspectiva de Adorno, “A Educação para a Emancipação dos Estudantes do Ensino Médio”, partindo de um determinado pressuposto para

⁴ O termo foi empregado pela primeira vez em 1947, quando da publicação da *Dialética do Esclarecimento*, de Horkheimer e Adorno. Este último, numa série de conferências radiofônicas, pronunciadas em 1962, explicou que a expressão “indústria cultural” visa a substituir “cultura de massa”, pois esta induz ao engodo que satisfaz os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa (ADORNO, 1999. p. 7-8).

se alcançar um pretendido resultado. No caso, o pressuposto é que, a Filosofia é emancipatória; e resultado almejado, é a efetivação do indivíduo emancipado. Defendemos o ensino da Filosofia como caminho, como via de acesso do pressuposto para o resultado. Pretendemos demonstrar que os pressupostos adornianos são capazes de mudar a visão dos estudantes e promover uma razão emancipatória e não instrumental.

1 OS PRESSUPOSTOS ADORNIANOS EM PROL DA EMANCIPAÇÃO

1.1 A Razão Emancipatória de Theodor Adorno

Neste capítulo, pretendemos apontar como os pressupostos de Adorno são pontes que favorecem o alcance da emancipação. É o momento em que discutiremos os princípios adornianos pela razão emancipatória.

Theodor Wiesengrund-Adorno, foi um pensador alemão que fez seus primeiros estudos e cursou a graduação em Filosofia na cidade de Frankfurt. Além de filósofo, dedicou-se também aos estudos de psicologia, sociologia, música, foi compositor, se debruçando ainda, sobre literatura, arte, retórica e cinema. Foi um pensador engajado com os movimentos e acontecimentos do seu tempo e época, procurou dedicar-se ao estudo, compreensão e explicação das questões sociais elaborando sobre as mesmas uma verdadeira teoria crítica, objetivando explicações coerentes e sistematizadas das diversas situações e circunstâncias que envolvem a humanidade.

Em 1932, escreveu o ensaio *A Situação Social da Música*, que serviu como base de outros estudos: *Sobre o jazz* (1936), *Sobre o Caráter Fetichista da Música* e *Sobre Música Popular (1940-1941)*. Adorno foi obrigado a fugir da Alemanha em 1933 para a Inglaterra, em função da invasão nazista, onde lecionou na Universidade de Oxford até 1938. Nesse ano, transferiu-se para os Estados Unidos e em parceria com Horkheimer, escreve o livro *Dialética do Esclarecimento* (1947). No intervalo entre a redação, com Max Horkheimer, do conjunto de textos de *Dialética do Esclarecimento* e sua publicação definitiva, Theodor Adorno escreveu os 153 aforismos de *Minima Moralia* entre 1944 e 1947.

Ainda nos Estados Unidos, realiza juntamente com outros colaboradores, um estudo considerado posteriormente um modelo de sociologia empírica: *A Personalidade Autoritária* (publicada em 1950). Dentre suas obras, encontramos também, *Para a Metacrítica da Teoria do Conhecimento – Estudos Sobre Husserl e as Antinomias Fenomenológicas* (1956), *Dissonâncias* (1956), *Ensaio de Literatura I,II,III* (1958 a 1965), *Dialética Negativa* (1966), *Teoria Estética* (1968) e *Três Estudos Sobre Hegel* (1969), *Indústria Cultural e Sociedade* (1947). Em 1970, foi publicada a obra *Teoria Estética*, escrito em forma de aforismos o livro se apresenta como uma síntese amadurecida sobre arte moderna. A trajetória do pensador em

questão tem como elemento marcante, uma vontade potencial de mostrar as opressões sociais e lutar contra as imposições do sistema capitalista.

Em 1950, ao retornar para Alemanha Adorno reorganiza o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt⁵, juntamente com Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros, eles sabiam da importância desse centro de reflexões, já que “[...] o Instituto para a Pesquisa Social foi criado com o objetivo de abrir espaço para uma reflexão marxista, a qual não seria acolhida em nenhuma outra instituição acadêmica até então existente” (DUARTE, 2002, p. 17).

Adorno é um dos expoentes da Escola de Frankfurt, desse modo, reconhecia a importância de reativar esse centro de estudos e de pensamentos do início da década de 1920 fundamentada na ideologia marxista. Esse instituto centraliza sua investigação na busca pelo entendimento do turbulento desenvolvimento da sociedade capitalista no século XX e preocupa-se com as condições que permitem ou impedem as mudanças sociais. Enfatiza uma teoria crítica da sociedade, na tentativa de analisar e ampliar condições e possibilidades para a emancipação social e humana dos indivíduos.

A teoria crítica, alavancada por Adorno, procurou mostrar as coisas realmente como elas são, ou seja, desvelar a realidade social tentando levar o sujeito a entender o meio no qual ele vive e conseqüentemente entender-se dentro desse contexto social. Desse modo, produziu uma intelectualidade importante ao discutir as questões da tecnologia⁶, ciência e modernidade.

⁵ A ascensão do **Nazismo**, a Segunda Guerra Mundial, o “Milagre Econômico” no pós-guerra e o **Stalinismo** foram os fatores que marcaram a *Teoria Crítica* da sociedade, tal como esta se desenvolveu do início de 1920 até meados dos anos 70. Sob a iniciativa de Felix J. Weil, filho de um negociante de cereais que fizera fortuna na Argentina, houve a “Primeira Semana de Trabalho Marxista” que tinha como prerrogativa lançar a noção de um marxismo verdadeiro e puro. A partir deste evento nasceu a ideia de criar um instituto permanente na condição de órgão independente de investigação. Este instituto foi estabelecido com um doativo de Herman Weil (pai de Felix) e de um contrato com o Ministério da Educação que frisava a exigência de que o diretor do instituto deveria ser titular de uma cadeira na universidade. O Instituto de Pesquisa Social (como foi denominado) e que deveria se chamar Instituto para o Marxismo, foi criado oficialmente por um decreto do Ministério da Educação em 1923, tendo como diretor Kurt Albert Gerlach, falecido em outubro de 1923. Foi Carl Grünberg que ocupou o cargo até 1930. Em 1931, foi criada uma dependência do instituto em Genebra, por sugestão de Albert Thomas (diretor da Organização Internacional do Trabalho). Em 1933, um escritório com vinte e um indivíduos instalou-se em Genebra, tornando-se o centro administrativo do instituto, que foi fechado pelos nazistas. A partir de setembro de 1933, a Escola de Frankfurt deixou a cidade de Frankfurt e formou departamentos na França e na Suíça. Cabe aqui salientar que sem a consolidação do instituto não teria sido possível a existência da Escola de Frankfurt –sendo que este desenvolvimento se deu somente após a saída (obrigatória) do instituto de Frankfurt; embora o termo “Escola de Frankfurt” tenha sido instituído somente após o regresso do instituto à Alemanha, em 1950. Disponível em: <https://bit.ly/3A4f05v>. Acesso em: 17 jun. 2021

⁶ Tecnologia é um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos (artefatos, sistemas, processos e ambientes) criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos (VERASZTO; *et al.*, 2009). Disponível em: <https://bit.ly/2WF3ZsN>. Acesso em: 23 jul. 2021.

A luta de Adorno não foi contra o desenvolvimento e conhecimento humanos, mas sim, contra as imposições capitalistas, domínio e coisificação do homem dentro desse sistema.

Adorno foi um pensador judeu, que assistia na Alemanha o nascimento e disseminação do nazismo, um sistema imposto por ideologias fortes e devastadoras, que vinha esmagando as minorias. A grande inquietação de Adorno era justamente entender como uma sociedade esclarecida se sujeitava a tal ideologia hegemônica, da qual o pensamento não é livre e sim, condicionado. Ele busca nas ideias de Karl Marx⁷ uma forma de compreender e explicar a situação vivenciada. Nesse segmento, Adorno discutiu e pensou a respeito da frustração do grande projeto moderno que sempre foi pautado no ideal racional, na defesa da ciência, na noção de evolução e progresso da humanidade. Ele começou a questionar o modo como o capitalismo fez a sujeição racional da modernidade a um grande projeto, a uma teoria, a uma autonomia, indicando com isso que a razão assume um caráter instrumental de controle e massificação.

Engajado neste movimento, Adorno caracteriza-se como um pensador que se voltou para o entendimento dos processos de formação do homem na sociedade e que, portanto, teve papel fundamental na investigação das relações humanas. Adorno alerta que a partir da disseminação das teorias iluministas, nas quais a razão é o foco de evidência e potencialidade, pela qual se acredita que o homem pode tornar-se um ser esclarecido, e que a partir daí se libertaria de toda e qualquer amarra (social, intelectual, política, econômica e religiosa), assistimos à implantação da ideia de superioridade da ciência. Confirmamos tal defesa, ao lermos que “[...] o conhecimento e o poder passaram a ser sinônimos” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Evidentemente, o contexto contemporâneo conta com um aparato maior de elementos criados pela indústria cultural, do que o contexto moderno vivido por Adorno. No entanto, acreditamos que o pensamento de Adorno é tão amplo e eficaz, que se torna capaz de auxiliar na compreensão das questões que nos angustiam atualmente. Além de tal verdade, poderemos ainda, contar com comentadores e escritores contemporâneos, que conseguem fazer uma conexão clara e objetiva entre as questões adornianas e a realidade atual, como por exemplo Antônio Zuin, Bruno Pucci, Luiz Nabuco Lastória, Newton Ramos de Oliveira, dentre outros.

Na perspectiva adorniana, o ideal libertador, defendido pelo iluminismo, acarretou na verdade um processo de criação de uma “razão instrumental”, ou seja, em um modo operante

⁷ Não desdobraremos as teorias Marxistas, apenas pretendemos aqui apontar a influência de Karl Marx no pensamento desenvolvido por Adorno, em especial no que se refere à questão da Indústria Cultural.

no qual o sujeito pensa e age seguindo um mecanismo que o aliena e reproduz a dominação, “[...] a instrumentalização da razão não conduziu a uma democracia efetiva, atrelando-se, pelo contrário, à dominação e a exploração” (ZUIN, 1999, p. 83).

Seguindo os pressupostos de Adorno (1995), quando há intenção de emancipar, precisamos pautar nossas ações nos quesitos já pautados nesta proposta investigativa. Uma das propriedades basilares desse momento era o destaque no poder da razão. Nesse assunto, devemos assentar o conceito de crítica como um dos ideais desse tempo, porquanto, “[...] ela constituía a aspiração fundamental dos iluministas” (ABBAGNANO, 1999, p. 223). O julgamento de crítica, de acordo com o pensamento kantiano seria:

Evidentemente que não é efeito de leviandade, mas da faculdade de julgar (*Urteilskraft*) amadurecida da época, que já não se deixa seduzir por um saber aparente; é um convite à razão para de novo empreender a mais difícil de suas tarefas, a do conhecimento de si mesma e da constituição de um tribunal que lhe assegure as pretensões legítimas e, em contrapartida, possa condenar-lhe todas as pretensões infundadas; e tudo isto, não por decisão arbitrária, mas em nome das suas leis eternas e imutáveis (KANT, 1994, p. 5).

Acerca dessa concepção Kant procurava, não exclusivamente debelar todo o conhecimento à crítica da razão, como também afrontar a razão à crítica para, dessa forma, ter a capacidade produzir as suas próprias demarcações de espaço racional. Tal caráter crítico mediante à própria realidade determina que o sujeito seja o autor do conhecimento adequado e não um indivíduo, indiferente, passivo.

Percebemos assim, que o ideal de um homem esclarecido capaz de pensar e agir de modo autônomo não se concretizou. Nessa toada, o pensador alemão Immanuel Kant, um dos grandes representantes iluministas da nossa história, chegou a declarar o não concretizado esclarecimento humano faltando muito para que o homem pudesse ser considerado emancipado e livre da influência e domínio do seu tutor: “Quando nos perguntamos “Vivemos agora numa época esclarecida?”. A resposta é “Não”, mas vivemos numa época de esclarecimento. Tal como as coisas se apresentam agora, estamos longe de ver homens verdadeiramente capazes de usar sua própria razão [...]” (KANT, 1985, p. 3).

Kant, acreditava e defendia que o ser humano conseguiria alcançar sua maioria⁸ através do esclarecimento, por meio do qual ele se tornaria livre e independente, se libertando

⁸ Por maioria, Kant entende o processo de tornar-se livre das amarras da tirania, quando o indivíduo decide servir-se do próprio entendimento sem estar submetido ao entendimento do outro. Em outras palavras, o homem somente adquire autonomia e torna-se completo, racional e livre no momento em que for capaz de suportar a dor de abandonar as comodidades do pensamento alheio e começar a pensar por si mesmo (KANT, 1985).

da menoridade⁹ e da dependência de outros para guiar sua vontade e a sua conduta. Assim, propõe a racionalidade como meio para alcançar tal propósito. Aliás, o movimento iluminista, de modo geral, creditou na razão todas as possibilidades de esclarecimento e superioridade para o ser humano. Kant indica a necessidade do *Sapere aude!*¹⁰ (Ouse saber), apontando que a busca constante pelo saber é o que pode caracterizar essa passagem da menoridade para a maioridade humana e defendia a necessidade de que os homens tivessem coragem de fazer uso do próprio entendimento.

Segundo a teoria kantiana, os elementos que dificultam ou impedem essa passagem estão na preguiça e covardia, uma vez que o ser humano se acomoda e não avança, pois, está sempre satisfeito e indisposto a buscar um novo caminho, a enfrentar seus limites, é mais fácil e cômodo aceitar aquilo que já está pronto e dado. Na abordagem kantiana, não basta apenas acreditar, é preciso de fato saber sobre fatos, acontecimentos e fenômenos. Os escritos kantianos identificam a importância da formação humana, defendendo esse processo de esclarecimento da sociedade e um desejo de autonomia e emancipação para o pensar e agir humanos.

Na perspectiva de compreender os passos que podemos direcionar rumo ao alcance, ou pelo menos, na tentativa de construir essa emancipação dos estudantes do Ensino Médio, é necessário reconhecer e pensar a teoria de Kant, que também foi meio de reflexão para Adorno, sobre os pontos de maioridade e menoridade. Entenda-se, ocasionalmente, a questão da menoridade como uma espécie de comodismo ao que nos é direcionado, uma maneira de seguir o que outros traçam para nos nortear. E no que se refere à maioridade, entenda-se, essa possibilidade de esclarecimento, ou seja, a liberdade da menoridade, a capacidade do pensamento livre e autônomo. É o que nos indica o autor

⁹ Kant define menoridade como a incapacidade do homem de fazer uso do seu próprio entendimento. Segundo Kant, a permanência do homem na menoridade se deve ao fato de ele não ousar pensar. A covardia e a preguiça são as causas que levam os homens a permanecer na menoridade. Outro motivo é o comodismo (KANT, 1985).

¹⁰ **Sapere aude** Tomando emprestado do poeta latino Horace, Immanuel Kant enquadrado o Iluminismo europeu com o lema: *Sapere aude* ('ouse saber') (Kant, 1784). O que o impressionou não foi o conteúdo das afirmações de conhecimento feitas pelos *Philosophes*, cujo trabalho havia procurado transformar a vida econômica, social, religiosa e intelectual por meio da aplicação da razão, mas a atitude ou espírito pelo qual a investigação estava sendo empreendida. O fato de o conhecimento ser adicionado ou suplantado era secundário ao processo pelo qual o mundo, e a própria pessoa como parte dele, estava continuamente se abrindo. *Sapere* significa compreender, mas também saborear, e com entusiasmo, de modo que os espanhóis tenham a expressão *con sabor*, 'com gosto'. O que configura a iluminação é a experiência do conhecimento sendo criado e saboreado, principalmente ao ousar ultrapassar as fronteiras da convenção, indagar ao longo dos limites do bom senso. Provar e ousar estão longe de ser experiências metafísicas, estão enraizadas na consciência empírica da pessoa; o conhecimento iluminado permanece com a vida e as coisas da vida (HOLT e HOND, 2013). Disponível em: <https://bit.ly/3zYAssr>. Acesso em: 24 jun. 2021.

É muito confortável ser um menor [...] mesmo que esteja já amadurecido, o indivíduo é desde o início incapaz de usar seu entendimento por conta própria porque nunca se permitiu tentar fazer isso. Dogmas e fórmulas [...] são grilhões de uma duradoura menoridade [...] poucos homens caminham decididamente e saem da menoridade, cultivando seus próprios pensamentos. [...] De fato, basta que a liberdade seja dada para que o esclarecimento torne-se praticamente inevitável (KANT, 1985, p. 1-2).

A discussão de Adorno está numa tradição kantiana, na qual se busca a noção de esclarecimento como forma de emancipar o indivíduo e retirá-lo do estado de tutela e menoridade. A inquietação kantiana ao tentar entender: se estamos vivendo em uma sociedade de fato esclarecida ou estamos passando por um processo de esclarecimento; acabou por invadir os pensamentos de Adorno levando-o a desenvolver uma teoria crítica em cima de todo o processo de esclarecimento.

O pensador frankfurtiano, preocupa-se em analisar o uso da razão como instrumental, em mostrar que ao invés de esclarecer, a razão iluminista acabou por promover o engessamento do pensamento humano. No decorrer da história humana, foi possível assistir que o domínio da razão acabou por levar o próprio ser humano a cometer atrocidades, em nome de interesses de alguns. O ideal de desenvolvimento foi engolido, por exemplo, por guerras e violências, que condenaram o próprio ser humano (criador dos aparatos e novidades) a experimentar as barbáries de suas criações.

O frankfurtiano buscou de modo amplo e profundo estabelecer uma crítica a razão técnica e ao mito da racionalidade científica. Debruçou-se sobre a ideia de que a ênfase iluminista na autonomia e emancipação do indivíduo acabou na verdade conduzindo a um caminho inverso, uma vez que direcionou o ser humano à barbárie, a acomodação e a semiformação. A razão iluminista, que tinha como base eliminar os mitos, parece na verdade ter transformado ela mesma em mito, pois acabou por configurar a ação racional como um pensamento mágico e coisificado da realidade humana, no qual tudo é transformado em objeto de consumo. A razão que deveria servir para libertar acaba por reforçar o domínio do sistema capitalista.

Segundo as concepções adornianas, o pensamento iluminista acaba por colocar a razão como centro e núcleo absoluto para a resolução e dissolução de mitos, o que acaba proporcionando um caráter instrumental à razão, pois ao usá-la com tal finalidade, acaba-se dando a ela uma utilidade e retirando seu poder libertador. A tentativa de libertar acaba escravizando, o tolhimento da liberdade dos indivíduos gera a alienação social e amarra os indivíduos a uma universalização totalitária de verdades impostas. Adorno juntamente com Horkheimer nos esclarece melhor, quando afirmam

[...] mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. [...] Contudo, a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos: o fruto da posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 17).

Adorno concentra-se em tentar entender o modo como a nossa sociedade chegou aonde chegou, buscando analisar o modo como o ser humano se deixou levar pelo processo de sedução da razão como algo útil, como instrumento. É como se fosse o canto da sereia, através do qual o ser humano se deixa levar pelo encanto e acaba por seguir de modo cego e arbitrário ao chamado, sem se dar conta dos possíveis riscos aos quais está sendo submetido. Levanta questionamentos sobre a questão de que mesmo vivendo na época das luzes (iluminismo), o ser humano não consegue seu estado de tutela, ele não consegue viver e se organizar no mundo de modo autônomo e emancipado. Indaga ainda, sobre o trabalho de mistificação das massas realizado pelo Iluminismo.

Na perspectiva de Adorno, a sociedade capitalista impõe um mecanismo de construção da heteronomia¹¹, ou seja, a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros, a falta de autonomia. É um sistema no qual o homem passa a ser igual ao coletivo e perde, assim, sua individualidade. Sob esse ângulo, o indivíduo perde a capacidade de pensar e agir por conta própria e, conseqüentemente, de ser solidário e respeitar o próximo. O homem na sociedade capitalista torna-se alienado de suas próprias condições de vida. O sujeito nega sua identidade para se assemelhar ao coletivo, construindo assim uma pseudoindividualidade e reproduzindo sempre o idêntico pela falta de coragem de dispensar ou superar o estado de tutela que está acostumado a viver. Como confirma Zuin

A pseudo-individualidade, portanto, é o resultado de um processo social que tem como principal característica a universalização do princípio da lógica da mercadoria tanto na dimensão objetiva, quanto também na subjetiva, minando a capacidade de intervenção-reflexiva do indivíduo. [...] Dificulta-se a sobrevivência do pensamento crítico numa sociedade em que os pseudo-indivíduos se transformam em “caixas de ressonância” de mensagens que seduzem pelo incentivo ao conformismo e à integração. Quando as pessoas se dessensibilizam em relação aos outros e em relação a si próprias, ou quando os objetos são construídos sem o objetivo de auxiliar a composição de uma vida melhor para todos, estamos diante de um sistema social, cujas relações favorecem um clima cultural favorável à reincidência da barbárie [...] (ZUIN, 1999, p. 71, *Sic.*).

¹¹ Conceito incorporado ao projeto filosófico de Kant para denominar a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros ou de uma coletividade. Opõe-se assim ao conceito de autonomia onde o ente possui arbítrio e pode expressar sua vontade livremente (KANT, 1985).

Apesar de algumas pessoas vislumbrarem as teorias adornianas em um espectro unicamente pessimista, gostaríamos de indicar que, na verdade sua pretensão converge-se em apontar a hegemonia da razão instrumental, a qual está a serviço da propagação da dominação, exploração e injustiças sociais sobre a razão emancipatória elaborando uma crítica em torno do risco advindo de tal supremacia da razão instrumental. Como confirma o próprio autor “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma [...]” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 100). O pensador tem assim, o ideal de incitar o pensamento reflexivo em busca de libertação das amarras opressivas da artificialidade convencional criada pelo capitalismo e reforçada pela chamada “Indústria Cultural”.

Na vertente adorniana, “[...] o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 104), todos os setores da esfera humana são expostos ao crivo da influência e ação da indústria cultural. Desse modo, percebemos que no seio da indústria cultural tanto o respeito ao ser humano quanto ao seu pensamento, acabam por serem diluídos em meio a práticas repetitivas, desmotivantes e aniquiladoras da possibilidade de autonomia e emancipação. Em função dessa razão emancipadora, defendida por Adorno, é que creditamos a ele a capacidade de conduzir essa análise para nortear nosso caminho.

Adorno não é um pensador que se dedicou à linha da educação especificamente, no entanto, enxergamos em seus escritos possibilidades de pensar a escola, a formação e a educação dos sujeitos. Ele faz apontamentos críticos do contexto vivido e dos impactos que o capitalismo acarreta na vida dos indivíduos, mas tal crítica não é impedimento para acreditar na realização de mudanças para a construção de novas realidades. As contribuições de Adorno ao pensamento filosófico-educacional incorporam o ideal de que a prática educacional é emancipatória, defesa da importância do pensamento autorreflexivo e a função de resistência ao que está posto e dado na sociedade.

Adorno é contra a forma irracional como a racionalidade técnica se efetiva na sociedade sob a tutela do fetiche da mercadoria. E é no exercício da crítica imanente da produção da cultura, bem como dos prejuízos na formação que se pode observar a relevância dos escritos dos chamados pensadores frankfurtianos. Sobretudo na possibilidade de que sejam negadas as condições determinadas que obstam o desenvolvimento das potencialidades humanas. [...] A desconfiança frankfurtiana se baseia numa sociedade que promete, mas não cumpre, pois não são falsos os conteúdos das promessas burguesas, mas sim a pretensão de que eles se encontram, nos dias atuais, verdadeiramente efetivados (ZUIN, 1999, p. 77).

A opção em se trabalhar com um pensador moderno, pauta-se no fato de que a proximidade da realidade vivenciada por ele com a realidade que nós vivenciamos, torna a teoria viva, eficiente e aplicável aos dias atuais. Some-se a isso, o fato de estarmos inseridos em um sistema democrático, no qual existe essa possibilidade de atuação e participação, e como nos afirma o próprio Adorno “A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia [...]” (ADORNO, 1995, p. 169).

Para concretizar o ideal emancipatório de Theodor Adorno, é necessário fazer da Filosofia mola propulsora para o saber, não é “usar” a Filosofia como mero instrumento e como uma disciplina do pensar, mas sim, fazer dela o caminho, o fio condutor entre o perceber, o questionar, o pensar e o agir. Fazer com que, cada indivíduo perceba por si mesmo, aquilo que afeta e atinge o coletivo e favorecer que a partir da percepção ele questione o que está instaurado e pense meios possíveis de libertação e de ação na prática social e política. Precisamos firmar o compromisso da Filosofia no Ensino Médio com a construção de uma outra sociedade, de fato, emancipada e capaz de pensar e agir de modo esclarecido e autônomo.

As aulas de Filosofia devem ser desenvolvidas visando uma resistência contra a força da indústria cultural, oportunizar uma reflexão sobre a vida social e o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva, são itens importantes que favorecem aos estudantes um desvelamento das contradições, barbáries, dominações e explorações que se instauram na sociedade em todos os setores. É preciso tentar conciliar teoria (história da Filosofia) e prática (vida do estudante), deixando claro que o que foi e é pensado, não é algo meramente contemplativo, sem aplicação e/ou sentido. Contrário a essa retórica, é preciso entender as teorias críticas estabelecidas ao longo da história, aplicando tais teorias e criando novos conceitos e formas de vida desamarradas de imposições de um sistema que apenas pretende manipular uma massa dominada.

Defendemos que esse, deve ser o ideal filosófico emancipatório da contemporaneidade, em “[...] que assume uma dimensão de Educação para a resistência do estabelecido, para demolir o processo social de adesão conformista à ordem social considerada inadequada, uma Educação para autonomia, não para a dominação” (VILELA, 2007, p. 9).

O ponto chave que podemos dar às teorias adornianas no que tange ao âmbito educacional foca-se na seguinte questão: estamos vivendo um processo de esclarecimento ou estamos entregues a um uso instrumental da razão? Adorno preocupa-se em analisar e entender qual é de fato, o posicionamento da humanidade em relação ao esclarecimento, já que mesmo diante de tamanha racionalidade o ser humano caminha como um retrocesso, com ações bárbaras.

A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional que a razão. [...] agora o homem inteiro torna-se objeto da repressão. O progresso da sociedade industrial, que deveria ter eliminado como que por encanto a lei da pauperização que ela própria produzira, acaba por destruir a ideia pela qual o todo se justificava: o homem enquanto pessoa, enquanto portador da razão. A dialética do esclarecimento transforma-se objetivamente na loucura (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 168).

Diariamente somos bombardeados por notícias que revelam esse teor bárbaro da humanidade: jovens que ateam fogo em índio, pais que matam filhos, filhos que assassinam os próprios pais, tutores que se tornam algozes de seus tutelados, jovens que metralham seus semelhantes dentro de escolas ou em parques, pessoas que matam em nome da cor, função, posição social ou geográfica, ideologias, piadas racistas, anedotas homofóbicas, ações machistas, sexistas, práticas de misoginia, violência, pedofilia, *bullying*, feminicídios, segregação, dentre tantas outras atitudes que demonstram desejo de superioridade e intolerância. E esses acontecimentos são “justificados” como engano, brincadeira, surto, normal, aceitável, essas são possibilidades entre algumas ideias que tentam buscar um ponto de apoio favorável ao ato praticado.

Desse modo, percebemos que a barbárie ainda é presente e latente na sociedade contemporânea, de uma forma ou de outra, ela acaba manifestando-se e fazendo-se presente. Atos de vandalismo e crueldade praticados por pessoas supostamente esclarecidas e bem formadas, indicam que a mesma humanidade cada vez mais esclarecida e dotada de aparatos tecnológicos é capaz de cometer atrocidades para satisfazer suas necessidades e anseios. Por isso, precisamos resgatar a razão emancipatória e desmarcar a razão instrumental que está a serviço de uma indústria do consumo e do prazer.

A reincidência da barbárie não é apenas observada nos atos mais explícitos tais como o assassinato do índio Galdino¹² [...]. Ela também é notada no sorriso conivente

¹² A madrugada posterior à comemoração pelo Dia do Índio, em 19 de abril de 1997, chocou todo o Brasil. Por volta das 5h30 de domingo, à época, 20 de abril, cinco amigos deixavam o Centro Comercial Gilberto Salomão com um carro Monza preto, após uma noite. Na parada de ônibus da 703 Sul, estacionaram o veículo para “brincar”. No local, dormia o cacique da tribo Pataxó Hã-hã-Hãe Galdino Jesus dos Santos, 44 anos. O quinteto, que morava no Plano Piloto, era formado por Antônio Novely Vilanova, na época com 19 anos, Max Rogério Alves, 19, Tomás Oliveira de Almeida, 19, Eron Chaves Oliveira, 18 e G.A.J., 17, estava munido com álcool e fósforos. Eles utilizaram o material para queimar vivo o indígena, que visitava Brasília pela segunda vez. Galdino havia chegado na capital ainda naquele sábado, juntamente com outros oito índios da tribo oriunda do Sul da Bahia. Após comemorarem a data com protestos, o cacique deixou a festa por volta de 0h e se direcionou até a pensão onde estava hospedado, a 200 metros do ponto de ônibus onde ocorreu a tragédia. Perdido, chegou ao local às 3h, contudo, não pôde entrar. A dona da pensão o barrou e disse que já passavam das 21h; hora em que as portas normalmente se fecham, relatou um primo do cacique ao Correio, à época. O índio descansou por duas horas, até que a barbárie ocorreu. Após o ato violento, os amigos fugiram no veículo, mas foram seguidos por uma testemunha que passava pelo local e anotou a placa. Enquanto isso, Galdino recebia ajuda de outras pessoas, que tentavam apagar as chamas com água e com um extintor de incêndio. PERES, Sarah. **Morte do índio Galdino, em Brasília, completa 21 anos hoje**. Site Correio Braziliense. Postado em: 20/04/2018. Disponível em: <https://bit.ly/2TMjnP1>. Acesso em: 17 jun. 2021.

daquele “indivíduo” que acha graça na anedota preconceituosa, pois teme não ser considerado membro do grupo ao qual pertence caso não proceda dessa forma ou mesmo no consumo de produtos simbólicos que incentivam a sexualidade precoce das crianças que ainda não possuem as capacidades afetivas e cognitivas necessárias para poder refletir que o modelo de sexualidade imposto pelo consumo desses produtos não pode ser considerado a única alternativa para a concretização do processo de individuação (ZUIN, 1999, p. 155).

Em resumo, “A concepção de educação de Adorno objetiva exatamente criticar essa sociedade que, potencialmente, carrega dentro de si o retorno da barbárie” (ZUIN, 1999, p. 123-124). Assim, é possível perceber que no pensamento de Adorno, a educação desempenha papel fundamental de resistência e de possibilidade de evitar a barbárie imposta pelo capitalismo, e conseqüentemente buscar a emancipação humana. Seguindo os passos de Adorno, entendemos que ao usar a razão de modo crítico e não como instrumento, ela se torna esperança e promessa de uma sociedade organizada em prol de um esclarecimento e de uma emancipação. Ao possibilitar o caráter emancipatório, a educação proporciona que o indivíduo possa superar seus medos e anseios, o possibilitando estabelecer relações sociais saudáveis e não exploratórias. Entende-se, portanto, que a teoria adorniana nos direciona para a compreensão da estreita relação existente entre razão e emancipação.

1.2 Pensando a Emancipação pelo viés da Educação

Ao elaborarmos um pensamento visando a compreensão da emancipação, é notório o fato de que a educação simboliza, ainda, uma chama de esperança para a concretização do ideal de formar indivíduos emancipados. Analisando o contexto escolar vigente a partir do prisma emancipatório proposto por Theodor Adorno, percebemos que inegavelmente a escola caracteriza-se como uma instituição capaz de desenvolver e permitir que os estudantes possam pensar de modo autônomo e tomar suas próprias decisões. A autorreflexão sobre seu modo de pensar e agir é um caminho para frear a barbárie que se instala no nosso meio, além de oportunizar o resgate das possibilidades emancipatórias na formação.

[...] não é menor a sua esperança de que o processo educacional possa ser útil na luta que o servo, o pseudo-indivíduo, reflita cada vez mais sobre sua participação na reprodução da barbárie. Talvez haja a recuperação da dignidade que se fora com a servidão, na medida em que se conteste as ordens desses tiranos e não mais as execute, deixando de eliminar tanto o “diferente” quanto a si próprio. Fazer escola, tendo por base as ideias de Adorno, segundo Hilbing, significa, antes de mais nada, recuperar suas intenções de procurar realizar a denominada desbarbarização (*Entbarbarisierung*) através de um projeto escolar humanizador; significa ‘construir uma casa, ou uma escola, nas quais torna-se possível ter uma vida que não se

petrifique e nem se endureça. ' (HILBIG, 1995, p.43). Os educadores procuram aduzir que é possível elaborar uma prática pedagógica baseada nos fundamentos teóricos de Adorno sem que essa própria práxis caia na armadilha ideológica de se auto-intitular a proposta que acabará de uma vez por todas com as práticas preconceituosas e com as atitudes sadomasoquistas dentro ou fora das salas-de-aula (ZUIN, 1999, p. 134).

Observando o perfil dos estudantes do Ensino Médio, percebemos que o sistema educacional está permeado de situações que acabam por favorecer a heteronomia desses estudantes, no qual os mesmos se mantêm no processo de minoridade em função de um modelo tecnicista e conteudista ainda vigente. “[...] A aliança entre o esclarecimento e a dominação impediu que sua parte de verdade tivesse acesso à consciência e conservou suas formas reificadas” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 146). Entendemos que esse fator, dificulta que o aluno exerça sua liberdade de pensar e expressar de modo consciente, ou seja, tal questão acaba por bloquear a busca pela emancipação e o alcance da maioridade. Acreditamos, assim que dentre os possíveis papéis cabíveis à Filosofia, está a potencialidade de ativar dispositivos nos estudantes que os motivem a buscar liberdade e justiça diante das imposições e esquematismos que inviabilizam a construção da emancipação.

O indivíduo que vai se formando nesse processo de ensino e aprendizagem mecanizado e quase automático, comumente permite uma nulidade de si próprio, pois acaba por acomodar-se à imagem construída pelo sistema midiático, pelas ideologias dominantes e por vezes, não assumem o seu ser individual, não agem de modo reflexivo e crítico, não edificam uma emancipação. Consequentemente, não se vêem e se constroem como sujeitos de direitos (sociais, políticos, religiosos, subjetivos, educacionais), porque já estão acostumados e adaptados a um dado sistema de ideias e ações.

Temos observado desse modo, essa massificação do indivíduo, e isso nos impulsiona a tentar entender: como a Filosofia pode contribuir para a construção do processo de emancipação dos alunos do Ensino Médio, por isso defendemos que a Filosofia pode contribuir para a incorporação do processo de formação e emancipação, deve ser discutida e implantada nas instituições de ensino, procurando assim, entender como e para que, estamos educando nossos estudantes.

Dessa forma, torna-se necessário esclarecer a ideia de que a história e o nosso modo de viver no mundo é o elemento fundamental para formação da nossa consciência, e que tal consciência, se amplia para a dimensão política, pois o ser humano está engajado em um sistema social e de tal maneira, é inevitável não agir por si e por uma coletividade. De tal modo, acreditamos e defendemos que tais ações guiadas pela face da Filosofia são capazes de

promover uma formação que impulsiona rumo à emancipação e conseqüentemente, ao pensar e agir autônomos.

[...] a possibilidade da reapropriação das potencialidades emancipatórias da formação não se faz apenas desejada. Ela é uma das principais condições de resistência à reprodução da dessensibilização e da barbárie. Ora, a reapropriação da capacidade de autocrítica da formação passa também por uma concepção da educacional pautada nos escritos dos pensadores da chamada teoria crítica. A busca pela efetiva aproximação entre os desejos individuais e as regras e leis sociais deve ser baseada na constatação de que, na atual sociedade, observa-se um hiato muito grande entre os conteúdos das promessas de igualdade e suas respectivas realizações. Essa crítica da ideologia também necessita estar presente durante a realização do educativo dentro ou fora das escolas (ZUIN, 1999, p. 157).

Entendemos que a educação será nosso contexto de análise, uma espécie de fio condutor, por meio do qual pensaremos as (im)possibilidades para a concretização de uma educação emancipatória. Não podemos construir uma educação emancipatória, se não olharmos a educação pelo viés da emancipação, é preciso também ter essa perspectiva de arquitetar um contexto, de fato, oportuno para a realização de uma construção de uma educação autônoma, crítica e consciente.

Nessa intenção, adotamos o prisma de que a Filosofia deve instigar nos estudantes, a necessidade de posicionamento frente às questões que se apresentam em suas existências. Não intentamos ficar meramente no campo das ideias, mas permitir que os estudantes façam uso de suas próprias vivências para compreensão da sua realidade, percebam as armadilhas que os cercam, as imposições que cerceiam sua autonomia e bloqueiam uma vida emancipada.

A filosofia, segundo a única maneira pela qual ela ainda pode ser assumida responsabilmente em face do desespero, seria a tentativa de considerar todas as coisas como elas se apresentariam a partir de si mesmas do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem outra luz além daquela que, a partir da redenção, dirige seus raios sobre o mundo: tudo o mais exaure-se na reconstrução e permanece uma parte da técnica (ADORNO, 1992, p. 215-216).

A crença de que o esclarecimento conduz o ser humano ao progresso e ao êxito, é uma questão que foi discutida por Adorno e que merece ser analisada no atual contexto educacional, pois é preciso buscar entender que tipo de humanidade emancipada, está sendo formada nas escolas públicas e como a Filosofia pode contribuir para tal questão. Precisamos reacender as indagações sobre as ações pautadas em uma menoridade, através das quais apenas circulamos em um campo mimético de reprodução, como nos diria a própria teoria adorniana “[...] faz parte da planificação irracional desta sociedade que ela, bem ou mal, apenas reproduza

a vida de seus fiéis. A escala do teor de vida corresponde exatamente ao elo íntimo das castas e dos indivíduos com o sistema [...]” (ADORNO, 2002, p. 49).

Numa sociedade na qual impera a banalização do indivíduo, induzindo-o a deixar de pensar e agir com profundidade sobre sua realidade, para se prender às leis do mercado e ao espetáculo do mundo, nasce a alienação e se instaura a barbárie na sociedade. Para demonstrar os símbolos máximos da selvageria humana, Adorno utiliza o Holocausto e os campos de concentração. E a partir daí, trabalha a ideia de que todo o horror acontecido em Auschwitz não deve se repetir novamente, e que para tanto, é imperativo trabalhar a emancipação para que as pessoas sejam de fato esclarecidas, e não se deixem reprimir por um sistema desumano e cruel como foi o nazismo.

Desse modo, evidencia-se na proposta de Adorno, a defesa de um projeto de libertação do homem por meio da formação pelo viés da educação, porém uma formação de amplitude humanística. Para Adorno, o ensino deve ser uma arma de resistência à Indústria Cultural na medida em que contribui para a formação da consciência crítica e permite que o indivíduo desvende as contradições da coletividade. O pensador questiona a educação autoritária, pensando como referencial uma educação capaz de emancipar. Assim, o projeto adorniano de uma educação emancipadora ganha sentido podendo contribuir com o processo de libertação humana. Assim, ele confirma ao nos indicar que

Não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização. A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado (ADORNO, 1995, p. 27).

Entender tais acontecimentos e conseguir desmistificar seu caráter de supremacia e de irreversibilidade é fator imprescindível para a construção de um processo emancipatório dentro das nossas escolas de Ensino Médio. Entendemos que os jovens dessa modalidade de ensino são importantes agentes de transformação social, pois não são tão ingênuos e inocentes quanto as crianças que não compreendem e não têm a capacidade de se posicionarem de modo autorreflexivo diante de fatos e fenômenos sociais, políticos, econômicos ou religiosos que perpassam a realidade; mas, também, não estão na fase adulta repletos de tarefas, prazos e compromissos e tampouco chegaram à fase idosa de cansaço e desânimo para galgar mudanças para si e para seu grupo. Então, em face dessa circunstância, compreendemos que tal fase educacional se configura como um momento ideal para a busca da emancipação, pois assim

não são usurpados da sua infância e nem da sua velhice, mas acabam atuando para garantir que terão uma vida embasada em ações subjetivas e que não serão meramente manipulados por um sistema.

Além do exposto anteriormente, defendemos que uma educação emancipatória é capaz de promover uma consciência política, a qual possibilita ao indivíduo que ele se conecte com a realidade vivida e assim, propicia que ele possa efetivar ações que interrompam a barbárie que se institui nas escolas e na sociedade de modo geral. Confiamos segundo Zuin (1999, p. 132), o qual avaliza que “[...] aceitar o desafio de realizar a sua própria autocrítica almejando impedir que ocorra a absolutização tanto da teoria quanto da prática [...]”, é o ponto de partida para a realização do processo emancipatório dos alunos do Ensino Médio.

[...] a autonomia, tal como pensada por Adorno, seria capaz de fazer o homem descobrir sua força de ação para a mudança, para construir o seu verdadeiro mundo de justiça social sob a égide da tolerância, da solidariedade, do respeito e da ação coletiva, orientada para o bem comum. Deliberadamente, deve fomentar a capacidade de superar o conformismo e a indiferença, a capacidade de experimentar, de arriscar, de fazer diferente dos outros, de romper com a heteronomia resultante da vida social, pautada por ações determinadas fora do sujeito, e, assim, torna as pessoas dependentes de normas que não são assumidas pela sua própria razão. [...] buscaria promover o desenvolvimento da subjetividade e da individualidade como condição para viver a pluralidade da vida social humana, uma vez que ele aponta como princípio de libertação das relações sociais danificadas a capacidade máxima de cada um se constituir como sujeito. Para Adorno, quem não é autônomo não tem condições de reconhecer a autonomia do outro; portanto, quem não se enxerga como sujeito não tem condições de aceitar o outro como sujeito. Nesse sentido, a Educação para superar o estado de dominação da consciência, deveria ser um programa deliberado de resistência ao estabelecido, para formar sujeitos não tutelados, autônomos, capazes de pensar, de falar e de agir por si mesmos, capazes de enfrentar a contradição imanente na vida social sob o capitalismo e agir contra essa condição (VILELA, 2007, p. 10).

Considerando o atual cenário das escolas públicas do nosso país, onde é perceptível que os estudantes se encontram em um sistema imposto e que de tal modo, não alcançaram sua emancipação enquanto indivíduos, torna-se primordial a busca pela compreensão de como é possível proporcionar a formação do processo emancipatório dos estudantes.

Do mesmo modo que Adorno, hodiernamente, assistimos à ação dessa razão instrumental, algo que é usado para manipular e controlar o pensamento humano. Há uma padronização, um estilo domesticado, no qual tudo que é diferente, torna-se desagradável, em função de que o gosto e a prática já foram afeitos e condicionados a padrões pré-estabelecidos.

Por isso, é complicado inovar no espaço escolar, há um hábito em se receber um professor explicador e em se ter um aluno ouvinte. O que se apresentar de modo distinto desse padrão, o que for diferente disso, foge ao modelo escolar atual e habitual, isso porque “A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente

aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 120). Mudar esse modelo requer ousadia, curiosidade e criatividade para que possamos despertar e implementar novas experiências.

É importante atualmente, assim como Adorno e seus companheiros fizeram na Alemanha, buscar uma prática em prol da emancipação da educação. Nessa altura dos nossos estudos, entendemos a emancipação como ação esclarecida, como algo livre do obscurecimento da consciência alienada, uma forma de pensar e agir autonomamente. Desse modo, vislumbramos que a necessidade de emancipar o pensamento humano, libertando-o dos condicionamentos instrumentais, dos engessamentos da falsa e aparente formação e esclarecimento, torna-se elemento essencial no processo educacional, pois como nos assegura Adorno, 1995, p. 27 “[...] a recuperação da experiência formativa permitiria reconstruir um padrão para o que seria efetivamente “racional”, sem o déficit emancipatório que a racionalidade instrumental impõe.”

Pretendemos demonstrar que os pressupostos adornianos são capazes de aguçar a capacidade reflexiva e crítica dos estudantes, viabilizando uma possível formação de uma razão emancipatória e não instrumental. Gerando oportunidade para que os estudantes não fiquem estagnados em uma semicultura, uma semiformação, através da qual ele adquire uma falsa ideia de conhecimento, sabedoria e verdades, que acabam por afundar o ser humano em um mar de opiniões comuns, convenções estabelecidas, estigmas, costumes, tradições que manipulam ao senso do politicamente correto, uma espécie de padronização e uniformização de condutas que visa atender aos interesses do sistema capitalista.

Trata-se de se ter consciência de que a mercantilização dos produtos simbólicos, ou seja, a indústria cultural, não permite, de antemão, a verdadeira democracia e nem a validação do exercício da racionalidade livre, objeto de desejo da própria formação. Para Adorno, ‘a não-cultura’ pode se converter em consciência crítica, pois ainda conserva certa dose de ingenuidade, ceticismo e ironia (ADORNO, 1996, p. 397). Já, a semicultura, que solapa violentamente essas virtudes, enrodilha-se na produção do conformismo e da fácil aceitação da realidade. Se considerarmos válida essa dedução, torna-se inevitável a observação de que, nos dias de hoje, esse tipo de consciência irônica e cética está fadada a ser extinta. Para tanto, basta observar o alcance global das formas de conduta que estão atrelados ao consumo dos produtos semiculturais, difundidos pela mídia (ZUIN, 1999, p. 125).

Vilela (2007, p. 11) seguindo o viés de Adorno afiança que “[...] avaliava a escola como sendo a instituição social ainda capaz de formar o homem libertado das amarras da dominação inerentes à ordem social capitalista” e que acredita que a solução para o problema do processo de massificação, no qual todos são iguais e não possuem liberdade de pensar e agir,

seja a educação, nós também entendemos a educação como meio para promover a emancipação e a formação crítica e consciente dos estudantes do Ensino Médio.

Por meio da educação, podemos despertar nos estudantes a importância da política¹³, pois “[...] onde a educação política é levada a sério e não como simples obrigação inoportuna, ela provoca um bem maior do que normalmente se supõe [...]” (ADORNO, 1995, p. 45) como forma de humanização do indivíduo.

De tal modo, torna-se urgente o desenvolvimento de uma prática filosófica que tenha como norte a formação emancipatória dentro do processo da educação. É de suma importância a promoção de uma educação filosófica pautada no propósito de oferecer resistência à propagação e disseminação de ideias que cultivam a barbárie e a exploração do humano, faz-se preponderante, tanto dentro quanto fora dos muros das escolas, o enfrentamento dos desafios que foram sendo construídos ao longo do processo de semiformação humana ofertado pela indústria cultural com o objetivo de massificar e manipular a humanidade.

Diante disso, mais do que perceber, precisamos desvelar, desmistificar e desconstruir todo processo de semiformação e mascaramento da realidade para que possamos vencer as formas de opressão e violência que continuam a serem firmados através de falsas ideias disseminadas que provocam a preguiça, o comodismo, a aceitação e o conformismo diante dos fatos e acontecimentos. É preciso o exercício da razão crítica e reflexiva, rompendo assim com a prevalência dos desafios impostos para a construção do processo de emancipação do ser humano.

1.3 Desafios e extremismo no processo de emancipação

A mitologia grega traz narrativas fantásticas que promovem imaginação e nos leva a fazer reflexões acerca das situações que nos envolve no nosso dia a dia. Ao pensarmos sobre a escola e suas complexidades, temos diante de nós desafios e também nos deparamos com extremismos. Talvez, um dos motivos que dificultam o exercício da autonomia e o despertar da

¹³ Política não no sentido partidário, mas política social, no sentido de que é por meio do envolvimento social que o indivíduo se percebe como um ser vivente na sociedade, com características distintas das características dos demais membros de tal sociedade, este indivíduo acaba se percebendo como ele é de fato, e não como a sociedade quer que ele seja. Ele se percebe como sujeito consciente de si e não apenas como mais na multidão. Tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente: se permanecemos no simples remorso ou se resistimos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível (ADORNO, 1995, p. 45-46).

emancipação esteja vinculado à noção de extremismo. Isso nos remete ao mito “As asas de Ícaro”¹⁴.

Essa narrativa relata que Dédalo e Ícaro, pai e filho, são castigados pelo rei Minos a permanecerem presos no labirinto de Creta. Esse labirinto foi construído pelo inventor Dédalo para encerrar o Minotauro (monstro e flagelo da cidade). No entanto, Dédalo fornece à princesa Ariadne um fio que ela entregou a Teseu e o qual ele usou para fugir do labirinto após eliminar o monstro. Minos, então, considera Dédalo como um traidor, e como castigo e punição decide fazê-lo provar da sua própria invenção. Dessa maneira, mantém pai e filho presos na Ilha de Creta.

Desolado com a situação, Dédalo acaba tendo uma ideia para se livrar da situação que está acometido. Fazendo jus à qualidade de ser um bom inventor, usa sua criatividade e arquiteta asas para que ele e o filho possam escapar daquele castigo. Ele monta em armação de madeira e penas de aves encontradas pela ilha, enormes asas que os oportunizaram a fugir daquele lugar. O pai orienta ao filho para que tomasse cuidado com o sol, que procurasse voar longe do sol para evitar derreter a cera que havia usado para firmar as penas. No entanto, o filho, no ápice da empolgação com a situação vivida, voa cada vez mais alto e acaba encontrando-se com a morte.

Essa alusão ao mito de Ícaro é uma tentativa de apontar como passamos constantemente por desafios, e que conseguimos desvencilhar dos mesmos com base na criatividade, empregando a nossa realidade para encontrarmos saídas admissíveis. No caso de Dédalo e Ícaro, a capacidade inventiva associada aos elementos descobertos na ilha oportunizou o meio encontrado para sair daquela situação. Assim também acontece dentro do espaço escolar, no qual diante dos desafios precisamos criar mecanismos que orientem uma intervenção viável diante das questões suscitadas. Comparado ao mito, o processo de emancipação também esbarra em desafios diários, nos quais os estudantes são condicionados e acostumados a viverem limitados dentro de certas “ilhas” e “labirintos”.

Associado aos desafios podemos encontrar também o extremismo, ou seja, seguir ou executar algo de modo, às vezes, inconsequente. Na narrativa mitológica exposta, a intransigência é apresentada quando Ícaro, muito empolgado chega ao seu derradeiro voo, ele não se contenta em voar baixo, ao sentir o vento em seu rosto, deseja alçar voo cada vez mais alto.

¹⁴ FRANCHINI; SEGANFREDO. As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 464.

Tais interpretações originaram uma analogia entre o mito e o cotidiano escolar, enxergamos que a questão do extremismo está intrinsecamente ligada aos desafios, isso porque diante de situações problemas, ocasionalmente, acabamos tomando posse apenas de um ponto de vista, posicionando-nos de maneira radical, fazendo com que não alcancemos objetivo proposto e almejado. Por vezes, perdemos o foco, porquanto, estamos sempre em situações extremadas, dificilmente conseguimos alicerçar o caminho do equilíbrio, como nos indicou Aristóteles com sua *teoria da mediania*¹⁵.

Isso posto, atentemos para a importância do trabalho emancipatório dentro da escola. Precisamos trabalhar os desafios, vislumbrando o cuidado com o extremismo e a importância do cultivo pela autonomia com esclarecimento do pensar e do agir. Caso contrário, incorremos no risco de atingirmos níveis de barbárie dentro das nossas experiências educacionais. Adorno (1995) avalia acerca dessas probabilidades

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização [...] mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 1995, p. 155).

Explorando a necessidade de esclarecimento e de autonomia, as teorias adornianas defendem que educação não implica necessariamente em emancipação, pois sociedades consideravelmente esclarecidas foram sucumbidas a situações de guerra e barbárie no decorrer da história humana. Desse modo, na visão desse pensador é missão imprescindível desmascarar o processo de educação como mera apropriação de conhecimentos técnicos que segundo ele, norteia à barbárie “[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia [...]” (ADORNO, 1985, p. 155). Em vista disso, apreendemos que o pensamento de Adorno nos conduz a entender que dentre os desafios para a emancipação humana, está embutida a questão do extremismo. Reforçamos que sociedades inteiras, embora possuíssem todas as elucidações humanas aceitáveis, foram levadas a ações, extraordinariamente, desumanas.

Acreditamos que “[...] a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola” (ADORNO, 1995, p. 116). Com base em tal ideal, defendemos que

¹⁵ A *mediania*, segundo Aristóteles, está inserida entre dois vícios, porque os impulsos, as paixões e os sentimentos tendem ao excesso ou à deficiência, e a razão deve impor a justa medida, que é o meio caminho, ou mediania, entre os dois excessos, que é uma forma de acerto digno de louvor (RUSSO, 2013, p. 46). Disponível em: <https://bit.ly/3rK3n0A>. Acesso em: 18 jun. 2021.

enquanto a escola não preparar os indivíduos para a resistência diante da barbárie gerada pela sociedade, as pessoas continuarão a prender-se em situações de preconceito e opressão. Circunstâncias essas que fazem imperar domínios ideológicos que cerceiam as capacidades humanas, ameaçando a própria liberdade de pensamento e de ação, sob dominações radicalistas, impedindo os indivíduos de buscarem um meio conciliábulo, uma solução sensata mediante aos desafios.

Segundo Gallo (2012), enxergamos que uma possibilidade para essa não-barbárie proposta por Adorno, e para a contensão do extremismo diante dos acontecimentos poderia estar presente na própria sala de aula. Essa, poderia funcionar como um espaço, no qual se construiria trincheiras de resistência às imposições do sistema dominante. Nesse espaço de confinamento que a escola se tornou, as pessoas são moldadas de acordo com os interesses capitalistas e egoístas, contudo, por intermédio de uma educação emancipatória poderia suscitar nos estudantes o pensamento de algo novo que, a princípio, seria impensável. Gallo (2012) enfatiza que

Em vez de sermos mais uma engrenagem na grande máquina de controle em que se converteu a sociedade contemporânea, agindo como vetores da educação maior e contribuindo na produção de cidadãos, indivíduos massificados e prontos a serem controlados, embora aparentemente vivam em liberdade e no regime dos direitos democráticos, podemos investir na autonomia, na singularização, na fuga a qualquer controle (GALLO, 2012, p. 32-33).

Na vivência do dia a dia e na prática docente, sabemos que ainda é preciso pensar o que pode ser feito para propiciar a construção da autonomia e favorecer, significativamente, o processo de formação da emancipação dos estudantes nas escolas. Hodiernamente, percebemos que a escola está dominada pelo poder da máquina capitalista, na qual o sistema anseia por uma educação utilitária, pragmática e não transformadora. Sabemos que a indústria cultural é um fator que desempenha um caráter desafiador para o processo emancipatório, já que ela busca propagar a ideia da adaptação dos sujeitos ao modo de vida social.

Consoante Adorno (2002, p. 22) “A indústria cultural absolutiza a imitação” alastra-se não apenas por meio dos produtos a serem consumidos, como também, ela sistematiza ações e pensamentos dentro de um esquema programado e isso se configura como um elemento desafiador para o desenvolvimento da emancipação, já que as pessoas se encontram “bem adaptadas e realizadas” dentro daqueles moldes e ordem estabelecidos e isso acaba convertendo-se em uma verdade inquestionável.

Inserido nessa ordem estabelecida pela indústria cultural e pelo sistema capitalista, encontramos outro fator desafiador para uma ação verdadeiramente livre e autônoma. Tal situação repousa sobre as tecnologias, ou melhor sobre o uso acrítico que é feito desse recurso diariamente e em todos os níveis e esferas da sociedade. A tecnologia, evidentemente tem seus pontos favoráveis para a humanidade, como demonstraremos no capítulo II, deste trabalho, quando fizermos a abordagem sobre o ensino híbrido¹⁶.

No entanto, como todos os elementos provindos da razão humana, a tecnologia também caíram nas mãos da indústria cultural que manipula programações, estimula desejos, cria expectativas e constrói realidades. Desse modo, esse aparato mesmo trazendo tantos pontos benéficos para a espécie humana, pode também representar um obstáculo ou fator dificultador para o desenvolvimento do pensamento emancipatório, uma vez que fixa o uso da razão instrumental levando apenas o atendimento a necessidades imediatas e sem promover uma reflexão crítica.

Nesse bojo, vivemos o auge dos impactos da tecnologia e da era digital que recaem sobre os estudantes, e o perigo que se instaura é absorverem apenas as consequências negativas dessa onda, deixando passar o aspecto de um possível acontecimento significativo. É preciso perceber a tecnologia como um acontecimento que permite educar, ensinar e aprender, a partir da qual podemos desenvolver um diálogo construtivo e formador, capaz de proporcionar a autonomia e a emancipação almejadas para os estudantes do Ensino Médio.

Por vezes, os estudantes incorporam os aspectos práticos advindos da indústria cultural e massificadora e acabam por perderem os aparatos de formação humana, cidadã consciente e atuante.

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. [...] A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem para o mundo. Porém ela seria

¹⁶ O ensino híbrido é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) (BACICH, NETO e TREVISANI: 2015). Na verdade, esta tendência, acelerada mundialmente a partir de 2020, em função da Pandemia da COVID, já estava em curso desde 2004, quando o Ministério de Educação do Brasil (MEC, 2004) divulgou a Portaria N° 4.059/04, a qual tratou de autorizar que 20% (vinte por cento) da carga horária total de um curso, fosse ofertada integral ou parcialmente a distância, ou seja, de forma híbrida. Na mesma resolução, destacou-se que a avaliação do estudante deveria ser presencial e que os cursos fossem concebidos considerando métodos e práticas de ensino aprendizagem integradas ao uso de tecnologias educacionais. Diante dessa resolução iniciou-se uma verdadeira corrida, por parte das instituições públicas e privadas, de ensino superior para a oferta do ensino híbrido. Algumas dessas investiram nesses projetos por considerarem uma oportunidade de aproximar seus professores ao uso das tecnologias educacionais. Já outras, especialmente as privadas, acreditavam que a realização do ensino híbrido demandaria um investimento financeiro menor por reduzir, por exemplo, a necessidade de espaço físico em todas as aulas (CORDEIRO, 2020). Disponível em: <https://bit.ly/3xfFxLb>. Acesso em: 20 jun. 2021.

igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*¹⁷, pessoas bem ajustadas (ADORNO, 1995, p. 143).

Trilhando esse caminho de conscientização e racionalidade, entendemos que compete à educação muito mais do que apenas ajustar pessoas à suas realidades, compete a escola não somente adequar ou encaixar peças dentro de um jogo ou dentro de um sistema. Compete na verdade à escola, cumprir seu papel emancipatório e transformador, permitindo o ato de reflexão, criticidade e inspiração, possibilitando assim resistência ao que é imposto pela sociedade e viabilizando oportunidades de refletir, expressar e atuar sobre as concentrações do pensado. Talvez, inclusive, sobre o ainda impensado.

Nessa perspectiva, a escola deve ser o solo sobre o qual aconteça o encontro entre pensamentos e pensadores, questões e questionadores, entre vidas e realidades, filósofos e filosofias. Seriam, então, conveniências de busca e achados, de buscar saídas para evitar as repetições, erros e barbáries. No contexto escolar, a autonomia é o despertar rumo a emancipação e ao esclarecimento, quando os estudantes são motivados a pensar de modo autônomo, eles ficam propensos a se emanciparem, de tal maneira, sejam alavancados a superarem desafios e a não caírem no abismo do extremismo.

Diante dos desafios, complexidades e conflitos que perpassam o cenário escolar no processo da emancipação não podemos deixar de considerar o peso que deve ser dado à questão do esclarecimento. A crença de que elucidações conduz o ser humano ao progresso e ao êxito é uma questão que foi, amplamente, discutida nos estudos de Adorno e que merece ser analisada no atual contexto educacional, pois é preciso buscar entender que tipo de humanidade emancipada estamos formando nas escolas.

Atualmente, o que interessa é o acúmulo do maior número de informações no menor espaço de tempo possível por meio do consumo de produtos semiculturais que parecem fornecer de antemão as respostas para todas as nossas dúvidas, bem como o atendimento dos nossos mais recônditos desejos. Os indivíduos, tanto cognitivamente, quanto afetivamente, são educados para subordinarem-se ao processo de semicultura que impinge a exaltação da adaptação e do conformismo, ou seja, das consciências felizes, ao invés do discernimento e do inconformismo (ZUIN, 1999, p. 117).

É lacônico procurar um olhar desviante, um modo de formar e não deformar, de libertar e não de adestrar. Para sustentar essa reflexão, apoiamo-nos em Kant (1985), quando

¹⁷ *Well adjusted people*, significa *pessoas bem ajustadas*. O termo refere-se ao fato de que o homem se adapta à realidade vivida por meio da educação. E essa, muitas vezes, aprisiona as mentes e os comportamentos pelo sistema de ideias predominante. Contudo, ratificamos que a educação é capaz de impulsionar a emancipação por meio da crítica reflexiva (ADORNO, 1995).

afirma que não somos esclarecidos, mas estamos vivendo um processo de esclarecimento e entendemos que isso se efetiva no espaço escolar. É preciso ainda fomentar o esclarecimento e essa prática se faz possível, transversalmente, nas instituições de ensino. Mesmo inseridos em um momento de grande avanço tecnológico e digital com ampliação dos conhecimentos e técnicas sofisticadas, o ser humano ainda está no caminho do esclarecimento.

Ao direcionarmos nossa reflexão para o processo emancipatório, evidentemente identificamos algumas dificuldades que obstaculizam a construção desse processo. Isso é visível desde o período iluminista, quando Kant já se debruçava sobre a busca do entendimento se a humanidade está esclarecida ou está em processo de esclarecimento. Lembrando que Kant era defensor da razão como máxima da humanidade, ele creditava toda ação baseada no poder racional do ser humano, e ainda assim, demonstrou também suas desconfianças sobre o entendimento humano e seu comodismo em permanecer sob tutela.

Preguiça e covardia são as razões de a maior parte da humanidade, de bom grado, viver como menor durante toda a sua vida, mesmo depois de a natureza a muito tempo ter livrado-a de guias externos. Preguiça e covardia demonstram porque é tão fácil para alguns se manterem como tutores (KANT, 1985, p. 1).

Ao abordar a questão do esclarecimento, Kant (1985) desenvolve a ideia da menoridade e da maioridade. Nessa perspectiva, podemos entender menoridade como a incapacidade do homem de fazer uso do seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo e maioridade como sendo a capacidade do homem de fazer uso de sua própria capacidade, sem depender da tutela de outrem.

Nesse prisma kantiano, defendemos que a escola deve ser meio para favorecer a formação de estudantes aptos para maioridade, pois é preciso pensar e agir por si mesmos sem tutela de outros, é imprescindível que os estudantes possam adquirir capacidade de direcionarem seus próprios caminhos e assumir suas decisões.

Sendo assim, no cotidiano escolar, identificamos que em função de um modelo enciclopedista e conteudista implantado ao longo da história, corremos o risco de formarmos estudantes centrados na menoridade, porquanto, a repetição impossibilita ou dificulta o exercício do livre pensar, expressar e agir. Entendemos que esse fator dificulta que os estudantes exerçam sua liberdade de pensamento e expressão de modo consciente, isso significa, que tal questão acaba por bloquear a busca pela emancipação e o alcance da maioridade.

As inquietações que provocaram Adorno, também nos provocam no contexto da educação contemporânea, pois apesar de estarmos cercados de informações, não conseguimos

nos formar enquanto indivíduos emancipados e autônomos. Aparentemente, estamos sempre na tutela do outro, não agimos com autonomia, com frequência agimos com heteronomia, esperando pela decisão de alguém (da família, da propaganda, da política, da religião, dos ídolos etc.), e assim vamos seguindo uma marcha rumo a anulação do próprio pensar e agir.

Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento, sem a orientação de outrem. [...] Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento [...] (ADORNO, 1995, p. 169).

Nesse bojo, é uma máxima a necessidade de esclarecimento como parte do processo de emancipação, como possibilidade para sair da menoridade e como forma de superar desafios para romper com a implantação do extremismo. Por conseguinte, fica clara a visão de que a escola pode exercer papel fundamental para a propulsão e consolidação da emancipação, atuando como o caminho norteador, o qual conduz o indivíduo, favorecendo a abertura para se ousar a pensar. Aberto não em um sentido subjetivista da sociedade burguesa, mas no sentido de estar apto a uma formação mediante a vivência e não a repetição (ADORNO, 1985). Cabe-nos responder por intervenção dos pressupostos adornianos, nos quais a educação se configura como um espaço de emancipação capaz de romper desafios e extremismos.

Imerso nessa sociedade de repressão, que impõe normas e estabelece padrões de como ser, agir e pensar de acordo com os costumes estabelecidos o homem se vê à mercê daquilo que Adorno juntamente com Horkheimer vão intitular Indústria Cultural. Esse fenômeno ganha ênfase na teoria adorniana, justamente por colocar a razão como instrumento do sistema capitalista. A chamada Indústria Cultural tem como objetivo principal o lucro, além da idealização de produtos voltados para o consumo excessivo das massas.

A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela esgueira com mestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente. [...] o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. Ela se nutre do ciclo, do assombro [...]. O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 122-123).

Mantendo o poder das classes dominantes, a Indústria Cultural preza pelo consumo massificado e gera no indivíduo a falsa consciência de escolha e participação. A esse fenômeno,

Adorno chamará de “semiformação”, que é justamente esse processo real da sociedade capitalista capaz de alienar o indivíduo das suas condições de vida.

Por meio dessa semiformação é distribuída uma semicultura, ou seja, é oferecido ao sujeito aquilo que o mercado capitalista pretende que ele aceite, desse modo o sujeito é anulado em suas vontades, atos e pensamentos, como nos esclarece o pensamento adorniano, como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 161). “Contudo, a semicultura, em seu modo, recorre estereotipadamente à fórmula que lhe convém melhor em cada caso, ora para se justificar a desgraça acontecida, ora para profetizar a catástrofe disfarçada, às vezes, de regeneração [...]”.

A partir das críticas que ele faz à Indústria Cultural, vista como a responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia, na qual a consciência humana é dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais, o pensador promove uma análise sobre a possibilidade de uma educação formativa, acreditando ser viável e possível que o ser humano possa resistir às imposições massificantes do sistema capitalista.

Nesse argumento, o autor deposita suas apostas na Educação, segundo ele o indivíduo se constrói com base na educação, ele pode se alienar ou não, a partir da mesma. Para que o homem possa se libertar das amarras que o prendem e alcançar sua emancipação, é preciso que aconteça uma educação formativa, que seja capaz de emancipar e proporcionar ao ser humano uma capacidade de viver sua maioridade, podendo pensar e agir por si mesmo, sem mecanismos de manipulação e controle.

Inserido em meio a uma guerra e vivendo um pós-guerra, a tentativa de Theodor Adorno, é apontar de que maneira a barbárie com sua roupagem científica e racional, domina todas as esferas da vida sem nem se quer ser percebida. Contrário a isso a barbárie chega a ser incentivada pelas massas, incapazes de perceberem o quanto o avanço científico trouxe consigo a permanente exploração de seus corpos e de suas almas. “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado [...]” (ADORNO, 2002, p. 25-26).

Entendemos que é necessário para uma formação verdadeiramente humana, problematizar e refletir sobre essa situação. O que nos motiva nesta pesquisa, é o fato de acreditarmos que é preciso entender o que podemos fazer para mudar esse quadro social e como nos levantar contra os abusos impostos pelo sistema. Salientamos a importância dessa pesquisa como possibilidade para entender a formação dos estudantes por meio da emancipação. Acreditamos e defendemos que ao colocarmos os estudantes como protagonistas da sua própria história, como responsáveis por sua existência, ao proporcionar essa autonomia no pensar e

agir, viabilizamos a oportunidade de promovermos uma sociedade emancipada, capaz de agir de modo tolerante e democrático.

[...] a formação cultural é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer modo estes seriam do tipo “cultura geral”. Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável. Se não fosse pelo meu temor em ser interpretado equivocadamente como sentimental, eu diria que para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar (ADORNO, 1995, p. 64).

Inseridos nessa realidade muitas vezes, prontamente, demarcada e limitada, restamos é refletir sobre o que fazer para propiciar o resgate da autonomia e favorecer o processo de formação da emancipação em uma sociedade tecnicista e tecnológica como a que vivemos atualmente, pois para Adorno “[...] a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena” (ADORNO, 2002, p. 9).

Em um cenário onde tudo flui de modo rápido, no qual as informações são permeadas de falsidade, como podemos nos assegurar de algo e alcançar uma capacidade de pensar por nós mesmos? Como elaborar uma criticidade no modo de refletir e agir? Qual o papel da Filosofia, na construção de uma emancipação, em especial no que se refere à formação de jovens do Ensino Médio?

Em síntese, defendemos a ideia da emancipação enquanto elemento essencial para a formação humana e integral dos indivíduos, e inferimos que a partir das teorias de Adorno seja possível estabelecer uma intervenção no processo de ensino aprendizagem do Ensino Médio, favorecendo por meio da Filosofia, a construção do processo emancipatório e autônomo dos estudantes, desmistificando os desafios e extremismos no processo emancipatório.

2 ESPAÇO ESCOLAR: FORMAÇÃO, SEMIFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

2.1 O Que é Escola? Espaço para a Emancipação Humana

Nossa perspectiva neste capítulo, traduz-se como uma tentativa de perceber a estrutura da educação, suas possibilidades de formar ou semiformar os sujeitos. Pretendemos no contexto da educação, discutir o espaço escolar e suas contribuições para a emancipação dos estudantes do Ensino Médio, tentando inclusive entender as implicações do ensino híbrido como uma modalidade de ensino adotada mundialmente a partir da pandemia COVID-19¹⁸, em 2020, que se fez necessária e que inegavelmente tornou-se uma realidade para a educação e também pensar a ressignificação da prática docente em prol de um ideal emancipatório para os estudantes do Ensino Médio.

Ao pensar em Escola, ressoa em nossa mente um local de aquisição: de conhecimentos, de experiências, de trocas, de encontros, de afetos..., mas também pode ser aquisição de elementos contrários e avessos a isso. Na escola, podemos perfeitamente passar por momentos que nos levem a construir um sentido negativo desse espaço. Mas, de modo geral a concepção de espaço escolar nos pede um espaço emancipador, um espaço que seja capaz de agregar situações que auxiliem o indivíduo em sua construção enquanto ser humano. Assim sendo, o mesmo espaço pode formar ou semiformar o indivíduo, já que pode oferecer elementos libertadores ou opressores.

A escola tem de ser a escola do sim e do não, onde a prevenção deve afastar a necessidade de repressão, onde o espírito de colaboração deve evitar as guerras de poder ou competitividade mal-entendida, onde a crítica franca e construtiva evita o silêncio roedor ou a apatia empobrecedora e entorpecedora (ALARCÃO, 2007, p. 17).

O ser humano desde o início da sua evolução humana e intelectual demonstra uma necessidade de direcionamento, de bússolas que o indiquem qual caminho seguir em prol do sucesso, êxito e realização. Buscamos com frequência paradigmas para seguirmos, constantemente queremos nortear nossas ações por meio de diretrizes estabelecidas e sem percebermos acabamos por cair em um adestramento social, em uma situação de alienação, no

¹⁸ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o Covid-19, causado pelo novo coronavírus, já é uma pandemia. Segundo a Organização, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Disponível em: <https://bit.ly/3xgtLAo>. Acesso em: 20 jun. 2021.

qual recebemos da sociedade uma espécie de cartilha que dita como devemos ser, pensar e agir. Diante dessa necessidade humana, a indústria cultural instalou suas normas de controle, através das quais imposições são feitas, através dos costumes e tratos sociais e nos mantêm reféns de um estilo e de um modo de vida, que acabamos por entender como correto e satisfatório. Muitas vezes por comodismo ou mesmo por confiança no que já está vigorando, comumente apenas nos adaptamos ao sistema e ao mundo.

[...] Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo (ADORNO, HORKHEIMER, 1985. p. 14).

Diante disso, faz-se perceptível o fato de que, “Em outras palavras, a escola contemporânea se tornou um aparato da *indústria cultural* exatamente por ser *locus* privilegiado da disseminação de *semicultura*” (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2004, p. 158) o indivíduo não possui uma formação e sim, ele é adestrado e moldado nos parâmetros que a sociedade indicar. Existe uma espécie de mecanismo de massificação, que imprime uma falsa ideia de liberdade e nos prende às leis do mercado, pois nos oferece um espetáculo do mundo a partir do qual, naturalizamos as imposições e acabamos transformando tudo em rotina.

Assim, os conceitos são universalizados como verdades válidas, como um saber vigente que o indivíduo deve seguir. Fazendo uso das ideias de Adorno (2002, p. 9), é possível compreender que “Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema se torna cada vez mais impermeável”. Acreditamos que esse fato, faz com que a vida se configure como um tipo de instrumentalização, no qual as pessoas agem seguindo uma sequência de técnicas e procedimentos.

Enxergamos nisso, um risco de se instrumentalizar também, as relações sociais e acreditamos que é preciso entender o que está por trás das aparências, o que se esconde por trás daquilo que parece ser natural. Evidentemente, tal modo de instrumentalização, recai sobre o sistema de educação, no qual desde crianças as pessoas são levadas a se moldarem dentro de um determinado paradigma, no qual as ideias são engessadas como parâmetros a serem seguidos.

[...] sendo a escola uma demanda relacionada à razão [...] o conhecimento humano que ela prometia transmitir teve de ser adaptado à forma-mercadoria, quer dizer, apenas o que se prestava a participar da troca de equivalentes tornou-se objeto da cultura escolar. [...] Isso obrigou os destinatários da escola a comportarem-se como consumidores compulsivos dos conteúdos curriculares, também padronizáveis/padronizantes (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2004, p. 159).

Observando a teoria adorniana, podemos refletir sobre nossa educação atual, na qual a crise pode estar presente na maneira como a cultura é formada e conduzida. É perceptível que um dos problemas diagnosticados no Ensino Médio, se encontra justamente, no fato de que ele não promove o domínio do conhecimento e a capacidade de reflexão. Essa situação acaba sufocando a escola, a levando a assumir esse aspecto de local dominado, uma espécie de instrumento da Indústria Cultural, que trata o ensino como uma mercadoria a ser transmitida para um determinado público.

Ao pensar o ensino da Filosofia no atual sistema educacional, percebemos que os estudantes muitas vezes, servem como uma espécie de depósito de conteúdos e informações. Eles têm acesso a uma gigantesca gama de teorias e pensamentos, no entanto, enxergamos nessa realidade um risco de uma semiformação ou semicultura. As informações são viralizadas de modo rápido e instantâneo e são capazes de alcançar uma rede de milhares de pessoas simultaneamente. Essa disseminação tão rápida e ilimitada é preocupante no sentido de que oferece o risco da semiformação e da semicultura, pois oferecem muitas informações, mas totalmente aleatórias ou simplesmente direcionadas para os interesses da indústria cultural e para a cultura de massa.

Essa preocupação é decorrente do fato de que, uma vez que o estudante, ao se deparar com teorias filosóficas, por vezes já se permite declarar como alguém que tem satisfatória formação intelectual e humana, se autointitula como uma pessoa esclarecida por saber quem falou sobre o mito da caverna, ou quem pensou sobre a docilização dos corpos, ou quem trabalhou a liberdade como condição humana, quem disse “Só sei que nada sei”, “Penso, logo existo”, “Se Deus está morto, tudo é permitido”, “O homem está condenado à liberdade”, “É necessário crer para compreender”, entre outras.

Neste ponto, poderíamos elencar inúmeros nomes, teorias, frases, que muitos estudantes por terem em mente, por citarem em status ou páginas de redes sociais acreditam que são pensadores críticos e atuantes. E tal semiformação é corrente em todas as áreas do conhecimento, pois os tutoriais instrucionais estão disponíveis a um clique de qualquer sujeito que desejar qualquer tipo de informação nas redes de *Internet*. O risco que outrora era oferecido pelo rádio, televisão estão agora mais eficientes e à serviço da indústria cultural.

Fixaremos nossa atenção nessa questão, queremos poder entender os riscos da falsa formação e instigar os estudantes do Ensino Médio a perceberem, que tão importante quanto conhecer verdades de muitas ciências, conteúdos e disciplinas é necessário saber pensar de modo emancipatório, ou seja, não basta saber regras da matemática, física e química, dominar a língua inglesa e portuguesa, expressar eloquentemente filosofia, história e sociologia, conhecer invejavelmente geografia, biologia, entender literatura, religião, artes, praticar educação física, produzir redações coerentes e significativas, sem, no entanto, ser capaz de pensar de modo autônomo e emancipatório diante de situações cotidianas. Precisamos nos educar de modo sério e formativo

A este processo mágico pelo qual a Palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que têm este poder. Por isto que a educação me fascina. Hoje o que fascina é o poder dos técnicos, que sabem o segredo das transformações da matéria em artefatos. Poucos se dão conta de que fascínio muito maior se encontra no poder da Palavra para fazer as metamorfoses do corpo. É no lugar onde a Palavra faz amor com o corpo que começam os mundos [...] Por isto que compartilho da opinião de Hermann Hesse, que dizia que entre os problemas da cultura moderna a escola era o único que levava a sério. Mas é preciso não ter ilusões. A Palavra tanto pode invocar príncipes quanto sapos, tanto pode acordar borboletas quanto lagartas [...] A educação pode ser um feitiço que nos faz esquecer o que somos, a fim de nos recriar à imagem e semelhança de um Outro (ALVES, 1994, p. 44-45).

Sob essa ótica, na qual é preciso uma educação que desperte a humanidade para o respeito ao outro e não para uma reprodução e uniformização com o outro, somos levados a enxergar a necessidade de uma formação, exemplificamos com o seguinte posicionamento, de que adianta tanto conhecimento e aparatos técnicos, digitais e culturais, se um homem se achar superior a uma mulher, simplesmente por questões de gênero? Ou de uma pessoa se achar melhor que a outra em função da cor da pele, ou em decorrência de práticas, crenças e vivências religiosas ou culturais?

Como é possível se achar um ser formado intelectual e humanamente, se o indivíduo for incapaz de pensar de modo amplo, contemplando mais que aspectos teóricos e subjetivistas? Daí o risco da semiformação. Ter uma formação que instrumentaliza a razão, que a coloca a serviço de uma preocupação apenas em ingressar em outra etapa de estudo ou de trabalho, não forma nossos estudantes do Ensino Médio enquanto ser humano capaz de perceber os riscos iminentes de barbáries sociais e coletivas.

Em linhas gerais, podemos indicar que o contexto histórico vivido por Adorno e as críticas estabelecidas por ele, favorecem o desenvolvimento de uma Filosofia atuante, e não apenas de uma Filosofia instrumental. Embasados na perspectiva adorniana, enxergamos a necessidade de uma educação formativa e transformadora, por isso, entendemos que é preciso

romper com a semiformação, é necessário emancipar o pensamento humano, libertando-o dos condicionamentos instrumentais, dos engessamentos da falsa e aparente formação.

Com efeito, a danificação do espírito e, portanto, da formação, é a decorrência subjetiva do processo de supremacia da indústria cultural na sociedade capitalista contemporânea. E, tal como a ideologia da indústria cultural é exibida, enquanto possibilidade de realização imediata da vida, do livre-arbítrio e, portanto de todos os desejos de seus consumidores, a semiformação também se apresenta, ideologicamente, como uma formação completa: capaz de proporcionar sínteses conclusivas que identificam o indivíduo semiformado não como tal, mas sim como profundo conhecedor de assuntos que são, na realidade, absolutamente abreviados [...] (ZUIN, PUCCI, LASTÓRIA, 2015, p. 80-81).

Diante de tais circunstâncias, nos deparamos inevitavelmente com questões do tipo: Como uma sociedade, julgada esclarecida e formada, se submete a situações de barbárie e tolhimento de ideias e expressões? Por que uma sociedade desenvolvida tecnologicamente e cientificamente se sujeita a aceitações passivas? Como uma sociedade se rende aos encantos do mercado ideológico e manipulador da indústria cultural?

As questões acima são semelhantes àquelas lançadas por Adorno no seu contexto histórico. Então, acreditamos que seguir o viés do pensamento de Adorno seja a melhor maneira de buscar entender e compreender a possibilidade de formação da emancipação dos estudantes do Ensino Médio.

O pensamento crítico, que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 9).

Acompanhando a linha de pensamento de Adorno (1995), para concretizar a emancipação as pessoas devem depositar sua energia em uma educação para contradição e resistência que seja capaz de romper conceitos clichês de padronização e uniformização de ideias e comportamentos e que transcenda a mera transmissão de informações que em nada incita os estudantes a perceberem os problemas e a si mesmos, e que talvez por isso, permitem que os acontecimentos por mais bárbaros que possam ser, se instaurem na sociedade.

Assim, acabamos reforçando um modo não reflexivo de entender o mundo, retornamos ao mesmo, à repetição, oferecemos a construção de um mundo acrítico, que já está dado, que não oferece nenhum tipo de problematização, apenas reforça os modelos pré-estabelecidos, os pressupostos e todo aparato da indústria cultural e suas atribuições.

Para entender o pensamento de Adorno em relação à educação e compreender a necessidade da emancipação, é importante compreender as críticas que ele faz à Indústria Cultural, e entender como esse fenômeno pode de fato, prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia. A defesa do pensador sustenta-se na ideia de que a consciência humana, em meio à produção massificada é dominada pela comercialização e banalização da cultura. De tal modo, ao invés de formar, os bens culturais produzidos em larga escala acabam por deformar ou desinformar os indivíduos, condicionando-os a um estado de semiformação, por meio do qual impera uma realidade cotidiana rotinizada e mecânica.

Temos observado que no cenário escolar, os estudantes do Ensino Médio, se comportam como detentores de uma emancipação, de um domínio sobre si mesmos, eles acreditam ter posse de uma autonomia, é como se de fato tivessem acesso a uma verdadeira formação, no entanto, ao fazer uma análise da nossa realidade fica explícita a questão da semiformação.

Porquanto, o que se percebe é que na verdade, não passa de um discurso vazio, baseado em ilusões midiáticas, que os colocam como centro e motivação de todos os acontecimentos da realidade. Dizemos, falso ou ilusório, porque tal ato vem permeado de uma ideia massificada e imposta. Na verdade, o discurso pronunciado, não passa de uma ideia impregnada em suas mentes para direcionar seu modo de agir e seus ideais de consumo e de vida. Boa parte dos jovens do Ensino Médio não conseguem agir de modo autônomo, estão sempre tomando a heteronomia como bengala para suas práticas diárias.

Acreditamos que nos deparamos na realidade do Ensino Médio com jovens que acabaram adaptando-se às novidades tecnológicas como ferramentas de alto grau de evolução e não demonstram muito interesse em entender a vida social na sua prática: as contradições, as desigualdades e os conflitos. Então, acabam por render-se aos encantos da indústria cultural que dissemina uma vida prática e cômoda, e tal fato é expandido também para os demais setores da escola, administração, servidores, professores que acabam encarando as situações do cotidiano escolar simplesmente como naturais e sem uma preocupação em criar possibilidades de alterar esse cenário de repetição.

Além do mais, a existência da escola passou a ser considerada um bem em si, o que deixa seus destinatários obrigados à constante e eterna gratidão. Por outro lado, a organização pedagógico-curricular a partir de uma lógica de mercado (oferta e procura, acumulação e reprodução ampliada) contribuiu para o desenvolvimento de uma complacência ilimitada com as evidências de seu mau funcionamento.

Busca-se obsessivamente a elevação de rendimento sem qualquer reflexão a respeito dos objetos inseridos no cotidiano da sala de aula.

[...] Nessa otimização do processo de transmissão, a escola termina sendo um lugar em que a, digamos assim, “produção de capacidades” depende mais da possibilidade de resistência física e econômica do que do tão caro conceito ideológico de “capacidades imanescentes”. [...] deve-se investir na luta político-pedagógica interna contra a lógica de mercado que regula a convivência escolar (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2004, p. 167, aspas dos autores).

A escola abriga formadores e formandos de consciência e ações, nos deparamos assim, com um quadro que aponta para a necessidade de um investimento nas potencialidades humanas, a partir das quais torna-se possível a construção de um sujeito de direitos. Há uma importância latente em buscar a emancipação dos jovens do Ensino Médio no chão da escola, buscar um meio para ofertar uma formação humana e integral. É preciso que comecemos no chão da escola, já que ela existe para nos explicar o mundo, para proporcionar meios para o desvelamento da realidade, para a descoberta dos fatos e acontecimentos.

Seguindo um viés marxista, Manacorda (1991, p. 105) assevera que “Não seria cabível, hoje, uma escola que se limitasse ao ensino entendido como instrumento, como aquisição de técnicas e renunciasse aos objetivos da educação e da ‘formação dos sentimentos’”. A escola precisa alcançar seu posto de local emancipador, libertando-se da colonização que sofreu por parte da indústria cultural, “Na escola colonizada pela indústria cultural. [...] essa colonização precisa ser reconhecida para que a escolarização (demanda dos mais variados atores sociais) possa, dentro de seus limites, desempenhar seu papel na possibilidade de uma transformação emancipatória” (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2004, p. 169).

É uma máxima a necessidade de Esclarecimento como parte do processo de emancipação, como possibilidade para sair da minoridade (estado de heteronomia) e alcançar a maioridade (estado de autonomia). Adorno nos deixa clara, a ideia de que a educação para emancipação é construída por meio da experiência, quando o indivíduo se abre ao campo da experiência e permite dedicar e estar aberto ao objeto, à coisa. Aberto não em um sentido subjetivista da sociedade burguesa, mas no sentido de estar apto a uma formação por meio da vivência e não da repetição (ADORNO, 1985).

Grande parte do nosso tempo é passado em escolas, é nesse contexto, nesse espaço e nesse tempo que somos formados e que formamos outros cidadãos a partir do nosso exercício docente. Em função de tal verdade, é que almejamos uma escola que possa ser base para um

processo formador de uma racionalidade crítica e emancipatória, “[...] uma escola sem pessoas seria um edifício sem vida. Quem a torna viva são as pessoas” (ALARCÃO, 2007, p. 20), e acreditamos que precisamos de um processo de ensino e de aprendizagem que cumpra muito mais que simplesmente o repasse de informações, acreditamos em uma escola que tenha teor formativo dessas pessoas, que tenha a função de preparar cidadãos para o enfrentamento da vida.

Desejamos uma escola do nosso tempo, janela aberta para o presente e para o futuro, onde se viva a utopia mitigada que permite criar e recriar, sem, contudo, perder a razoabilidade e a estabilidade. Uma escola onde se realize, com êxito, a interligação entre três dimensões da realização humana: a pessoal, a profissional e a social. E onde se gerem conhecimentos e relações, comportamentos e afetos (ALARCÃO, 2007, p. 12).

Encerrando, entendemos que o espaço escolar não deve se preocupar meramente em transmitir informações, mas, sobretudo, em produzir nos sujeitos inquietações que os levem a problematizar e a criar conceitos, ou seja, a se emanciparem. É imperativo no atual cenário, que os estudantes adquiram meios para resistir e não mecanismos de adaptação aos sistemas impostos, isso se faz urgente, para que não sejamos oprimidos pela organização do mundo e sua ideologia, é necessário que consigamos favorecer uma relação de interatividade, de análise, reflexão e crítica, como nos instiga o próprio Adorno (1992, p. 58) “[...] é no olhar desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral, que reside a derradeira chance do pensamento [...]”.

2.2 A Escola como Espaço de Encontros

Quando pensamos em Escola, é inevitável não visualizá-la como um espaço propício aos encontros. Nesse ambiente, a diversidade humana se reúne, é o local que possibilita que os indivíduos possam estar imersos na coletividade, é o ponto que viabiliza os encontros entre diferentes etapas vitais, cada ser com suas subjetividades, idiosincrasias e potencialidades.

Esse terreno, denominado escola, que é pisado por vários modos de ser, pensar e agir, permite nascer os encontros, que se configuram como acontecimentos, fatos que surgem e que não seguem uma cartilha de como vivenciá-los, daí nos deparamos com os problemas e desafios. Como nos esclarece Gallo (2012)

[...] Por isso o problema é sempre fruto do encontro; há um encontro, uma experiência que coloca em relação elementos distintos e que gera o problemático. E se o problema é o que força a pensar, somos levados a admitir que o princípio (origem) do pensamento é sempre uma experiência sensível. [...] Pensar não é reconhecer, não é recuperar algo já presente na alma. Pensar é experimentar o incômodo do desconhecido, do *ainda-não* pensado e *construir* algo que nos possibilite enfrentar o problema que nos fez pensar (GALLO, 2012, p. 72).

Ao se deparar com a experiência dos encontros no espaço escolar percebemos a diversidade e também a necessidade de pensar o ainda impensado, de resistir, de entender as diferenças e a necessidade de atuar de modo reflexivo dentro desse espaço, que deve ser um ambiente de formação. Na escola, o processo de ensino e aprendizagem acabou sendo fragmentado e dentro das suas malas, cada disciplina oferece um mapa para que o estudante comece a desvendar a realidade e trilhar seus caminhos.

Diante dessas trilhas para o conhecimento, defendemos que a Filosofia é capaz de promover um ensino interativo que dialogue, inclusive, com as culturas digitais, as quais estão em alta no atual processo educativo, permitindo assim, o uso consciente e crítico do que é oferecido à humanidade por essa via. Essa necessidade de diálogo é um resultado da nossa contemporaneidade, a tecnologia e seus impactos já estão postos, o que nos resta é desenvolver jovens conscientes e críticos, aptos a terem contato com os produtos de modo produtivo; precisamos instigar essa capacidade dos jovens de serem presentes e atuantes em sua realidade.

Para enfatizar a experiência dos encontros no espaço escolar, pode-se observar e comparar tal acontecimento com outros fatores para que possamos compreender a delicadeza dessa situação. Por exemplo, um agricultor quando vai fazer seu plantio faz uma análise de solo para perceber a adequação daquela terra, o artista pode avaliar o palco no qual fará o seu show, o palhaço pode testar o picadeiro onde realizará seu espetáculo, o engenheiro pode corrigir o terreno antes de edificar uma construção, o atleta pode treinar no percurso que terá que se dedicar, o piloto pode fazer teste na pista que percorrerá, e assim podemos encontrar inúmeros exemplos de situações em que é possível saber os desafios existentes no local de atuação.

Agora, quando falamos em escola, não há tempo teste, o professor se depara com o terreno a ser pisado, se encontra com a realidade a ser percorrida sem ter passado por etapas de testes anteriores. Os estudantes, também não possuem exatidão das situações que serão enfrentadas. Não se enfrenta os desafios de modo antecipado, mas durante o processo de ensino e aprendizagem, durante os encontros e vivências. É no encontro com o outro, que se efetiva o espaço escolar, pois é nesse ambiente que somos forçados a pensar e a nos construir. A escola assume então a possibilidade de criação, lembrando Rubem Alves (1994).

Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido (ALVES, 1994, p. 67).

E esse tão formidável “*encontro*”, traz consigo possibilidades de integração e também de autoconstrução. Coisa mais linda é poder enxergar, sentir e viver a diversidade de situações que os *encontros* nos oferecem. Baseados, nessa verdade, gostaríamos de expressar nossas impressões sobre a questão do *encontro*, que tanto nos fascina. Evidentemente o teor da nossa exposição é mais subjetivo e com traços de intertextualização das aulas de Filosofia com o cotidiano dos estudantes.

Encontros profissionais, sociais, políticos, religiosos... encontros, encontros e mais encontros... há os intencionais, os casuais, os esperados, os inesperados. E o encantador de tudo, é que cada um nos acrescenta muitas lições! São encontros entre seres, situações e vivências. Encontrar pode ser somar-se a, ou somar-se com, do mesmo modo que, pode ser dissipar-se de... o encontro pode ser sinal de chegada ou de partida!

Todas essas questões trazem à tona diversificados questionamentos e reflexões acerca do quão grandioso é o ato de pisar o chão da escola, e ter a possibilidade de estabelecer os mais diversos encontros e com isso também a oportunidade e responsabilidade de fincar as mais diversas sementes.

Isso também nos traz à memória uma parábola muito interessante, a parábola do semeador¹⁹, que nos leva a repensar o tipo de solo que encontramos e o modo como podemos lidar com eles. Fazendo uma analogia entre a parábola e a atuação do docente na escola, percebemos que ele leva em suas mãos as sementes, ou seja, ele direciona de modo emancipatório as suas palavras, e por meio dos encontros estabelecidos, ele tem a oportunidade de lançar tais palavras em solos adequados e oportunos viabilizando assim a construção e a formação humana verdadeiramente esclarecida.

A partir desse tipo de questão que envolve esclarecimento e autonomia, pensadores como Adorno, se empenharam na busca de entender o processo de educação e de emancipação da humanidade, e esse entendimento visa a defesa de uma educação capaz de formar os indivíduos em sujeitos emancipados, a partir dos encontros que se firmam ao longo da história.

¹⁹ Texto extraído da Sagrada Escritura/Bíblia (Mateus 13-3-9) (Sagrada Escritura para os Cristãos). Na Parábola do Semeador Jesus falou sobre um homem que saiu a semear. Enquanto o homem semeava, uma parte das sementes caiu ao pé do caminho. Então vieram as aves e comeram as sementes que caíram. Outra parte das sementes caiu em meio às pedras, onde não havia terra suficiente. Essas sementes logo germinaram, mas foram queimadas rapidamente pelo sol, porque não tinham raízes. Outra parte das sementes acabou caindo entre espinhos. Os espinhos cresceram e acabaram sufocando as sementes que tinham caído ali. Finalmente outra parte das sementes caiu em boa terra. Essas sementes germinaram, cresceram e deram fruto.

Adorno, juntamente com outros pensadores do seu tempo, céticos quanto aos meios de comunicação de massa e avessos às organizações e instituições formadoras de opinião, atuaram na chamada Escola de Frankfurt, um espaço dedicado ao ato de pensar sobre as situações e de buscar meios de resistência ao que era imposto pelo sistema capitalista. Similar ao encontro firmado entre Adorno e seus companheiros, um grupo preocupado em pensar a sociedade em seu devir, em entender a possível relação entre teoria e prática dentro dos contextos sociais, firmaram encontro num espaço denominado “escola”.

Acreditamos, que também precisamos, por meio de teorias críticas que agucem nosso senso crítico, possibilitar uma escola que possa permitir assim como a Escola de Frankfurt uma verdadeira formação humana.

Surgia a necessidade de se encontrar novos caminhos e se buscar uma reflexão sistemática de como o mundo chegou àquele estado de coisas, no qual predominavam a irracionalidade e a manipulação das massas. Denominada Escola de Frankfurt, o Instituto de Pesquisas Sociais vai deter-se, a partir do final dos anos 1920, numa análise crítica do capitalismo vigente, dos fundamentos da ciência moderna, da problemática da razão e da liberdade, além dos extremos da dominação e da emancipação. Freitag (1988). Tornam-se também relevantes os estudos sobre a constituição da personalidade represada entre o indivíduo sexualmente reprimido e a estrutura familiar autoritária (RABELO, 1994). Colocava-se como outra grande questão saber por que a melhoria das condições materiais de vida realizava-se em sacrifício da liberdade pessoal dos indivíduos. Essa condição proposta não se restringia eminentemente à circunstância europeia. Em nível mundial, e de modo especial, em todo o terceiro mundo, conviviam, simultaneamente, além da perda da liberdade, a deterioração das condições materiais, tanto sociais, quanto econômicas de existência. Os temas da liberdade e da racionalidade e o confronto entre o Positivismo e a Dialética serão considerados fundamentais para a recuperação da reflexão teórica e o surgimento da Teoria Crítica (FURTADO, 2010, p. 165-166).

Assim, Adorno se destaca como um grande crítico do sistema capitalista, acreditando que tal modo de organização social foi uma forma bárbara de tornar a cultura e as relações sociais um tipo de indústria. Nessa perspectiva, Adorno e Horkheimer (1985, p. 24) afirma-nos na Dialética do Esclarecimento que “A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo [...]”. De tal modo, entendemos que as concepções de Adorno podem nos trazer sugestões concretas de procedimentos pedagógicos, as quais conciliam a teoria e a prática educacional (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 1999).

O educador profundo parece estar presente em suas obras e fortemente embasada pelos princípios da Escola de Frankfurt, através da qual o autor procura apresentar a necessidade e a esperança da construção de uma não barbárie, algo inovador que tenha uma ação contrária as imposições do sistema dominante. Como nos confirma o próprio autor ao afirmar que: “A íntima vinculação entre a questão educacional e formativa e a reflexão teórica social, política e

filosófica constitui a manifestação mais direta do núcleo temático essencial ao conjunto da chamada Escola de Frankfurt: a relação entre teoria e prática” (ADORNO, 1995, p. 14-15).

Durante seus discursos é comum percebermos por vezes, que Adorno liga a ideia de emancipação à ideia de democracia. O autor insiste em que para se alcançar um ideal democrático é preciso de ações emancipadas, e que para se desenvolver um indivíduo emancipado, existe a necessidade de uma democracia atuante, assim nos leva a esse pensamento “[...] na estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma” (ADORNO, 1995, p. 36).

Seguindo esse ideal de buscar uma emancipação por um viés democrático e de firmar a democracia por meio de cidadãos emancipados, nos parece evidente o fato de que é mais que urgente a necessidade de tentar desenvolver nos estudantes do Ensino Médio a percepção da realidade vivida, e instalar nos mesmos a busca pelo senso crítico e pelo ato de pensar com visão a transformar, como nos assegura

[...] uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. Numa democracia, quem defende ideias contrárias à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é antidemocrata, até mesmo se as ideias correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. (ADORNO, 1995, p. 141-142).

Inseridos nesse contexto de caráter manipulador, no qual as consciências se encontram coisificadas em função da ausência de resistência perante o que é imposto, é preciso que possamos buscar um viés e entender, a qual caminho que a educação pode nos conduzir? Faz-se necessário, no atual contexto social, assim como Adorno e seus companheiros fizeram na Alemanha, buscar uma prática em prol da emancipação da educação. Entendendo no momento atual, a emancipação como ação esclarecida, como algo livre do obscurecimento da consciência alienada.

O cenário atual com todos os aparatos de entretenimento oferecidos pelo sistema midiático invade as mentes dos estudantes e instigam desejos profundos e inconscientes. O ser humano se torna mero consumidor de produtos da cultura de massa, que têm como função manter os jovens distraídos e impossibilitar uma ação de transformação social. As mentes são condicionadas a legitimar situações que ocorrem como naturais, porque desde a infância são condicionadas a se acomodam com aquela realidade.

Acontece nas escolas uma semiformação, na qual o ensino perde seu valor e sua potencialidade de impulsionar reflexões a serviço da autonomia, esclarecimento e emancipação.

Adorno critica a maneira como a indústria cultural invadiu todos os setores da vida humana, e permeou o pensamento de ilusões e falseamentos, daí sua teoria crítica da educação. Na escola, por exemplo, a cultura de massa, a cultura industrializada criada pela razão instrumental gera a massificação e promove como resultado a formação de uma consciência condicionada aos espetáculos oferecidos pela Indústria Cultural, nos quais o poder midiático assume papel formador do perfil e comportamento dos estudantes.

Por conseguinte, é preciso que permaneçamos sensíveis aos encontros na escola, pois é nesse campo que nos deparamos com outras vidas, são acontecimentos capazes de impulsionar o ato de busca e criação. Não é trombar ou esbarrar com estudantes, é encontrar vidas e fazer parte delas, é entrar na vida do outro e passar a fazer parte das suas histórias. Não estamos querendo romantizar o espaço escolar, como se tudo ali fossem rosas ou flores, de modo algum, queremos apenas indicar que é preciso lidar com os espinhos, é preciso a partir de tais encontros criar mecanismos de adaptação e de resistência para que ninguém saia ferido ou despedaçado da relação de encontro no espaço escolar.

Sendo assim, as experiências ocorridas dentro do ambiente escolar vislumbram meios para emancipação, porquanto, aquilo que é vivido nesse espaço gera possibilidades de criação e acaba expandindo-se além muro como instrumento viável para transformação e descoberta.

Destacamos a necessidade de romper a noção de escola, como lugar comum, um lugar qualquer e desvelar esse espaço como o local capaz de oportunizar aos indivíduos a possibilidade de despertarem suas consciências e de serem autores da própria vida, entendendo agora, consciência como “[...] o pensar em relação à realidade, ao conteúdo — a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. [...] corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências [...]” (ADORNO: 1995. p. 151).

E seria justamente para romper com esse sistema de dominação e condicionamento é que a educação deve ser trabalhada, ela deve incorporar ideal de autonomia, racionalidade e possibilidade de ir além da mera adaptação, chegando à emancipação. É preciso o ato de criticidade para que se possa humanizar as relações sociais e organizar a sociedade de modo justo. Lembrando que, na perspectiva de Adorno emancipação se refere ao coletivo e não ao ser isolado, ele trabalha a concepção do homem enquanto ser social, relacionando emancipação e democracia.

[...] gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de

conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política (ADORNO, 1995, p. 141-142).

Dentro dos vários desafios que a existência pode nos proporcionar, um dos mais interessantes, no nosso ponto de vista, é justamente a escola. Pois ali, vivenciamos questões e situações que podem nos formar ou deformar. Pensamos de tal modo, em função de que não sabemos como, quando e por que alguns encontros se efetivam no espaço escolar. Não temos de antemão o tipo, perfil e situação real dos estudantes que iremos encontrar a cada dia ou a cada ano nas salas que entraremos. Por sua vez, os estudantes também não têm como saber antecipadamente como serão os encontros que se efetivarão naquele espaço.

Ao pensarmos a escola como esse espaço de encontro, infere-se que ela seja responsável por propiciar o acesso ao conhecimento e a formação cidadã e humana, além de vincular vida e realidade. De tal modo, defendemos a escola como espaço ativo para a promoção de autonomia, emancipação e esclarecimento, por meio do qual os estudantes possam processar de modo reflexivo as diferentes nuances das questões que se apresentam para a existência humana.

Contudo defendemos a escola como um ambiente que gera meios para construir vivências e ressignificar experiências e acreditamos que tal ação é que pode realizar um processo emancipatório no espaço escolar, tanto para docentes quanto para discentes. Pensar o impensado ou pensar de modo autônomo o que já foi pensado, provocar o ato de criação, promover a liberdade de brincar com as palavras e saborear a liberdade de expressão e deixar que o pensamento aconteça. Permitir... é o que impulsiona a emancipação dentro do espaço escolar. Não é banalizar, é contribuir para desbarbarizar!

2.3 Ressignificando a prática docente a partir dos encontros

Enxergando o espaço escolar como um ambiente de encontro entre as diversidades humanas e existenciais e sabendo que o chão da escola, batido e pisado por conflitos, resistências e descobertas, que se instalam desde os jesuítas até o atual momento de adaptações tecnológicas e digitais, é o lugar propício para construção de uma sociedade democrática e atuante, anseia-se pelo viés da reflexão da nossa prática docente e do diálogo com a Filosofia e com alguns pensadores refletir a escola como um lugar de informação e formação, ou seja, pensar a escola como espaço emancipatório que permita uma ressignificação da prática docente para além da semiformação.

[...] da semiformação notada nos cursinhos que incentivam a memorização das fórmulas e dos conceitos vazios que são associados às melodias das cantigas de ninar ou às marchas carnavalescas. A semiformação também é observada nos alunos que se preocupam exclusivamente com a aprovação formal tanto nas escolas de primeiro e segundo grau como nas universidades; no comportamento do pseudo-indivíduo que se ufana de ter devorado uma grande quantidade de biografias romanceadas e revistas especializadas, enfim, numa miríade de situações que se alastram tanto fora quanto dentro da chamada educação formal. No caso dessa educação, é também notório o exemplo, já destacado por Adorno, dos professores que se transformam em verdadeiros ‘vendedores de conhecimentos’ (ADORNO, 1992, p. 62). Verifica-se a coisificação da profissão de ensinar também na aceitação do chamado pacto da mediocridade entre os mestres e os alunos. [...] a mediocridade se caracteriza pelo fato de que o aluno finge que aprende e o mestre finge que ensina num clima de inexistente cobrança por um melhor desempenho. [...] tal dissimulação mútua contribui efusivamente para a morte da formação e pela falsa redenção da sua metamorfose em semiformação (ZUIN, 1999, p. 147).

Muito mais que transmitir informações, faz-se necessário mostrar o que é dado pelo sistema, para que cada indivíduo pense maneiras de resistir e atuar. Ressignificar a realidade para que a barbárie não se repita é algo pontual em nossa sociedade para que a vida não se danifique de modo devastador como aconteceu em Auschwitz²⁰. Como nos ilustra o próprio Adorno, “[...] o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação” (ADORNO, 1995, p. 125).

Notadamente, o professor precisa ressignificar sua forma de pensar e atuar, já que suas ações corroboram para viabilizar a construção de jovens emancipados. O espaço escolar é indubitavelmente, um dos mais intrigantes espaços que o ser humano pode participar, pois ele reúne as mais diversas possibilidades. Nesse espaço de convivência, as situações são reais e empiricamente vivenciadas, as deficiências e dificuldades surgem no processo de ensino aprendizagem e nos encontros que se efetivam no âmbito escolar. Não temos de antemão um compêndio oficial que nos indique perfis, e situações com exatidão. A relação é estabelecida e somos mutuamente afetados pelos acontecimentos. Pelo poder das relações firmadas por meio dos encontros, podemos ser dominados ou conseguimos criar mecanismos de resistências

²⁰ O complexo dos campos de concentração de Auschwitz foi o maior de todos aqueles criados pelo regime nazista. Nele havia três campos principais, de onde os prisioneiros eram distribuídos para trabalhos forçados e, por um longo período, um deles também funcionou como campo de execuções. Os campos estavam localizados a aproximadamente 60 quilômetros a oeste da cidade polonesa denominada Cracóvia, na Alta Silésia, próximos à antiga fronteira entre a Alemanha e a Polônia no período que antecedeu a Segunda Guerra, mas que em 1939, após a invasão e a conquista da Polônia, foi anexada à Alemanha nazista. As autoridades das SS estabeleceram os três campos principais perto da cidade polonesa de Oswiecim: Auschwitz I, em maio de 1940; Auschwitz II (também conhecido como Auschwitz-Birkenau), no início de 1942; e Auschwitz III (também chamado de Auschwitz-Monowitz), em outubro de 1942. Site Enciclopédia do Holocausto. **Auschwitz**. Disponível em: <https://bit.ly/3zUsfWa>. Acesso em: 18 jun. 2021.

capazes de nos transformar e também transformar a sociedade, cabe a nós vivenciarmos os efeitos das situações que encontramos como afiança Alves (1994)

O corpo é o lugar fantástico onde mora, adormecido, um universo inteiro. Como na terra moram adormecidos os campos e suas mil formas de beleza, e também as monótonas e previsíveis monoculturas; como na lagarta mora adormecida uma borboleta, e na borboleta, uma lagarta; como nos sapos moram príncipes e nos príncipes moram sapos; [...] Tudo adormecido [...] O que vai acordar é aquilo que a Palavra vai chamar. As Palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro dos nossos corpos, num estado de hibernação, como sonhos. Nossos corpos são feitos de palavras [...] Assim, podemos ser príncipes ou sapos, borboletas ou lagartas, campos selvagens ou monoculturas [...] (ALVES, 1994, p. 43-44).

Nessa perspectiva, somos afetados pelo processo do encontro, mas podemos ser tocados ou não, podemos acordar ou permanecer adormecidos, enfeitiçados pelo comodismo ou pelo medo da metamorfose. O encantamento das palavras pode nos trazer autonomia ou pode nos estagnar no nada, no vazio. É preciso entender que os acontecimentos devem impulsionar ao movimento de busca e criação, é necessário que permaneçamos sensíveis aos encontros na escola, pois é nesse campo que nos deparamos com outras vidas. As experiências ocorridas dentro do ambiente escolar vislumbram meios para emancipação, pois aquilo que é vivido nesse espaço gera possibilidades de criação e acaba expandindo-se além muro como possibilidade viável para transformação e descoberta.

O “*encontro*” que é firmado no chão da escola, assume uma característica interessante porque afeta professores e alunos e pode trazer oportunidades de transformação do próprio sujeito. Por isso, defendemos que a escola pode possuir esse teor de ser um espaço que impulsiona para a metamorfose emancipatória, ou seja, entendemos que a escola pode oportunizar as transformações individuais e/ou coletivas que podem transformar as pessoas e suas realidades. É possível dentro da escola, já que é justamente ali que se encontram uma variedade de pensamentos, ações e exemplos que movem a humanidade, que o ser humano possa alcançar o ideal defendido pelo pensador alemão Theodor Adorno, ou seja, dentro do cenário escolar é possível permitir o processo de construção da emancipação dos estudantes.

[...] uma prática pedagógica que pretenda ser emancipada e emancipadora não pode se furtar da responsabilidade de promover um clima cultural que favoreça o desenvolvimento de uma identidade autocrítica, de uma proposta pedagógica que permita com os agentes educacionais experienciem verdadeiramente tantos os vínculos entre si quanto também os fracassos amealhados no processo de ensino-aprendizagem que podem se transformar em sucessos; que conceda a oportunidade de que o aluno e o mestre enfrentem seus medos e percebam que é o trabalho coletivo

que respeite as diferenças, aquele que produz uma individualidade não-patológica (ZUIN, 1999, p. 138).

Maria Lúcia de Arruda Aranha em seu livro *História da Educação e da Pedagogia* (2006), traça um panorama interessante sobre a questão da educação e dos impactos que a mesma sofreu no que se refere às inovações tecnológicas e também da ação da indústria cultural “os processos massivos da indústria cultural tornaram obsoleta e ineficaz a velha aula de saliva e giz, pelo menos para transmitir informações” (ARANHA, 2006, p. 254). Percebemos de tal modo, que mesmo diante da realidade imposta pela indústria cultural, é importante que o professor tenha essa percepção de que os aparatos devem ser usados em favor de uma educação que possa trazer formação humana. Dar um novo significado ao que temos é importante, e mais importante ainda, é que essa resignificação possa ser elemento diluidor das mazelas que a indústria cultural cultiva sobre o pensamento e ação da sociedade.

Nessa perspectiva, visualizamos o espaço escolar como um lugar de desvelamento e de oportunidade para que os indivíduos (tanto o professor quanto o aluno) possam resignificar suas vivências e experiências, destacamos a possibilidade de provocar o ato de criação, convidar para o sabor da leitura de mundo e do envolvimento com as palavras, nortear atos de contradição e resistência diante das complexidades e injustiças sociais que se apresentam, motivar a liberdade de expressão e o ato de imprimir na realidade o seu movimento de pensar e agir. Nessa toada, consentindo que o impensado aconteça ou pensar de modo autônomo o que já foi pensado, isso é viabilizar a construção da emancipação defendida por Adorno (1995, p. 183) “[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência [...]”.

[...] Adorno então sustenta o argumento de que as pessoas propensas a lutar pela busca da emancipação devem trabalhar duramente para a educação que tem por finalidade a contradição e a resistência ao estado de barbárie, à educação pela dureza. Ora, essa é uma das suas principais colaborações ao debate filosófico-educacional. A partir desse procedimento, caminha-se em direção à formação de personalidades emancipadas, tanto por parte do alunato, quanto por parte do corpo docente (ZUIN, 1999, p. 146).

Sendo assim, é urgente que o professor, procure discutir com os estudantes, a ideia de que a complexidade dos acontecimentos atuais, somados aos elementos deixados pela história e ao nosso modo de viver no mundo, são peças fundamentais para formação da nossa consciência, para o estabelecimento da abertura de espaço para reflexão do mundo e de si mesmo, além de oportunizar elementos para comunicação das percepções e conclusões

alcançados. Conseqüentemente, o processo de comunicação e interação que podem dinamizar a emancipação e autonomia dos estudantes deve ser pautada no diálogo e no zelo para não cair no extremismo e assim perder a possibilidade de emancipação individual e/ou coletiva.

Como professores de Filosofia, precisamos refletir: até que ponto, estamos indicando para nossos estudantes, a ideia de que a história e o nosso modo de viver no mundo é o elemento fundamental para formação da nossa consciência? E que, essa consciência é que possibilitará que eles se conectem com a realidade vivida e assim, possam interromper a barbárie que se institui nas escolas. Acreditamos que tal ação é que pode realizar um processo emancipatório dos alunos do Ensino Médio, porque possibilita uma proposta de Filosofia dentro das salas de aula que ofereça um pensar por si mesmos, um convite ao pensamento ativo e contextualizado com a realidade vivida pelos estudantes.

O professor de filosofia, então, é aquele que faz a mediação de uma primeira relação com a filosofia, que instaura um novo começo, para então sair de cena e deixar que os alunos sigam suas próprias trilhas. Sem Sócrates, Platão não teria se iniciado em filosofia; mas sem o desaparecimento (morte) de Sócrates, Platão não teria feito o movimento de um novo começo, produzindo, ele mesmo, filosofia. O professor de filosofia é aquela personagem que, a um só tempo, sabe e ignora; com isso, não explica, mas medeia a relação dos alunos com os conceitos, saindo de cena em seguida para que tal relação seja desenvolvida por cada um e por todos (GALLO, 2012, p. 129).

Desse modo, percebemos a escola como caminho que norteia os estudantes rumo à ação emancipatória. Ser emancipado, não é ser adestrado em posicionamentos ideológicos, bem como não implica em ter coragem de gritar e enfrentar de modo agressivo em defesa de suas ideias. Emancipação é possibilidade de pensar, problematizar e realizar de modo consciente e esclarecido. Por esse viés, defendemos que a emancipação se concretiza justamente na sala de aula, é nesse contexto que se pode ressignificar a educação e a prática dos professores, as quais atingem idiosincrasias por meio dos encontros, suscitando resistência às imposições a partir do vivenciado e experienciado cotidianamente.

Acreditamos que os encontros nascidos no interior da escola podem contribuir para o esclarecimento, para a necessidade de compreender e criar, promovendo as ações de buscar e realizar, despertando o senso crítico, pois todos os conteúdos em suas mais diversas áreas levam a pensar, e esse ato conduz à emancipação. Percebemos o espaço escolar como esse local no qual as informações podem ser transformadas em problemas e em atividades de pensamento tanto para os estudantes quanto para os professores.

Ensinar não como ato de controle, mas como um convite a um aprendizado, a um “fazer com”, à inauguração de um novo começo que nós, professores, não temos como saber qual será, é um ato de desprendimento e militância. Desprendimento de conteúdos, de saberes prontos, em nome de um possível encontro com signos que mobilizem no aprendiz a necessidade de pensar e construir seus próprios caminhos, decorrentes de seus encontros e suas escolhas. Militância em prol do pensamento, do aprendizado de cada um, para além de qualquer ensino. Para o caso de um ensino de filosofia como pedagogia do conceito, trata-se de experimentar o ensino não como emissão de “palavras de ordem”, mas fazendo “gaguejar” o saber, convidando cada um a experimentar os próprios problemas para, de dentro de seu campo problemático, orientar-se no pensamento como quem recomeça uma jornada muito antiga, mas sempre nova e inovadora (GALLO, 2021, p. 117).

Devemos compreender que as barreiras e barbáries devem ser rompidas por meio de uma educação formativa que nos conduza à emancipação. Contextualizando o pensamento de Adorno aos dias atuais, em meio ao império da indústria cultural com todo seu aparato tecnológico que invadiu as escolas e a mente dos jovens do Ensino Médio, e que impregnou os meios de comunicação de massa com as ferramentas da propaganda e o incentivo ao consumo, com toda sua promessa de felicidade, êxito e realização, torna-se primordial colocar a Filosofia a serviço da educação.

Cabe ressaltarmos que intentamos assentar os ideais filosóficos no campo educacional não no sentido instrumental, de ser apenas usada para uma determinada finalidade, mas “a serviço”, no sentido de atuar como forma, meio e caminho para se chegar a um resultado de fato, significativo. E assim, buscar a formação da tão sonhada emancipação desde os tempos da atuação de Adorno. É salutar atentar-se à questão da formação da opinião e do pensamento dos nossos estudantes, como nos alerta Adam Schaff (1995)

[...] concentremos nossa atenção sobre o impacto que as informações exercem sobre a inteligência humana. Isto se refere principalmente aos meios de comunicação de massa: o rádio, a televisão, a imprensa, o cinema etc. A experiência demonstra que o fornecimento contínuo e regular de um tipo de informação pode forjar as tendências de opinião pública que se quer. Em todos os países sabe-se que quem controla estes canais de informação não só controla a opinião pública, mas, na continuidade, pode forjar também modelos de personalidade e o caráter dos seres humanos. Este fim pode ser alcançado de modo muito sofisticado, introduzindo elementos de propaganda nas informações difundidas ordinariamente; neste caso as pessoas são praticamente impotentes, já que não percebem a presença da propaganda e por isso não podem a ela se opor [...] (SCHAFF, 1995, p. 109).

Dito isso e buscando entrelaçar tal ideia ao questionamento levantado outrora por Adorno, podemos por exemplo nos questionar sobre a posição da atual sociedade que por vezes, se acomoda com tudo aquilo que é veiculado pela mídia, pois chega de modo rápido, prático e imediato, não requer esforço, e essa atitude pode gerar uma camada de pensamentos e ações ordenado em um sistema fechado e direcionado a interesses individuais e dominantes.

Diante de tanta tecnologia, aparatos digitais e comodidades no dia a dia da humanidade, nos deparamos com as mesmas indagações que Adorno suscitou, pois temos uma razão equipada, mas em contrapartida ela pode simplesmente ser um instrumento para manipular massas e atender interesses de uma determinada parcela da sociedade. Daí a importância de o docente pensar pelo viés filosófico e transformador, com base na teoria crítica a qual apura as imposições e acidez dos ditames da indústria cultural e conseqüentemente da semicultura, dando um novo significado a sua forma de atuar.

Assim, entendemos que é preciso romper com a semiformação, procurando ofertar aos estudantes oportunidades e possibilidades de fazerem um uso consciente, significativo e produtivo dos meios tecnológicos aos quais eles têm acesso. Eis o nosso desafio de promover uma formação dentro de um fluxo intenso e constante de informações e novidades oferecidas pelas culturas digitais diariamente.

Nenhum avanço do conhecimento humano é em si reacionário ou negativo, já que tudo depende de como o homem o utiliza como ser social: uma mesma descoberta pode ser utilizada pelo homem para abrir caminho a um novo paraíso ou a um novo inferno muito pior do que aquele que conhecemos até agora. Mas em hipótese alguma podemos admitir que o temos de que se abuse do conhecimento humano leve à proibição deste conhecimento (SCHAFF, 1995, p. 24).

Diante de tal verdade, é urgente pensar meios que viabilizem a construção do conhecimento formativo, já que não temos como isolar nossos jovens e impedir que eles tenham acesso contínuo e sejam bombardeados constantemente por tudo aquilo oferecido pelo universo digital. Assim como Adorno vivenciou em seu tempo todo bombardeio da indústria cultural, assistimos atualmente à ação de uma razão instrumental, algo que é usado para manipular e controlar o pensamento humano.

Há uma padronização, um estilo domesticado, no qual tudo que é diferente, ou seja, todo comportamento que não se enquadra no padrão estabelecido pela sociedade opressora e pelo sistema midiático operado pelos aparatos da indústria cultural, acabam assumindo um caráter desagradável, em função de que o gosto e a prática já foram acostumados e condicionados a um certo padrão pré-estabelecido. Por isso, muitas vezes é complicado inovar no espaço escolar, há um hábito em se conceber um professor explicador e em se ter um aluno ouvinte. O que se apresentar de modo distinto desse padrão, o que for diferente disso, é encarado em alguns casos, como um fator negativo.

Entendemos que o cenário que impede ou dificulta o desenvolvimento da construção da emancipação dos jovens, é justamente esse, um sistema que cria produtos

adaptados ao gosto das massas, gerando o desejo de consumo e uma incapacidade de autonomia e decisão consciente. Fica claro, portanto como o atual cenário dificulta a construção de emancipação dos estudantes do Ensino Médio, e que diante de tal dificuldade impera a necessidade de buscar o esclarecimento por meio da Filosofia, pois contrário a tal ação, permanecerá a ideia indicada na Dialética do Esclarecimento de que

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si* torna *para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Contudo, faz-se oportuno afirmar que não pretendemos abandonar as tecnologias digitais, que estão presentes na vida da maioria dos estudantes, pretendemos na verdade, discutir esse uso das tecnologias de modo consciente, saudável e seguro, de modo a saber o que, para quê e quando usar, conhecendo os possíveis riscos e benefícios dos aparatos que temos a nossa disposição, no intuito de ampliarmos o debate mais ainda aos estudantes acerca, mormente, dos riscos trazidos pela *Internet* e assumindo o papel de educador emancipador.

Em entrevista no ano de 2001, o professor Antônio Nóvoa fala sobre as competências necessárias para a prática do professor, e muito nos chamou a atenção a ideia que ele defende, e que aqui também sustentamos direcionando para o ensino da Filosofia em salas de aula

Resumindo, eu tenderia a valorizar duas competências: a primeira é uma competência de organização. Isto é, o professor não é, hoje em dia, um mero transmissor de conhecimento, mas também não é apenas uma pessoa que trabalha no interior de uma sala de aula. O professor é um organizador de aprendizagens, de aprendizagens via os novos meios informáticos, por via dessas novas realidades virtuais. Organizador do ponto de vista da organização da escola, do ponto de vista de uma organização mais ampla, que é a organização da turma ou da sala de aula. Há aqui, portanto, uma dimensão da organização das aprendizagens, do que eu designo, a organização do trabalho escolar e esta organização do trabalho escolar é mais do que o simples trabalho pedagógico, é mais do que o simples trabalho do ensino, é qualquer coisa que vai além destas dimensões, e estas competências de organização são absolutamente essenciais para um professor. Há um segundo nível de competências que, a meu ver, são muito importantes também, que são as competências relacionadas com a compreensão do conhecimento. Há uma velha brincadeira, que é uma brincadeira que já tem quase um século, que parece que terá sido dita, inicialmente, por Bernard Shaw, mas há controvérsias sobre isso, que dizia que: “quem sabe faz, quem não sabe ensina”. Hoje em dia esta brincadeira podia ser substituída por uma outra: “quem compreende o conhecimento”. Não basta deter o conhecimento para o saber transmitir a alguém, é preciso compreender o conhecimento, ser capaz de o reorganizar, ser capaz de o reelaborar e de transpô-lo em situação didática em sala de aula. Esta compreensão do conhecimento é, absolutamente, essencial nas competências práticas

dos professores. Eu tenderia, portanto, a acentuar esses dois planos: o plano do professor como um organizador do trabalho escolar, nas suas diversas dimensões e o professor como alguém que compreende, que detém e compreende um determinado conhecimento e é capaz de o reelaborar no sentido da sua transposição didática, como agora se diz, no sentido da sua capacidade de ensinar a um grupo de alunos (Trecho extraídos da entrevista do Prof. NÓVOA, 2001).

Sintetizando, inferimos que a prática docente necessita ressignificar-se para que oportunize consequentemente que o alunato do Ensino Médio também possa construir um novo significado para sua existência. Com a adoção de ações que visam resistência, autorreflexão e emancipação o professor demonstra uma possibilidade de transformação. A ação do professor implica um conjunto de ações as quais tendem a formar outros seres humanos, por isso é tão importante que sua prática assuma um caráter dialógico, crítico e reflexivo “Como ator social, o professor tem um papel a desempenhar na política educativa. No seio da escola, a sua atividade desenvolva-se no conjunto das interações político-administrativo-curricular-pedagógicos” (ALARCÃO, 2007, p. 23).

2.4 Tecnologia e Educação: modelo híbrido e suas contribuições para o trabalho com a Emancipação

A tecnologia se configura como um conjunto de saberes próprios do ser humano, que buscou a criação de artefatos e mecanismos capazes de satisfazer suas mais diversas necessidades (VERASZTO, 2004). Então podemos perceber que os artefatos advindos da tecnologia não se restringem unicamente aos utensílios digitais, mas sim, a todo processo de criação humana que tende a satisfazer as demandas do ser humano em diferentes épocas e momentos.

[...] é importante frisar, que muitas vezes ao falarmos em tecnologia pensamos imediatamente dos produtos mais sofisticados que estão ganhando o mercado neste exato momento. Porém, a tecnologia não consiste somente nisso. Precisamos lembrar que a nossa história tecnológica começou junto com o primeiro homem quando ele descobriu que era possível modificar a natureza para melhorar as condições de vida de seu grupo. O homem, ao descobrir que poderia modificar o osso, estabelecendo um novo uso para o mesmo, dava o passo inicial para a conquista do átomo e do espaço (VERASZTO, 2004).

Pensando nisso, nos colocamos a refletir inevitavelmente na tecnologia na educação; como utilizar esse artefato dentro do sistema educacional, ainda mais no atual momento de pandemia, diante a qual instalou-se a questão do ensino remoto emergencial?

Sabemos que tal modalidade de ensino foi implantada pela necessidade de continuação do processo de ensino e aprendizagem diante do atual cenário.

Um caminho que se tornou viável diante da inegável necessidade de buscar meios para estabelecimento de comunicação entre alunos e professores no processo pandêmico instalado no mundo inteiro, foi através das metodologias do ensino híbrido, que articulam atividades presenciais com atividades não presenciais e várias tecnologias para mediar a comunicação e o processo de ensino e aprendizagem no atual contexto.

Precisamos pensar o ensino híbrido e sua possível relação com a indústria cultural, cogitando de que maneira, dentro das salas de aula, seja factível extrair elementos emancipatórios dessa modalidade híbrida de ensino. Dentro do atual contexto imposto pela indústria cultural à sociedade, dando ênfase, neste ponto, ao espaço escolar, comprovamos essa verdade nas bases de Zuin, Pucci, Oliveira (2004); quando indicam que

“Eis que a técnica escapa ao domínio particular e, por meio dela, é possível decodificar o código genético do homem, renovar fontes de energia, ampliar as redes de comunicação e, paralelamente, conviver sem a permanência da paz, mesmo que tudo esteja ideologicamente associado à ideia de progresso humano” (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2004, p. 181).

Percebam que aqui somos levados a pensar a respeito dessa atuação da técnica em nossa realidade, já que ela pode trazer muitos benefícios, mas também pode acarretar problemas, já que o grande risco advindo da técnica é justamente o modo como a mesma será usada.

Como analisamos em momentos anteriores a indústria cultural exerce um poder de manipulação, dominação, estímulo de desejo e limitação de ações próprias. Assim, entendemos que o grande risco para a sociedade educacional contemporânea está nessa manipulação que é exercida pela indústria cultural, o que pode somar um uso alienado e inconsequente dos meios tecnológicos, já que, a disseminação das informações, a estrutura de comunicação, a própria interação humana está pautada nesse movimento tecnológico.

Adorno foi um crítico voraz da massificação exercida pelos meios de comunicação da sua época, por vezes ele questionou e até criticou a forma como esses aparatos estavam sendo utilizados. Em sua época os meios de comunicação não tinham evidentemente esse caráter tão instantâneo e rápido com os quais contamos atualmente. Eram mais evidentes o rádio e o cinema.

O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos

tecnológicos. A participação de milhões em tal indústria imporia métodos de reprodução que, por seu turno, fazem com que inevitavelmente, em numerosos locais, necessidades iguais sejam satisfeitas com produtos estandardizados. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção difusa exigiria, por força das coisas, organização e planificação da parte dos detentores. Os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição. [...] O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje, é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. [...] Mas isso não deve ser atribuído a uma lei de desenvolvimento da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia contemporânea (ADORNO, 2002, p. 8-9).

Percebemos assim, a crítica adorniana ao modo como a técnica é controlada pela indústria cultural. Adorno em seu tempo chegou a dar entrevistas e a participar de debates radiofônicos, portanto percebemos que Adorno não é um pensador radical no sentido de desprezar a importância e o alcance comunicativo que tais itens são capazes de gerar, sua crítica recai justamente na manipulação desses meios apenas com a intenção capitalista. Em agosto de 1969 Adorno participou de um debate radiofônico com Helmut Becker²¹, sobre a questão da educação e formação humana, com temas centrados na preocupação e intenção da construção do currículo escolar pós-guerra.

Quanto à televisão Adorno também procura indicar sua dupla ação sobre a humanidade, em um debate na Rádio de Hessen com Becker, que foi mediado por Kadelbach, desenvolvendo a temática da formação dos adultos e a televisão, Adorno procura apontar a visão de que a televisão pode tanto formar, por meio de programas educativos e pedagógicos quanto deformar com a reificação das consciências através da propagação e estímulo de consumo, exercendo assim uma função deformativa e não formativa.

Em primeiro lugar, compreendo "televisão como ideologia" simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problemáticamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. Além disto, contudo, existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, convertesse pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fatura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade (ADORNO, 1995, p. 80).

²¹ Inclusive, tal debate foi organizado no livro *Educação e Emancipação*, que reúne entrevistas radiofônicas e debates (ADORNO, 1995).

Desse modo, observamos as críticas de Adorno no que tange ao uso das tecnologias, mas não há da parte do pensador uma condenação ao avanço tecnológico. Suas questões recaem sobre a necessidade de formação do ser humano para que esse seja capaz de usar as tecnologias e não de ser usado pelo sistema que apenas domina sua consciência o transformando em um ser coisificado que apenas segue o que é indicado para toda massa humana. Seguindo esse raciocínio é que nos propomos discutir a metodologia de ensino híbrido que faz uso das tecnologias digitais, largamente difundida durante a pandemia da COVID-19, a partir de 2020 e nos dispomos a pensá-lo em uma vertente de uso consciente e crítico, procurando identificar suas características e evidentemente os desafios que ele pode oferecer ao processo educacional.

Nos passos do pensador Theodor Adorno, que tem como foco de inquietações a ideia de que a mecanização impactada sobre o ser humano impregna os sujeitos de medos e desejos e impedem a transformação social, e acaba paralisando o ser humano em um processo de naturalização da realidade como se aquela fosse a única forma possível e cabível.

Empenhamo-nos em buscar compreender como é possível o processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio mesmo estando inseridos no atual contexto, o qual é inegavelmente permeado por traços de mecanização, industrialização, tecnologias, técnicas e aparatos digitais. Para reforçar nosso propósito de pensar o modo que o homem naturaliza a si mesmo e ao seu contexto, lembramos o que escreveram na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer

A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 14).

Desde o ano de 2020, fomos assolados por uma pandemia que nos privou do contato físico e direto com os estudantes, mas não ficamos distantes da sala de aula, já que de certo modo a educação se viu obrigada a introduzir o uso de ferramentas digitais e tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, assim sendo, é inegável a necessidade pujante de envolvimento da educação com os recursos digitais e tecnológicos. A pandemia que se instaurou foi causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV2, e foi identificado o primeiro caso em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019 e a partir disso, os casos começaram a se espalhar por todo o mundo.

No Brasil, o primeiro caso é identificado em fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo, e em poucos dias já foi confirmada a primeira morte na cidade de São Paulo em função

da ação do vírus, no mesmo dia dois pacientes que haviam testado positivo na cidade do Rio de Janeiro, também vieram a óbito e a partir daí são inúmeros os casos de contaminação e também de óbito tanto no Brasil quanto no mundo de modo geral.

O mundo foi obrigado a parar, pois o contato físico precisou ser reduzido para que a contaminação fosse dificultada. Todos os setores com exceção daqueles que foram considerados serviços essenciais (saúde e alimentação) tiveram que fechar suas portas e encontrar novos meios de atendimento. As escolas também não puderam manter suas atividades presenciais, pois o contato era inevitável e conseqüentemente a contaminação também.

A partir de então, passamos a vivenciar um modelo de educação no qual as atividades tiveram obrigatoriamente que se desenvolver em um formato digital (*on-line*)²² percebe-se a necessidade de buscar inovações e concomitantemente a isso, adaptar-se ao novo sistema instalado. Tendenciosamente caminhamos para o modelo híbrido de educação, ou seja, práticas que ocorrem simultaneamente em espaços físicos e digitais, assumindo um caráter multimodal (combinar vários aspectos: som, imagem, texto, animação, linguagem verbal e não verbal mescladas), o que nos impulsionou ainda mais a tentar trabalhar a Filosofia como elemento emancipador, pois diante da convergência midiática, dos hipertextos, hiperlinks e da hipermídia, torna-se majoritária a necessidade de preparar os jovens do Ensino Médio para o uso eficiente e moderado dessas linguagens e práticas digitais.

Essa percepção quanto a inevitável presença do ensino híbrido, toma como base a linha teórica de Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 1) que expõem o ensino híbrido como “uma abordagem que busca a integração das tecnologias digitais aos conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma que, mais do que enriquecer as aulas, seja possível oferecer diferentes experiências de aprendizagens aos estudantes”.

O ensino é híbrido, também, porque não se reduz ao que planejamos institucional e intencionalmente. Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas, com desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. Hoje, temos inúmeras formas de aprender. Por que tantos se perdem, não se interessam, abandonam o que iniciaram? O ensino é híbrido porque todos somos aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informação e de conhecimento. Passamos, em pouco tempo, de consumidores da grande mídia a “prosumidores” – produtores e consumidores – de múltiplas mídias, plataformas e formatos para acessar informações, publicar nossas histórias, sentimentos, reflexões e visão de mundo. Somos o que escrevemos, o que postamos, o que “curtimos”. Nisso expressamos nossa

²² *On-line* se refere a alguém ou a algo que está conectado à *Internet* ou a alguma rede de computadores, bem como a tudo aquilo que é feito através da ou na *Internet*. Disponível em: <https://bit.ly/2WLFOZV>. Acesso em: 26 jul. 2021.

caminhada, nossos valores, visão de mundo, sonhos e limitações. Em um sentido mais amplo, há muitos portais e aplicativos que facilitam a qualquer um tornar-se professor, ensinar algo que interesse a alguém (de forma gratuita ou paga). Todos nós ensinamos e aprendemos o tempo todo, de forma muito mais livre, em grupos mais ou menos informais, abertos ou monitorados. Na educação, acontecem vários tipos de mistura, *blended* ou educação híbrida: de saberes e valores, quando integramos várias áreas de conhecimento (no modelo disciplinar ou não); de metodologias, com desafios, atividades, projetos, games, grupais e individuais, colaborativos e personalizados. Também falamos de tecnologias híbridas, que integram as atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais. Híbrido também pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. Híbrido também é a articulação de processos de ensino e aprendizagem mais formais com aqueles informais, de educação aberta e em rede. Implica misturar e integrar áreas, profissionais e alunos diferentes, em espaços e tempos distintos. São muitas as questões que impactam o ensino híbrido, o qual não se reduz a metodologias ativas, ao mix de presencial e *on-line*, de sala de aula e outros espaços, mas que mostra que, por um lado, ensinar e aprender nunca foi tão fascinante, pelas inúmeras oportunidades oferecidas [...] (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 42-43).

Nessa perspectiva as escolas foram obrigadas a reinventar seu modelo de ensino e aprendizagem e assim as aulas remotas tomaram forte presença. E nesse circuito de criação de novos modos de sobreviver à pandemia instaurada, a educação precisa pensar o modelo híbrido de ensino como uma modalidade necessária.

Estamos vivenciando a partir de 2021, um retorno parcial das atividades escolares em alguns estados e cidades brasileiras. O retorno já era previsto pelo Ministério da Educação através da adoção de um formato que permitisse aulas presenciais associadas a aulas à distância, visto que um retorno total seria complicado em função da ação do vírus e da necessidade de uma imunização global e segura. O Governo de Minas Gerais²³, por exemplo, está inserido nesse contexto de adaptação do ensino através do modelo híbrido de ensino. Em função disso,

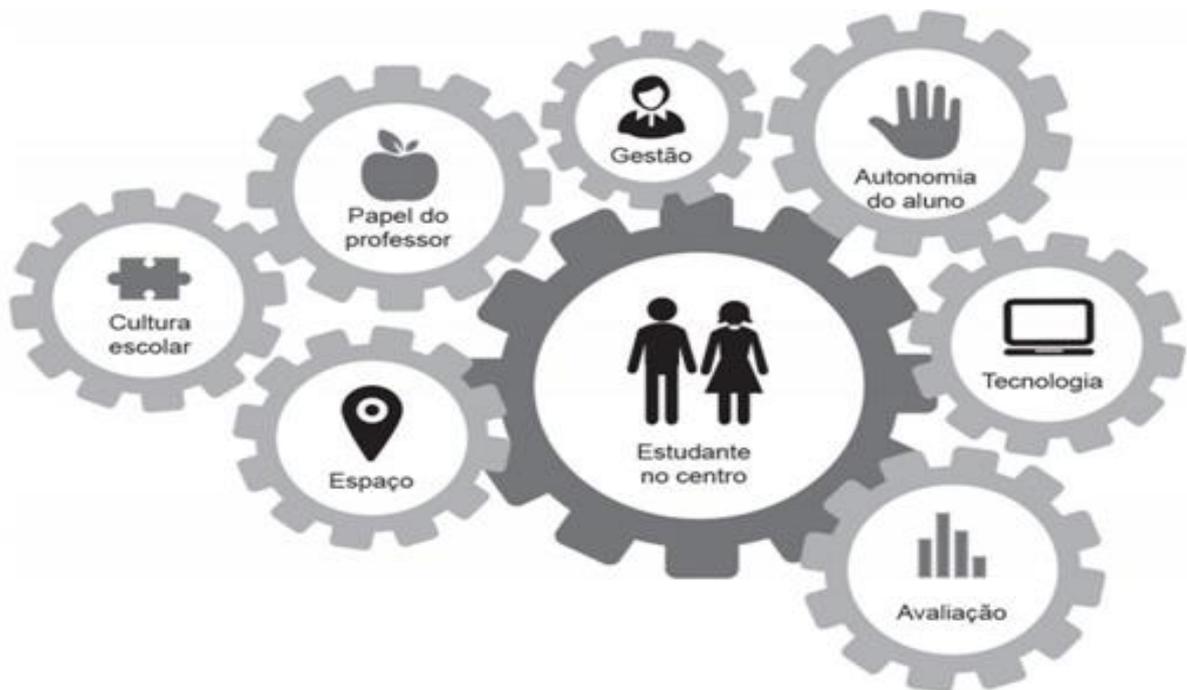
²³ A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) recebeu, dia (10/6), autorização do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) para a retomada das atividades pedagógicas presenciais. O retorno pretende ser seguro, com regras de distanciamento e de higienização; gradual, começando apenas com as turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental; e facultativo, em que cada família decide se quer retornar presencialmente nos municípios que estiverem nas ondas verde e amarela do Plano Minas Consciente e onde a prefeitura não apresentar restrições. Com essa decisão, a SEE/MG anuncia que a partir do dia 14/6, os profissionais de educação retomam o trabalho presencial para preparação das escolas. Já os alunos, retornam no dia 21/6. Neste momento, estão em onda amarela as regiões Triângulo Norte e Vale do Aço. Portanto, apenas as escolas que oferecem anos iniciais localizadas nessas regiões poderão retornar às atividades na próxima segunda-feira (14/6). O retorno está sendo planejado e preparado cuidadosamente para dar a segurança necessária a funcionários, estudantes e famílias para a volta ao ambiente escolar, após mais de um ano de suspensão das atividades presenciais em função da pandemia da covid-19. Todas as escolas que oferecem os anos iniciais estarão preparadas para receber os estudantes até o dia 21/6. Para a volta das atividades pedagógicas presenciais, as unidades de ensino irão seguir a Resolução SEE 4506/2021, que institui o ensino híbrido como modelo educacional para este ano letivo na rede estadual, com alternância de atividades presenciais e remotas. A resolução prevê a aplicação dos protocolos de biossegurança da Secretaria de Estado de Saúde (SES/MG) e as diretrizes estabelecidas pela Deliberação do Comitê Extraordinário Covid-19 N° 129 (MINAS GERAIS, 2021). Disponível em: <https://bit.ly/2TM3fRw>. Acesso em: 20 jun. 2021.

pensamos que a tecnologia assume nessa perspectiva, um papel fundamental já que possui a capacidade de facilitar e potencializar o contato entre estudantes e professores favorecendo abertura de novas possibilidades de aprendizagem no processo educativo.

Evidentemente, vivemos um momento de inovação da sala de aula, na qual existem desafios a serem superados para incorporar o uso das tecnologias digitais no dia a dia da realidade escolar. Mas, pensamos que essa inovação assume um caráter mais metodológico do que propriamente tecnológico, uma vez que percebemos que a presença da tecnologia acompanha a humanidade e já é parte integrante no processo de comunicação da atual geração de estudantes. Temos plena consciência de que é preciso oferecer práticas condizentes com a realidade dos estudantes, capacitação para o corpo docente, envolver a comunidade escolar nesse novo contexto, ou seja, um dos maiores desafios é de fato, tornar as tecnologias de informação e comunicação algo inerente ao nosso trabalho.

Seguimos a ideia defendida por Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) quando nos orientam que o ensino híbrido tende a funcionar como uma engrenagem através do qual as peças se alinham em um movimento em que a organização é capaz de garantir a funcionalidade e o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem satisfatório e gerador de autonomia. Conforme a ilustração, observe que o corpo escolar e sua composição pode ser combinado ao modelo híbrido com vistas à produção de resultados significativos

Figura 1 – Engrenagem do modelo híbrido e sua atuação em sala de aula



A dificuldade de incorporar esse elemento à educação pode estar ligada, por exemplo, ao fato de que nesse universo digital e tecnológico tudo torna-se descartável muito rapidamente, as informações não têm limites, as pessoas estão numa intensa presença virtual e esse tipo de questão requer recursos didáticos e uso responsável da *Internet* na prática escolar, uma vez que esse ambiente é amplo e diverso.

O problema educacional não está, portanto, apenas em utilizar a tecnologia como instrumento avançado no ensino, acompanhar a sua evolução no mundo do trabalho, ou ainda estabelecer interação entre a escola e a educação informal dos meios de comunicação de massa, mas questionar como deve ser daqui em diante uma pedagogia realmente que oriente o cidadão para compreender o mundo transformado pela técnica e atuar sobre ele de maneira crítica. Mais ainda, aprender de modo contínuo – tanto o aluno como o professor –, já que essas transformações continuarão ocorrendo de modo vertiginoso (ARANHA, 2006, p. 254-255).

Analisando, a partir de Adorno, os riscos da indústria cultural pensamos ser de extrema importância procurar fazer o melhor uso possível das ferramentas tecnológicas, não permitindo com isso instrumentalizar a razão e nem a Filosofia, não temos pretensão de enaltecer a tecnologia ou endeusar os recursos por ela fornecidos, a questão é usar as ferramentas disponíveis e acessíveis aos nossos jovens para mediar o processo de interatividade no processo de ensino e aprendizagem.

Em um primeiro momento, podemos pensar que Adorno seria totalmente avesso e resistente às inovações, tecnologias, modernidades e aparatos facilitadores da comunicação e interação humanas. No entanto, gostaríamos de esclarecer que a teoria crítica desenvolvida por Adorno e seus companheiros da Escola de Frankfurt pretendeu na verdade, estabelecer uma crítica ao modo como estava sendo usada as tecnologias e os meios de comunicação de massa, estabelecendo uma crítica sobre o uso que estava sendo feito das descobertas e possibilidades criadas pela humanidade. Assim, também entendemos que todo aparato tecnológico e científico usado no cenário que estamos vivendo, precisa ser introduzido na educação como instrumento de mediação da comunicação e não como instrumento de manipulação e cárcere.

Em uma época altamente tecnológica, percebemos o problema de uma limitação na atitude de pensar impulsionada pela alienação promovida pela indústria cultural e seus interesses em manter a semiformação do indivíduo. No atual cenário capitalista global, fala-se em inovações, e elas são apresentadas diariamente em um bombardeio midiático, mas não se discute os rumos que essa tecnologia está tomando ou que rumo tal avanço está impactando na vida dos estudantes. É necessário tentar entender o espaço escolar e os estudantes que estão inseridos nesse contexto, é preciso atar o passado e o presente, no intuito de humanizar o futuro

da educação pública brasileira. Compreender o que foi e que o que é, o sistema educacional, elaborar o que foi vivido e criticar o presente prejudicado, para que possamos evitar que a barbárie se repita nos espaços escolares.

[...] outra questão cadente com que se defronta a escola contemporânea é a influência dos meios de comunicação de massa sobre as crianças e jovens, exercendo inegável educação informal, muitas vezes até mais incisiva do que a família, uma vez que nem sempre os pais acompanham de perto a formação dos filhos. Sabemos que a mídia exerce um poder de padronização de comportamentos, de estímulo ao consumismo, além de valorizar, pela cultura de massa, uma produção rarefeita voltada para o entretenimento. [...] A esse propósito, poderíamos lembrar o filósofo Montaigne, que, no século XVI, já preconizava uma educação que fizesse uma “cabeça bem-feita” e não uma “cabeça bem cheia”. Edgar Morin retoma essa ideia quando diz: “Uma cabeça benfeita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril” (ARANHA, 2006, p. 255).

A questão que deve ser foco de compreensão é o modo como a educação deve fazer uso das tecnologias, para que essas não se transformem apenas em uso instrumental da razão humana anulando suas potencialidades de criação e produção. Precisamos manter a busca adorniana pelo esclarecimento emancipatório pela via educacional. Inevitavelmente, é preciso buscar conciliar educação e tecnologia no atual momento em que vivemos. A constante evolução das tecnologias da informação, dando foco, neste ponto, à *Internet* se dá num ritmo, até então inimaginável, a cultura digital é algo presente e real no contexto humano. Tanto que a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018)²⁴ institui na competência geral de número 05

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 11).

Desse modo, torna-se inegável a presença concreta das tecnologias da informação e comunicação na realidade e espaço educacional, e também a urgência em saber usar de modo

²⁴ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Fonte: BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3iin38M>. Acessado em: 11 maio 2020.

seguro, consciente, crítico e responsável esse mundo digital, pois ele nos garante acesso à uma gama de possibilidades e a uma variedade de pessoas com apenas um toque ou um clique. Torna-se necessário transladar de uma realidade para outra de modo seguro com proteção de informações e conteúdo. Porque a cultura global oferecida pelas novas tecnologias, traz consigo a intenção já antiga de manter uma passividade de ação e pensamento nos receptores da mensagem programada pela indústria cultural.

Dessa forma, para tentar conter e coibir crimes cibernéticos, *FakeNews*²⁵ existem leis específicas para tratar cada situação e também as TDIC são regulamentadas por leis, decretos, resoluções, normas e orientações que prezam pela utilização adequada e segura desse mecanismo, com intenção de zelar pelos direitos individuais e coletivos, já que é preciso assegurar os benefícios e também a segurança para utilizarmos esse instrumento na educação de maneira qualitativa e de fato emancipatória.

Dentre as tentativas de frear, por exemplo, a ação e a viralização de notícias falsas, permitindo aos usuários da *Internet* a possibilidade de verificação de informações de modo mais abrangente, contamos atualmente com agências de checagem de conteúdos, como é o caso da *Lupa*²⁶, uma agência brasileira fundada em 2015 e que oportuniza essa checagem de informações, dados e notícias, com objetivo de esclarecer e permitir um acesso claro, verdadeiro e válido.

A Resolução SEPLAG²⁷ nº 107, de 26 de dezembro de 2018 é a base que regulamenta a política de segurança da informação, visando que o cidadão possa utilizar, controlar, movimentar informações, além de prezar pela confidencialidade, integralidade, disponibilidade, autenticidade e legalidade de dados, conteúdos e informações. Isso no intuito

²⁵ Desinformação e circulação de notícias falsas (*fake news*) são fenômenos que, embora presentes ao longo de toda a história humana, recentemente vêm sendo vistos com preocupação por governos, empresas de mídia e pela população em geral. Disponível em: <https://bit.ly/3aRuoHF>. Acesso em: 27 ago. 2021.

²⁶ A **Lupa** é uma plataforma de combate à desinformação através do fact-checking e da educação midiática. A empresa, fundada em 2015, iniciou sua trajetória como uma agência de notícias especializada em fact-checking, mas, em cinco anos de atuação, expandiu suas atividades para o ensino de técnicas de checagem e para sensibilização sobre desinformação e seus riscos. A **Lupa** mantém parcerias em projetos especiais de produção de conteúdo jornalístico e também em educação midiática, com o objetivo de expandir a discussão e o conhecimento sobre as consequências da desinformação na sociedade e para a democracia. A Lupa acompanha o noticiário de política, economia, cidade, cultura, educação, saúde e relações internacionais, buscando corrigir informações imprecisas e divulgar dados corretos. O resultado desse trabalho – ou seja, as checagens em si – é vendido a outros veículos de comunicação e também publicado no próprio site da agência. Desde sua criação, a Lupa já produziu checagens em formato de texto, áudio e vídeo. Divulgou verificações em jornais, revistas, rádios, sites, canais de televisão e redes sociais. Tanto no Brasil quanto no exterior. Disponível em: <https://bit.ly/3pgAQ3q>. Acesso em: 27 ago. 2021.

²⁷ A Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (SEPLAG) tem como atribuição formular, coordenar estrategicamente políticas públicas que propiciem o desenvolvimento econômico, cultural e social sustentável do Estado de Minas Gerais com o objetivo de promover a redução das desigualdades regionais e sociais. Fonte: *Site* da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. **Institucional**. Disponível em: <https://bit.ly/3f1ldkd>. Acesso em: 20 jun. 2021.

de garantir limites, controle, autorização no uso das TDIC dentro do exercício das funções atribuídas ao ambiente escolar.

Para atender a atual situação vivida pela educação a Resolução SEE nº 4.403/2020 visa proporcionar aos estudantes da Rede Estadual de Minas Gerais acesso às ferramentas disponíveis por meio da Plataforma *Google for Education*, dentre elas o Google Classroom (sala de aula virtual). A Resolução estabelece diretrizes, atribuições e termos de uso para acesso à plataforma disponibilizada na busca de atender os estudantes e proporcionar uma educação acessível.

A adoção do ensino híbrido, utilizando as tecnologias digitais com a interação presencial visa um enriquecimento da prática pedagógica porque estudantes e educadores podem aprender e ensinar em tempo e locais diferentes e variados, o que acaba demonstrando que o processo de formação e aprendizagem assume dimensões diferentes em que a aprendizagem é contínua e acontece de formas diferentes e não de uma única maneira. Essa modalidade de ensino para a atual geração é também algo real e concreto, já que pela necessidade apresenta-se, portanto, elemento constitutivo e fundamental para a educação. Esse modelo pretende ofertar oportunidades para que os estudantes utilizem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC que eles tanto gostam de maneira otimizada, uma vez que permite que o conteúdo possa ser transmitido de maneiras mais dinâmicas, diversas e interativas.

Nesse sentido, o Ensino Híbrido ou *Blended Learning* representa uma alternativa interessante, pois subsidia que o espaço formal de aprendizagem “comporte-se” de maneira mais dinâmica, flexível e personalizada, considerando os contextos socioculturais e as demandas individuais e coletivas de aprendizagem dos estudantes. Por meio do uso de diversos dispositivos tecnológicos (*wikis, blogs, chats, fóruns, redes sociais, dentre outros*), em especial aqui as atuais mídias, antigas restrições são resolvidas e, então, torna-se possível estabelecer outros mecanismos para a troca de informação, interação e colaboração entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem. A utilização desses dispositivos no ensino híbrido favorece a realização de experiências inovadoras, minimizando as limitações geográficas – relacionadas as dimensões de espaço e de tempo – e estende o espaço físico da sala de aula, para uma dimensão virtual onde são ampliadas as possibilidades de interação entre professores e alunos. Com essas alterações, dentre outros benefícios, observa-se um esforço maior para motivar a interatividade e a execução de trabalhos colaborativos, na rede [...] (SOUZA, 2019, p. 173).

Desse modo, torna-se claro e notório que a realidade que vivemos nos impele à adoção do ensino híbrido uma vez que esse se mostra o caminho adequado para superar os atuais desafios. Agora, para que as pessoas possam fazer um uso qualitativo é preciso a consciência no uso de tais ferramentas, compreendendo que elas podem ser meios de acesso,

mas que é imprescindível fazer o uso de modo crítico para não correr o risco de cair no canto da sereia e acabar sendo seduzido pelas inverdades e bombardeios que estão presentes no mundo digital.

Outrossim, entendemos que o uso das ferramentas digitais pode colaborar com o processo de ensino e aprendizagem, mas para que esse uso não seja apenas instrumental, mas sim, formativo, é necessário que o modelo híbrido seja discutido com os estudantes de forma que eles entendam que essa combinação *on-line* e presencial é um modelo educativo e que desse modo, esse novo paradigma deve gerar produções significativas e efetivas em diálogos, debates e criações. É preciso reelaborar a cultura escolar, dando ênfase ao processo formador advindo da união entre o *on-line* e o presencial nas salas de aula, sem, contudo, permitir que o sujeito perca sua sensibilidade diante dos encontros firmados na escola e sua capacidade de transformar informações em problemas para o pensamento crítico e reflexivo.

3 ESTAÇÕES FILOSÓFICAS: RESSIGNIFICANDO O ENSINO DA FILOSOFIA: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo, discutiremos sobre as possibilidades de desenvolver uma proposta de intervenção junto aos estudantes do Ensino Médio no intuito de contribuir para a emancipação dentro do espaço escolar. O projeto de intervenção aqui proposto, deve ser desenvolvido a partir de metáforas buscando ressignificar a presença da Filosofia no espaço escolar, fazendo uso das TDIC e favorecendo o uso qualitativo de tais instrumentos no processo formativo e cidadão dos jovens estudantes da modalidade Ensino Médio.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada na construção do referencial teórico, identificamos que o conteúdo filosófico que favorece o desenvolvimento da intervenção está centrado na “Escola de Frankfurt – A teoria crítica contra a opressão” (visto que neste instante, temos a possibilidade de discutir os adventos da modernidade, do iluminismo, e poderemos a partir daí analisar questões que foram resultantes da expansão da razão, tais como sociedade de massa e a razão instrumental, indústria cultural, ideologia e estereótipos, mídias e propagandas, esclarecimento, formação e semiformação e esclarecimento).

Esperamos que, por meio de tais temas, torne-se possível enxergar a debilitação das esperanças, a descrença e a crítica no fato de que a razão instrumental seria capaz de propiciar total esclarecimento e emancipação dos seres humanos, além de permitir uma análise e debate sobre a ação da indústria cultural e sobre os possíveis benefícios advindos da tecnologia e seus implementos digitais para os estudantes do Ensino Médio, dialogando também sobre o uso e desafios das tecnologias digitais para o processo da formação humana. Por meio dessa temática, a pretensão é promover o espaço do diálogo e reflexão, através do qual o estudante enxergue o contexto social no qual está inserido e se enxergue parte desse contexto, criando por si mesmo possibilidade de superação e solução para os problemas e desafios encontrados para si e para a coletividade.

A intervenção proposta, nos permite estabelecer reflexões sobre o contexto humano e promove pensar sobre a importância da realização de atividades baseadas na reflexão e no diálogo; identificar o que os estudantes entendem por emancipação para que aconteça a resistência e a contradição; discutir a manipulação da indústria cultural e analisar como os gêneros digitais que têm circulado nas mídias sociais podem ser utilizados em sala de aula no sentido de contribuir para o pensar e agir emancipatórios.

No intuito de propor um trabalho que atendesse a realidade dos sujeitos do Ensino Médio, foi realizado um levantamento de dados, para identificar o perfil, através da aplicação de um questionário pelo *Google Forms* (APÊNDICE A). A partir das respostas coletadas, nos foi possível melhor conhecer a realidade dos estudantes do Ensino Médio em especial no que se refere ao uso das tecnologias digitais e ao uso da *Internet*.

O município de Ubaí, em que está localizada a Escola Estadual Maria Batista Cavalcanti, a qual serviu como espaço de estudo para nossa pesquisa, conta com 43 comunidades rurais, e os jovens dessas comunidades têm atendimento escolar para a modalidade do Ensino Médio nessa referida escola. Desse modo, o público analisado é composto em sua maioria por jovens estudantes da zona rural. No entanto, no questionário aplicado, a maioria a responder foram os estudantes da zona urbana, o que já demonstra uma dificuldade de acesso à *Internet* pelos jovens estudantes da zona rural, pois esses têm um acesso mais limitado à *Internet* (mas o acesso existe).

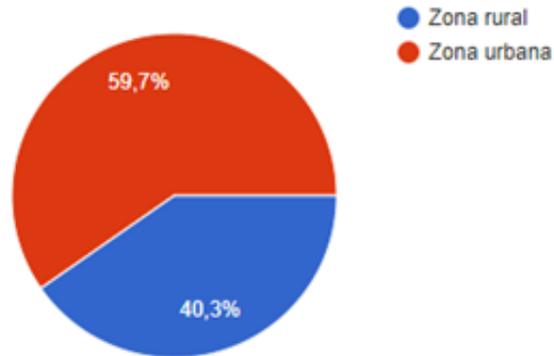
A partir do levantamento de dados, foi possível identificar dentro do universo dos 62 estudantes que se disponibilizaram a responder ao questionário, que o perfil do grupo a ser estudado é composto em sua maioria por jovens entre 17 e 19 anos, acentuando o percentual de mulheres.

Ao lançar nossa atenção aos dados coletados, percebemos que a faixa etária predominante concentra-se entre 17 e 19 anos, o que indica uma possibilidade de distorção entre idade e ano escolar que frequentam, já que o questionário foi aplicado para estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio. Ao cruzar as informações do gráfico da faixa etária com o as informações do gráfico referente ao gênero, é notório que as mulheres estão em maior número, o que nos aguça questionamentos acerca dos possíveis motivos que levam o público feminino a estarem em defasem escolar. E esse levantamento, reforça ainda mais, nossa defesa da necessidade de alicerçar o pensamento autônomo desses estudantes do Ensino Médio, já que esse público está imerso na fase de tomada de decisão. Aqui, independentemente do tempo perdido, dos prejuízos alcançados, entendemos ser o momento de oportunizar essa formação de consciência e ação emancipada.

Gráfico 1 – Local de habitação

1- Você mora na:

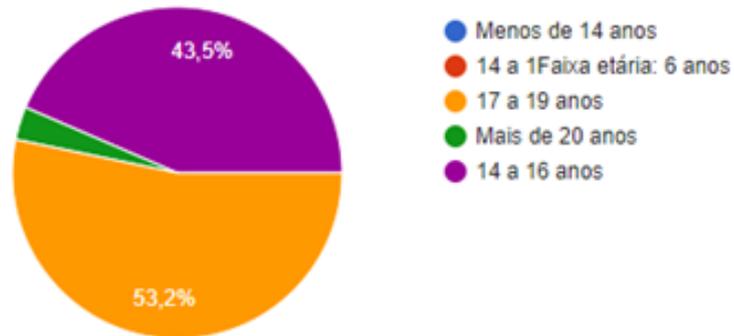
62 respostas



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 2 – Faixa etária do corpus da pesquisa

62 respostas

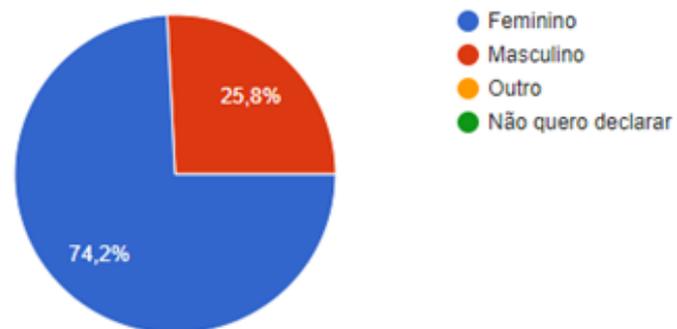


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 3 – Gênero do corpus de pesquisa

Sexo:

62 respostas



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Com base ainda, nos dados coletados, percebemos que em sua maioria, os jovens estudantes do Ensino Médio conseguem se conectar à *Internet*, possuem aparelho celular, o qual tem acesso à *Internet*, possibilitando-os buscarem informações. Eles têm acesso, comumente, por meio do sistema global de redes de computadores via celular.

Interessante ressaltar que, as informações normalmente chegam à essa faixa etária via celular o que demonstra o acesso às tecnologias. No entanto, ao compararmos os gráficos, percebemos que o acesso à *Internet* não é fornecido pela escola, pois a maioria faz esse acesso de suas próprias casas ou através de seu próprio aparelho celular. O que nos leva a indagar sobre a necessidade de políticas públicas e incentivos governamentais que viabilizassem esse acesso.

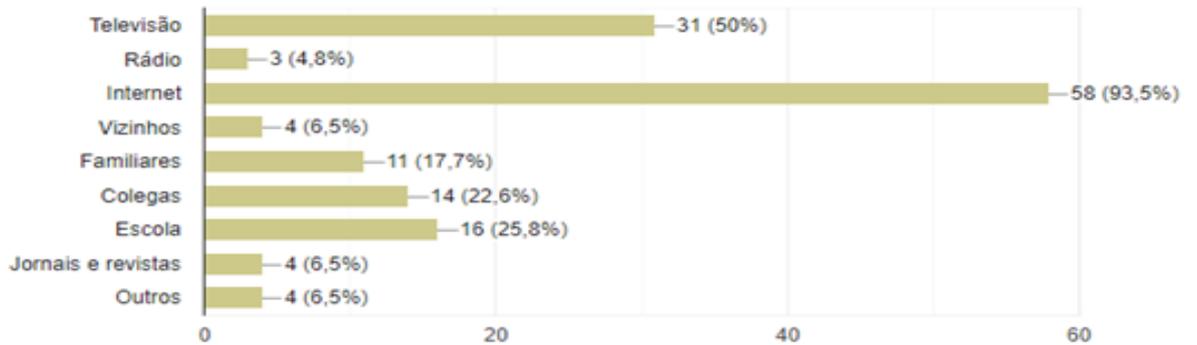
No que tange à finalidade do uso da *Internet* pelo público pesquisado, o gráfico nos aponta que há um uso significativo para o entretenimento, em que esse espaço funciona como um local de lazer, distração, diversão e passa tempo. As redes sociais assumem o controle desse interesse. Um fator comum entre esses jovens, é o fato de que possuem um perfil em redes sociais, o que demonstra o uso comum dessa tecnologia e a acessibilidade que os estudantes já têm. Reforçando a possibilidade de que esse acesso ajuda a ter posicionamentos diferentes acerca de diversificados temas e assuntos, permite também a interação entre as pessoas, ter notícias e assim, propiciar a emancipação dos sujeitos. Isso porque, indica que o importante é que esses estudantes tentem e façam a busca pela compreensão lógica do ambiente digital e saibam operar esse espaço com consciência.

Além da evidência elucidada pelos gráficos sobre a acessibilidade, destacamos também, que 35% fazem uso da *Internet* com intenção de estudar e 10% para fazer pesquisas (que podem perfeitamente estarem relacionadas aos estudos). Desse modo, fortalecemos nossa expectativa de uma educação emancipadora e esclarecedora, que possa apontar para esse público a utilidade não apenas instrumental da *Internet*, trabalhando suas características e possibilidades instrutivas e formativas. Enxergamos nessa acessibilidade e contato com as tecnologias o caminho para o uso racional e consciente das mídias e tecnologias digitais, trabalhando a proatividade do estudante, para que ele seja capaz de construir seu conhecimento e a sua autonomia.

Gráfico 4 – Canal utilizado para o acesso à Informação

4- Como você tem acesso à informação?

62 respostas

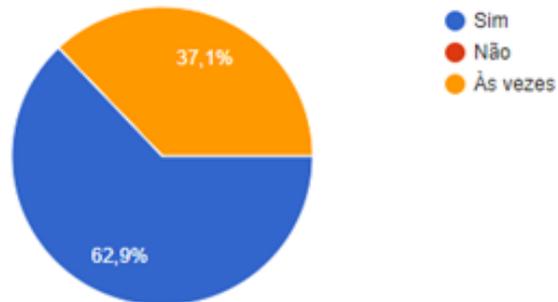


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 5 – Acesso às tecnologias

5- Você tem acesso à internet

62 respostas

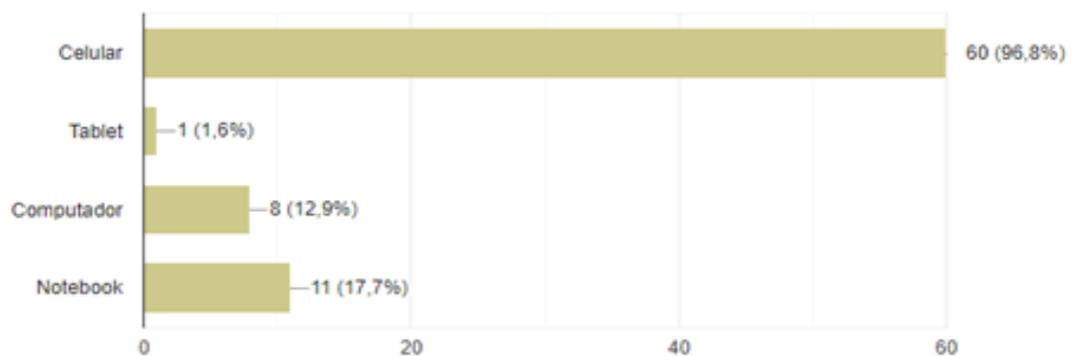


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 6 – Tecnologia com acesso à *Internet*

6- Você possui algum dos aparelhos citados a seguir? Marque todos que você possui.

62 respostas

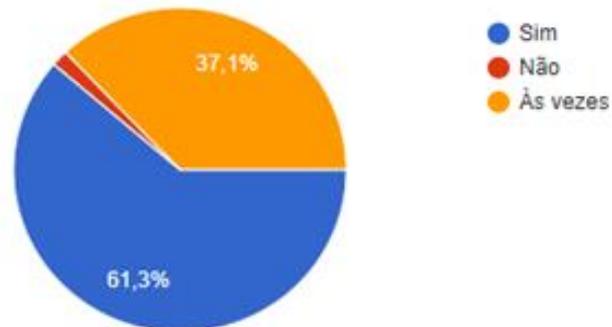


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 7 – Aparelhos com acesso à *Internet*

7- O (s) aparelho (s) que você marcou tem acesso à internet?

62 respostas



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 8 – Canal utilizado para o acesso à Informação

9- De onde você acessa à internet?

61 respostas

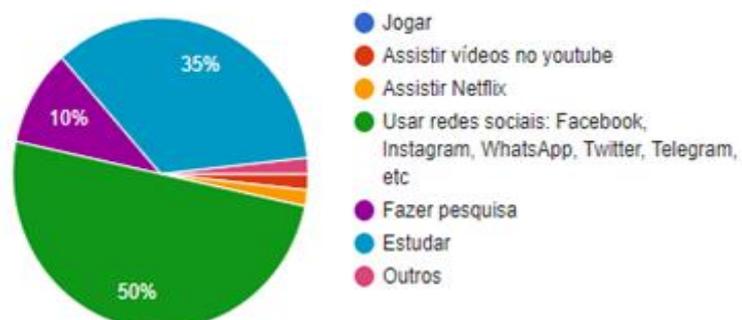


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 9 – Finalidade do uso da *Internet*

10- Se você tem acesso à internet, qual o principal uso que você faz da internet?

60 respostas

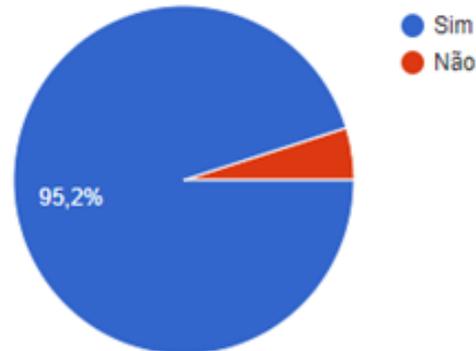


Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Gráfico 10 – Utilizam redes sociais

11- Você possui perfil em alguma rede social?

62 respostas



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Ao analisarmos os dados, percebemos que normalmente os estudantes do Ensino Médio se conectam à *Internet* das suas próprias casas. Um dado interessante está no fato de que o principal uso feito pelos jovens está ligado às redes sociais, no entanto, ao serem questionados sobre os temas que despertam maior interesse os jovens indicam que são os temas referentes à educação. Talvez, em função da necessidade de realização de atividades e encontros pelo sistema remoto de ensino, já que o contato entre professor e aluno não está acontecendo de modo presencial. Então, esse fato leva o estudante a ter que adaptar-se a pesquisas e buscas na *Internet* sobre todos os conteúdos, o que acaba reforçando esse novo modelo de ensino que conta com ação consciente dos estudantes, onde eles mesmos precisam criar sua rotina e ritmo de estudo em seu tempo e espaço.

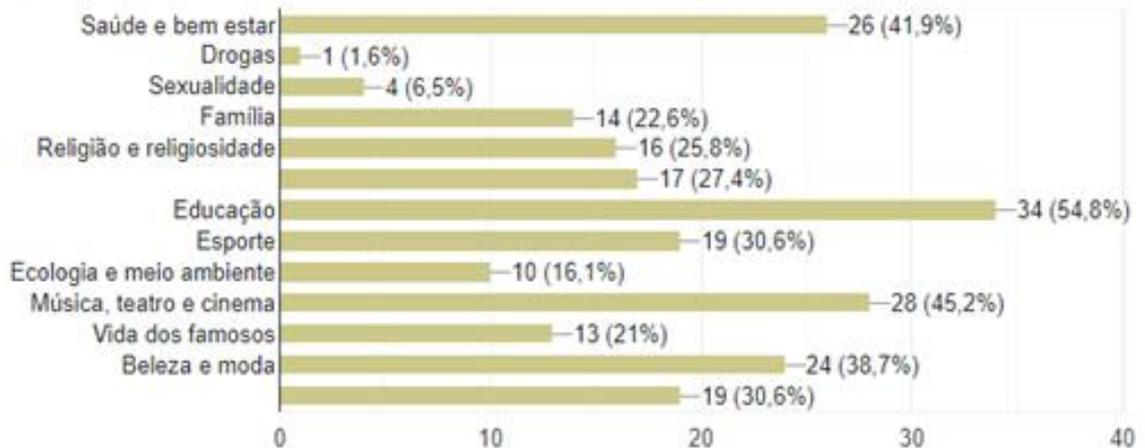
Ao problematizarmos os dados que expressam os assuntos buscados pelos estudantes do Ensino Médio, nos colocamos a pensar: quais seriam as implicações desse uso da *Internet* para a emancipação desse público e qual a contribuição dessas temáticas para essa construção emancipatória? Nessa perspectiva, destacamos que o fato da temática referente à educação ser a mais cotada pelos estudantes, desperta em nós uma expectativa de canalizar tal busca à nossa proposta de intervenção, quando pretendemos fazer uso de textos e contextos digitais para incidir raios de conhecimentos sobre o alunato do Ensino Médio. Seguido por assuntos relacionados à saúde e bem-estar, música, teatro e cinema, o que também nos estimula, pois tais abordagens são elementos importantes para o desenvolvimento das Estações Filosóficas, em que os momentos podem ser regados por tais temáticas associadas à abordagem filosófica. Isso nos permite fortalecer nossa pretensão de conciliar a vida prática, o processo de vivência dos estudantes aos contextos da Filosofia, oportunizando com isso que os próprios

estudantes sejam autônomos e capazes de edificarem seu modo de perceber, pensar e agir diante de fatos e acontecimentos (tecnológicos, científicos, religiosos, políticos...enfim humanos).

Gráfico 11 – Assunto do interesse buscados na *Internet*

15- Quais assuntos despertam seu interesse na internet e nos meios de comunicação?

62 respostas



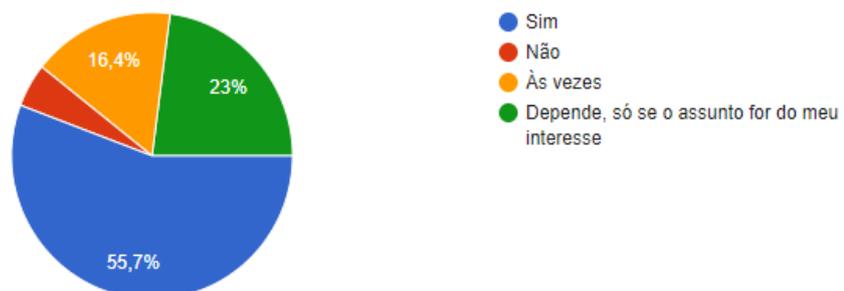
Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Ainda se tratando da adaptação que os jovens do Ensino Médio estão vivenciando, podemos destacar o dado que estima que a maioria dos estudantes conseguem desenvolver leituras pelo aparelho tecnológico que possuem, nesse caso como já estimado, pelo celular. Tal estatística aponta que os estudantes não demonstram resistência ou dificuldade com esse aparato, pois estão familiarizados com o instrumento e esse serve como fonte e meio de comunicação e informação.

Gráfico 12 – Desenvolvem leituras via tecnologias

16- Você consegue desenvolver leituras pelo aparelho tecnológico que possui?

61 respostas



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Uma curiosidade que julgamos pertinente compartilhar, foi o fato de percebermos na aplicação do instrumento de coleta de dados, questionário (APÊNDICE A) que a maioria dos estudantes possuem e-mail simplesmente como um *ticket*, uma espécie de passaporte que os garante a possibilidade de ter acesso a outros benefícios oferecidos (entretenimento, diversão, redes sociais etc.). Identificamos também que dentro do planejamento da disciplina de língua portuguesa, por exemplo é comum trabalhar o gênero textual e-mail, no entanto, ficou notório que os estudantes apenas passam por aquele gênero, mas não o compreendem como uma forma de comunicação efetiva. Com essa prática, percebemos que a ação da indústria cultural que pretende oferecer satisfações instantâneas, facilidades sem esforço de uma razão crítica, acaba efetivando-se, já que os estudantes não usam o *e-mail* para uma finalidade comunicativa ou em busca de esclarecimentos, o uso é mecânico, apenas para acessar outras plataformas ou ferramentas. Talvez, o *e-mail* tenha sido substituído enquanto meio de comunicação, por exemplo, pelo *WhatsApp*²⁸, que passou a ser um meio rápido e eficaz de estabelecer contato e multiplicar informações.

A partir dos dados, informações coletadas e da nossa análise, foi possível pensar a possibilidade de como os estudantes do Ensino Médio da escola pesquisada têm acesso à *Internet* e viabilizou ainda, o levantamento da hipótese de que a *Internet* se configura no atual cenário como um elemento que ajuda a construção da emancipação dos jovens estudantes, uma vez que ela representa um meio de comunicação e interação entre as pessoas, inclusive no processo de ensino e aprendizagem. A *Internet* não simboliza meramente uma estrutura, ela assumiu no decorrer de sua evolução a característica de ser um espaço educacional, visitada e habitada por seres humanos.

E precisamos entender que esses seres humanos buscam, conforme apontado pelos dados levantados a distração através das redes sociais, mas também buscam sua formação pessoal, social e profissional. Por isso é tão importante pensar e discutir juntamente com os estudantes o modo e o papel desempenhado pela *Internet* no processo formativo do ser humano,

²⁸ O *WhatsApp* foi fundado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum. Nascido como uma alternativa para as mensagens via SMS, o aplicativo se consagrou em todo o mundo como uma das plataformas de comunicação mais populares entre os usuários. Em fevereiro de 2014, o *WhatsApp* foi comprado pelo *Facebook*, mas continua operando como um app independente. Com o rápido crescimento da ferramenta, o *WhatsApp* vem investindo nos últimos anos em melhorias e na adição de novos recursos. Hoje, o aplicativo é gratuito e oferece aos usuários serviços de mensagens de texto e áudio criptografadas, chamadas de voz e vídeo, envio e recebimento de diversos tipos de arquivos, além do compartilhamento de localização entre os usuários. Focado em sua missão de “possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras em qualquer lugar do mundo”, o *WhatsApp* tem, atualmente, mais de 1 bilhão de usuários e está presente em mais de 180 países. Ainda de acordo com a companhia, todos os dias são enviadas 55 bilhões de mensagens, 4,5 bilhões de fotos e 1 bilhão de vídeos através do App. Fonte: Site Canal Tech. **WhatsApp**. Disponível em: <https://bit.ly/2VrOoMt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

pensar como ela pode ser trabalhada no espaço educacional a favor da emancipação humana, pensando esse uso não simplesmente como instrumento de entretenimento ou para semiformação, mas sim como possibilidade para formação e emancipação. Nessa perspectiva, é que adotamos esse ideal de pensar a *Internet*, as ferramentas digitais, a tecnologia e os recursos tecnológicos como maneiras facilitadoras no processo de transmissão e de acesso às informações.

Destacamos que recursos como computadores, celulares, tablets, aplicativos diversos e educacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, redes sociais, videoaulas, serviços de trocas de mensagens, tutoriais, vídeos instrucionais são formas de troca de informações, e tais recursos se tornam possíveis a partir da *Internet*. Desse modo, reforçamos a importância do uso consciente e reflexivo desse canal de acesso e disseminação dos diversos temas existentes, pois não é suficiente apenas o caminho, é necessário que se saiba como e por onde caminhar, é preciso que esse acesso seja garantido e compartilhado de modo igualitário e justo, além disso, é essencial que esse uso seja baseado em princípios e razões emancipatórias.

Pensamos que o primeiro passo para a realização deste trabalho deve se enquadrar no convite aos alunos do Ensino Médio da escola para participarem do projeto, que pode ser realizado através do aplicativo de *WhatsApp*, ficando a participação aberta aos interessados na proposta. Em seguida, o professor deve criar um grupo específico nesse aplicativo para o desenvolvimento do trabalho de interação. Além da interação pelo aplicativo *WhatsApp* devem ser realizados encontros síncronos pela plataforma do *Google Meet*²⁹, no contraturno das aulas para não gerar prejuízo à demanda das atividades cotidianas dos estudantes, sendo também possível o uso de ferramentas assíncronas, no qual os alunos não precisam estar conectados ao mesmo tempo que o professor, ele tem a liberdade de organizar seu tempo e a realização das atividades propostas. Podendo também acontecer encontros presenciais dependendo da realidade escolar no presente ano.

O aporte metodológico a ser utilizado no presente projeto de intervenção, toma como base a proposta de Gallo (2012) e as metáforas de David D. Thomburg (2004) sobre o

²⁹ O *Google Meet* (agora chamado apenas de *Meet*) é uma ferramenta corporativa, ou seja, foi pensada e desenvolvida especificamente para as empresas realizarem reuniões em videoconferência ou chamadas de voz a distância. Com alta qualidade de áudio e vídeo e comportando um grande número de participantes online ao mesmo tempo, o app é muito útil, principalmente, em tempos de pandemia. O *Meet* é integrado ao *Google Workspace* (antigo *G Suite*) que é o sistema completo para empresas que desejam implementar uma gestão integrada com prioridade para uma comunicação eficiente. Disponível em: <https://bit.ly/3DSyITF>. Acesso em: 27 ago. 2021.

processo de aprendizagem na modernidade, consolidadas na proposta metodológica denominada *Estações Filosóficas* resultado desta pesquisa.

O professor Sílvio Gallo (2012) pretende defender um ensino ativo de Filosofia, nesse intuito ele descreve quatro etapas didáticas pensando no desenvolvimento autônomo dos estudantes do Ensino Médio e pensando também uma postura de professor atuante e não simplesmente de um professor explicador que apenas repassa conteúdos. Ele indica as seguintes etapas:

- *Sensibilização*: refere-se ao momento em que o estudante deve ser tocado, afetado, ou seja, é o momento de chamar a atenção dos estudantes para que eles se sintam parte do que será discutido;
- *Problematização*: transformar o tema trabalhado em problema, o qual precisa de uma solução;
- *Investigação*: A busca por elementos que possam solucionar o problema levantado; *Conceituação*: é a etapa final, na qual o estudante consegue criar ou recriar conceitos, elaboração de pensamentos.

Thornburg (2004) nos orienta nesse processo de busca e aquisição de conhecimentos e idealiza uma proposta didática que trabalha metáforas e busca uma construção de sujeitos emancipados capazes de pensar e agir por si mesmos de modo crítico e reflexivo. Sua proposta, dividida em quatro momentos exibe:

- *a fogueira* (indica o aquecimento das ideias);
- *o poço d'água* (indica a busca por saciar uma sede, nesse caso a sede por respostas);
- *a caverna* (refere-se ao momento de reflexão individual);
- *a vida* (representa o momento de colocar em prática tudo o que foi abordado até o momento).

Tomando por base essas propostas³⁰, é que pensamos nosso plano de intervenção de modo a permitir que os estudantes do Ensino Médio possam vivenciar momentos e a partir deles extrair uma educação formativa e humana.

³⁰ As propostas de Gallo (2012) e David Thornburg (2004) estão melhor elucidadas no PEI (Proposta Educacional de Intervenção – **APÊNDICE B**).

De modo geral, nossa proposta metodológica divide-se em quatro momentos, em que cada um tenta afetar os estudantes de um modo mais, ou menos intenso, dependendo da disposição do sujeito do Ensino Médio para refletir sobre o que a Filosofia emancipatória pretende incidir sobre ele.

Optamos em trabalhar com metáforas das estações do ano, por enxergarmos nisso um caminho de fácil acesso para os estudantes do Ensino Médio, pois eles possuem noção das características de cada estação anual e isso, torna mais compreensível o trabalho com as *Estações Filosóficas*. Através de uma característica geral da estação anual, pode-se inferir subsídios que favoreçam a construção das etapas filosóficas e conseqüentemente, uma melhor prática do ensino de Filosofia.

As *Estações Filosóficas* são momentos que proporcionam aos estudantes, probabilidades de perceber, transmitir, captar e expressar concepções da realidade vivida em seus contextos. São alternativas que pretendem permitir um posicionamento crítico e uma organização existencial.

A Proposta de Intervenção *Estações Filosóficas*, é composta por etapas (Verão, Outono, Inverno e Primavera) e cada uma dessas etapas contam com momentos que foram nomeadas com personagens da Mitologia Grega (Estação Hermes, Estação Pandora, Estação Deméter e Estação Atena) com o fito de dar um teor filosófico à proposta e com o intuito de agregar características, princípios e objetivos para cada momento a ser desenvolvido com os estudantes.

➤ *O Verão Filosófico*, é o primeiro momento dessa metodologia, ele permite o estímulo das ideias, é a etapa também conhecida como *Estação Hermes*³¹, que traduz a ideia de transmitir uma mensagem, é o primeiro acesso ao que será explorado.

➤ Na segunda etapa, *Outono Filosófico*, temos a intenção de problematizar o contexto, permitir que ideias possam surgir ou cair, é também denominado *Estação*

³¹ Hermes – O nome Hermes significa "marcador de fronteira" sendo que uma de suas funções era guiar os mortos para o submundo, o reino de Hades. Como guardião da entrada do submundo, Hermes também é chamado de deus dos viajantes e protetor das estradas. **Hermes** é o deus grego da riqueza, da sorte, da fertilidade, do sono, da magia, das viagens, das estradas, do comércio, da linguagem e dos ladrões. Mensageiro dos deuses e muito venerado pelos gregos, Hermes é considerado um dos deuses mais irreverentes da mitologia grega. Hermes é considerado um deus astuto e malandro, que usaria essa característica para fazer o bem e o mal. Usava suas habilidades diplomáticas e de tradutor para fazer um contraponto entre deuses e os homens. Disponível em: <https://bit.ly/3xqneTS>. Acesso em: 27 jul. 2021.

*Pandora*³², posto que permite que as caixas de conhecimentos, verdades, opiniões, percepções sejam abertas e exploradas.

➤ Nosso *Inverno Filosófico* ou *Estação Deméter*³³ acontece na terceira etapa, em que a investigação subjetiva pode cultivar tudo aquilo que foi lançado até o momento.

➤ Na última Estação, encontramos a *Primavera Filosófica* ou *Estação Atena*³⁴, é a concretização do movimento ocorrido até este ponto, é a consolidação entre o que foi teorizado, vivido e pensado.

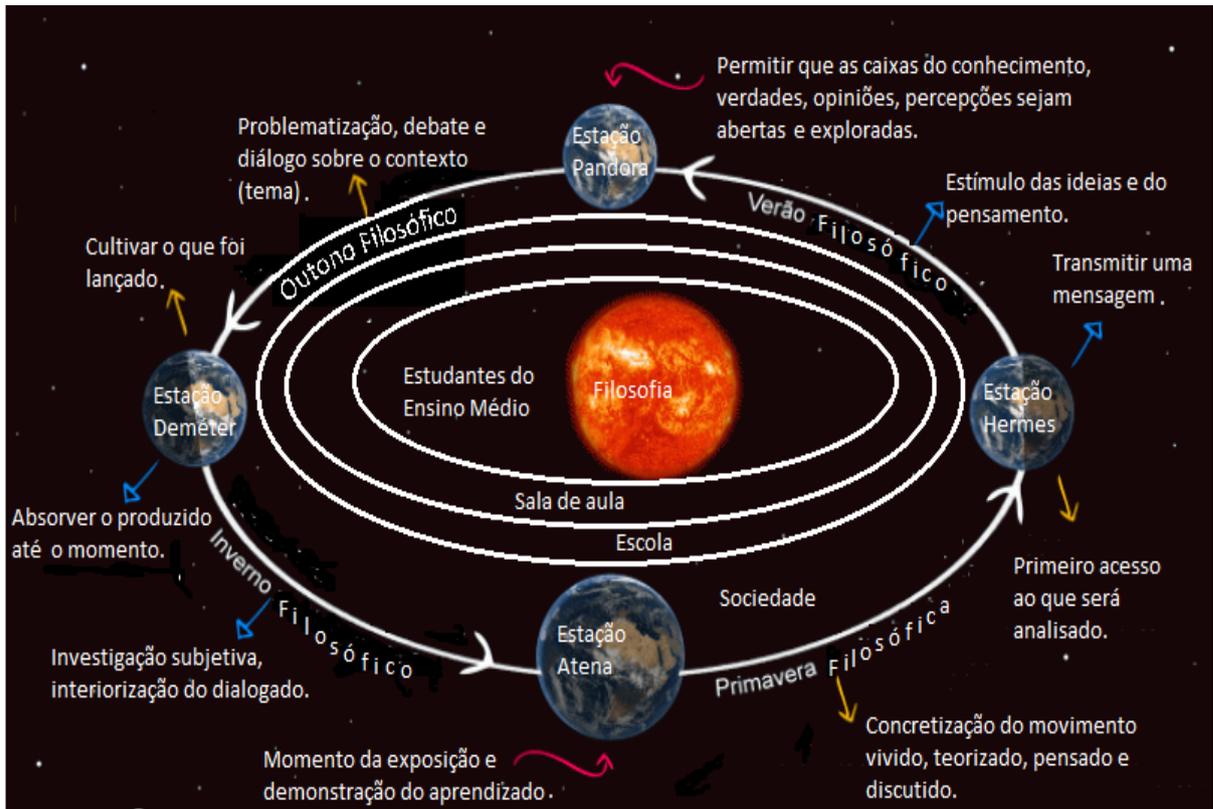
Prontamente, a seguir, apresentamos a Figura 2 que adaptamos para ilustrar as 4 (quatro) etapas: o Verão, o Outono, o Inverno e a Primavera, nas quais nos baseamos para explorar em todas as suas extensões da nossa Proposta Educacional de Intervenção: Estações Filosóficas.

³² Pandora: Zeus decide criar uma mulher repleta de dotes oferecidos pelos deuses e a oferece a Epimeteu, irmão de Prometeu. [...] Ao aceitar Pandora, Epimeteu também ganhou uma caixa onde estavam contidos vários males físicos e espirituais que poderiam acometer o mundo. Desconhecedor do conteúdo, ele foi somente alertado de que aquela caixa não poderia ser aberta em nenhuma hipótese. Com isso, o artefato era mantido em segurança, no fundo de sua morada, cercado por duas gralhas barulhentas. Aproveitando de sua beleza, Pandora convenceu o marido a se livrar das gralhas que lhe causavam espanto. Após atender ao pedido da esposa, Epimeteu manteve relações com ela e caiu em um sono profundo. Nesse instante, não suportando a própria curiosidade, Pandora abriu a caixa proibida para espiar o seu conteúdo. Naquele momento, ela acabou libertando várias doenças e sentimentos que atormentariam a existência do Homem no mundo. Zeus assim concluía o seu plano de vingança contra Prometeu. Logo percebendo o erro que cometera, Pandora se apressou em fechar a caixa. Com isso, ela conseguiu preservar o único dom positivo que fora depositado naquele recipiente: a esperança. Dessa forma, o mito da Caixa de Pandora explica como o Homem é capaz de manter-se perseverante mesmo quando as situações se mostram bastante adversas. Além disso, esse mesmo mito explora a construção da identidade feminina como sendo marcada pela sensualidade e o poder de dissimulação. Disponível em: <https://bit.ly/3lmIDdY>. Acesso em: 27 jul. 2021.

³³ Deméter é considerada a deusa da agricultura na Mitologia Grega, ela era quem nutria a terra. Era também considerada como a protetora do casamento, deusa da gestação e das leis sagradas. Uma grande história muito triste em sua vida, foi quando sua filha Perséfone foi raptada por Hades, que vivia nas profundezas do inferno e lá se casaram. Mas Deméter conseguiu que sua filha passasse uma parte do tempo ao seu lado e outra com seu marido no inferno, onde se tornou a pessoa que recebia as almas. Quando Perséfone está com sua mãe, a primavera reina, já quando volta para o inferno com seu marido, o inverno chega. Disponível em: <https://bit.ly/3lo7m1F>. Acesso em: 27 jul. 2021.

³⁴ Atena é uma deusa da Mitologia Grega, estando entre as principais divindades do panteão grego e um dos doze deuses do Olimpo. Atena foi cultuada durante toda a Antiguidade da Grécia, tanto na própria nação quanto na área de influência grega, da Ásia Menor à Península Ibérica, além do norte africano. A presença de seu culto é encontrada até mesmo nos arredores da Índia. Por esse grande alcance, é natural que o culto a Atena tenha assumido formas distintas, de modo que sua figura foi sincretizada com várias outras divindades, variando, principalmente, conforme a região de prática de devoção. Atena é a deusa da guerra, da sabedoria, das artes, da inteligência e da justiça. Além disso, é considerada protetora das cidades, dos tecelões, arquitetos e ourives. Entre as divindades representadas na arte, Atena foi uma das que mais serviu de fonte e inspiração para os artistas. Disponível em: <https://bit.ly/3zZCvN1>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Figura 2 – Proposta Educacional de Intervenção: Estações Filosóficas



Fonte: Imagem adaptada pela pesquisadora (2021). Disponível em: <https://bit.ly/3zZlyIU>. Acesso em: 27 jul. 2021.

A proposta da nossa metodologia de trabalho objetiva que os estudantes do Ensino Médio possam ter contato com a Filosofia, de modo que essa será como um sol que emana luz e oportunidades de construção de conhecimentos. Esse contato deve permitir que os estudantes do Ensino Médio ao passar pelas Estações Filosóficas sejam capazes de refletir sua emancipação, podendo acessar e adquirir conhecimentos diante das situações que envolvem seu contexto existencial. Pretendemos motivar o estudante a pensar a sociedade, a escola dentro dessa sociedade, a sala de aula no espaço escolar e a Filosofia e sua prática dentro das salas de aula.

Buscando ressignificar a prática do ensino de Filosofia, organizamos nossa proposta de modo que os estudantes possam fazer uso de elementos que são tão comuns em seu dia a dia (celulares, computadores, tablets), pois entendemos que é preciso articular o conhecimento pretendido aos instrumentos disponíveis. Não podemos nos furtar ao fato de que essa é uma realidade, e precisa ser incorporada às práticas pedagógicas, para que as mesmas alcancem um nível dinâmico e interessante para os jovens estudantes do Ensino Médio.

Sendo assim, na intenção de trabalhar temáticas da realidade vivida pelos estudantes e também de incitar o pensamento crítico acerca de situações e práticas tão comuns à sua realidade, sugerimos a estruturação de 10 encontros com aproximadamente 1 hora e 20 minutos de duração, e esses encontros devem provocar questionamentos em torno de conceitos tais como propaganda, mídia, manipulação, memes, ideologias e alienação. As atividades propostas pretendem proporcionar um levantamento de conhecimentos prévios e permitir investigações em torno de suas intenções. As atividades envolvem aplicativos, *QR Code* e *Links* permitindo assim o acesso fácil e rápido ao texto a ser explorado, as propostas elencam temas visando abordar, pesquisar, discutir, analisar e explorar seus conteúdos e intencionalidades. A ideia é promover esse movimento em torno do que é oferecido de modo a permitir o desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, produção, expressão, capacidade argumentativa, interatividade e diálogo.

É salutar, destacarmos o quanto a associação entre a técnica, a tecnologia e a Filosofia são essenciais na contemporaneidade. É preciso permitir que o estudante do Ensino Médio possa orbitar em torno de conceitos, ideias, instrumentos e descobertas para que ele seja capaz de agir de modo autônomo e consciente. A realidade na qual estamos inseridos é captada por nossas sensações e percepções diárias (som, cor, tom, sabor, acidez, aspereza, dentre outros), é preciso sensibilidade ao transitar nas *Estações Filosóficas*, mas também é imprescindível que façamos questionamentos e especulações em torno do que é vivido, é necessário que tomemos posse das informações, sem permitir deformações, ou seja, podemos ter acesso aos mais diversos meios de manipulação, mas é urgente não permitir o engessamento das ideias e ações, devemos conhecer os instrumentos manipuladores para inviabilizar seu processo de domínio sobre nós.

As *Estações Filosóficas* devem oportunizar o trabalho de modo a aquecer, desprender, relaxar e florescer ideias, ou seja, possibilitar através de diversas atividades e gêneros trabalhar temas e conceitos. Podemos até pensar que as Estações podem ser incorporadas em qualquer área, pois as Estações podem ser: pedagógicas, matemáticas, geográficas, históricas, literárias, dentre outras tantas. O fato é que é possível usar as etapas propostas de modo a iniciar e desenvolver a busca do amadurecimento e autonomia humana dentro dos mais diversos contextos.

Justificamos, nesse assunto, a sugestão de utilização dos gêneros digitais nesta proposta de intervenção por entendermos que é importante e necessário trabalhar de maneira multimodal, valorizando os mais diversos tipos de gêneros textuais, sem perder de vista a ideia de que teoria e prática deveriam ser indissociáveis e que essa etapa é fundamental para atingir

nossa possibilidade de favorecer à emancipação. Diante dessa realidade digital que se impõe ao sistema educacional e que conseqüentemente altera nossa forma de pensar, agir e atuar sugerimos o trabalho com esta metodologia da *Estações Filosóficas*, guiados pelos pressupostos adornianos e pautados na utilização dos gêneros textuais tradicionais e digitais, como recursos didáticos.

Depois de termos feito essa explanação geral a respeito da estrutura da nossa proposta metodológica, com a intenção de demonstrar sua viabilidade gostaríamos de compartilhar a proposta de intervenção pensada para o público do Ensino Médio nas aulas de Filosofia (**APÊNDICE B**). Nossa proposta se aplica a 10 encontros, porém, lembramos que as Estações Filosóficas podem orbitar durante todo um ano letivo, pode ser dividida em bimestres e contemplar diferentes gêneros textuais.

O ideal da proposta é criar situações em sala de aula voltadas para a realidade do estudante, e que ele, por meio das contribuições da educação, seja capaz de alcançar o esclarecimento das situações e agir de modo reflexivo e crítico. Ao agir assim diante das adversidades existenciais, acreditamos que os estudantes podem avançar na construção do seu processo de emancipação humana, já que estarão atuando na sua própria realidade de modo autônomo, crítico e democrático. Temos também consciência de que o assunto não se esgota neste estudo, faz-se necessário dar continuidade a estudos e a pesquisas que contribuam para a ascensão dos estudantes.

Lembrando que a temática vai se completando a medida em que avançamos de uma etapa para outra, de modo rotativo e conectado, para que haja uma trilha, um segmento de ideias e uma estruturação que de fato conduza o aluno, sem que ganhe apenas um caráter de instrumento a ser usado. Ao finalizar a proposta, sugerimos a realização de atividades que permitam que os estudantes coloquem em prática os conhecimentos construídos.

É pertinente destacar que a ideia da emancipação nos pede o trabalho de leitura, reflexão, práticas de produção, diálogo, expressão, interação e interatividade. De tal modo, pretendemos dividir os trabalhos em quatro módulos e em cada modalidade as atividades serão divididas em momentos para que os estudantes tenham a oportunidade de perceber e pensar sobre as propostas de trabalho.

Os participantes do proposto plano de intervenção escolar, formado pelos estudantes do Ensino Médio, serão observados e avaliados nas etapas deste trabalho de forma gradual, sem exigência de notas quantitativas. A intenção é uma avaliação qualitativa, que colete dados e apure resultados capazes de apontar a possibilidade de os estudantes alcançarem

níveis de autonomia e emancipação por meio do processo educativo e formativo dentro do espaço escolar.

Isso posto, acreditamos que o caminho pretendido nesta proposta, será capaz de criar condições para que o estudante do Ensino Médio fale de modo expressivo, comunique-se e vivencie momentos reais e virtuais, possibilitando assim, a interatividade e o alcance da emancipação, defendemos que a negação e superação da indústria cultural é possível, isto porque “esse movimento de negação do imediato compreende também a negação das condições sociais que obstaculizaram o desenvolvimento do diferente, do mimético, ou seja, daquilo que teve que ser recalcado em nome da promessa de uma sociedade pretensamente igualitária” (ZUIN, 1999, p. 126).

Finalizando, o ideal da proposta, é criar situações em sala de aula, voltadas para a realidade do estudante, e que dessa forma, seja possível por meio da contribuição da Filosofia, que os estudantes do Ensino Médio sejam capazes de alcançarem o esclarecimento das situações e agir de modo reflexivo e crítico. Então, ao agir assim diante das adversidades existenciais, acreditamos que os estudantes do Ensino Médio estão formando sua emancipação humana pelo viés da educação, através dos encontros em sala de aula e da presença da Filosofia nessa relação estabelecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso enquanto docentes do ensino público, nos possibilitou entender e defender a necessidade de uma atuação crítica diante da nossa realidade e também de incitar nossos estudantes a exercitarem resistência, autorreflexão, senso crítico e autonomia diante das circunstâncias apresentadas. Presidimos de uma atuação que enfatize em suas ações uma análise crítica e engajada do nosso espaço escolar, buscando ampliar as possibilidades para uma educação democrática, formativa e emancipatória que seja realmente de fato capaz de oportunizar uma educação humanizada, na qual possamos fugir do imediatismo que nos assola e impede nossa criatividade e potencialidades.

[...] justamente porque o pensamento ainda não se encontra reconciliado com a realidade, torna-se possível realizar a sua autocrítica, procurando compreender quais foram os fatores que conduziram ao seu processo de embrutecimento. Tendo por base essa premissa, podemos identificar uma importante contribuição de Adorno ao pensamento filosófico-educacional: a de que os processos educacionais não se restringem ao necessário momento da instrução, mas que certamente o transcendem (ZUIN, 1999, p. 118).

O indivíduo pela incapacidade de resistir aos processos alienantes do sistema capitalista, necessita de uma pedagogia formativa ou pedagogia emancipatória, se assim podemos classificar o ideal adorniano. O desenvolvimento de nossa pesquisa, gravitou em torno da possibilidade e meios possíveis para proporcionar aos estudantes do Ensino Médio, a construção da emancipação. Nessa trajetória perpassamos as teorias de Adorno através das quais salientamos a necessidade do vigor crítico diante da realidade vivida. Nessa perspectiva, caminhamos na defesa de que a aula de Filosofia no Ensino Médio, é um elemento capaz de transcender apenas o momento de instrução e favorecer essa construção verdadeiramente humana e possibilitar a razão emancipada e não instrumental.

Nossa pesquisa procurou elucidar e discutir o potencial da teoria crítica de Adorno em torno das inovações tecnológicas e metodológicas advindas do uso da *Internet* e das ferramentas digitais dentro do espaço escolar, além disso, tivemos a intenção de promover o pensar crítico e reflexivo dos jovens estudantes no que se refere aos impactos dos ideais e manipulações da indústria cultural sobre seu contexto e sua realidade. De maneira especial, procurou-se enfatizar as possibilidades da construção da emancipação dos estudantes do Ensino Médio, fomentando a análise de questões atuais na escola e no processo de formação humana,

como também, intentou-se para a análise dos possíveis desdobramentos produzidos pela semiformação oferecida pelo sistema e pela indústria cultural nas mais diversas práticas cotidianas.

Os resultados da coleta de dados permitiram argumentar sobre o potencial significativo e urgente da teoria crítica no debate de questões que permeiam a existência dos estudantes e a relação direta entre a formação ou semiformação oferecida pelo espaço escolar, a sociedade e o mundo contemporâneo. Baseados no que Adorno nos direcionou como possibilidade de uma educação para a autonomia vislumbrou-se demonstrar a necessidade do uso racional e não instrumental da razão e de aparatos tecnológicos, como a *Internet* de modo que tais elementos sejam de fato formadores e que tenham sentido em todos os aspectos sociais.

A partir do processo de coleta e análise de dados, percebemos que nosso público de estudantes estão entre 17 a 19 anos, inferindo-se daí a questão de que a maioria dos nossos estudantes estão em fase de maioridade legal³⁵, o que os faz associar tal questão à ideia de autonomia. Isso, porém, como vimos no decorrer do nosso trabalho e em consonância com as teorias do frankfurtiano Theodor Adorno, não ocorre dessa maneira, sendo a autonomia algo que vai além de um simples marco etário.

A predominância do feminino é notória, percebendo que o grupo escolar no qual fizemos a coleta de dados temos um público predominantemente composto por mulheres. Tornando-se essencial o desenvolvimento e debate da teoria crítica como meio para que essas mulheres se percebam como seres autônomos e capazes de não se sujeitarem a qualquer tipo de barbárie que comumente é cometida ainda em nosso país contra a classe feminina.

Em se tratando de moradia, percebemos que os alunos que responderam ao questionário são em sua maioria da zona urbana. No entanto, é um fator que nos chamou atenção porque na realidade da escola que desenvolvemos nosso trabalho, os alunos do Ensino Médio são em sua maioria real, estudantes da zona rural. Talvez, essa realidade indicada no gráfico tenha se dado porque a aplicação do questionário aconteceu de forma virtual em função da problemática instaurada pela pandemia Covid-19 e os alunos moradores da zona rural possuem um acesso mais limitado à *Internet*.

A maior parte dos estudantes que participaram do levantamento de dados, possuem acesso à *Internet*. A partir de tal dado, percebemos que esse elemento é algo comum, conhecido

³⁵ No mundo jurídico e na sociedade de forma geral, a maioridade civil é um marco temporal importante. Dos anteriores 21 anos de idade estabelecidos pelo Código Civil de 1916, o término da incapacidade civil foi antecipado no código de 2002 para 18 anos completos. De acordo com a legislação atual, atingida a maioridade, o indivíduo fica habilitado à prática de todos os atos da vida civil, sem a necessidade de assistência de um representante legal. Disponível em: <https://bit.ly/2Vi75CC>. Acesso em: 20 jun. 2021.

e utilizado pelos estudantes. Além disso, os estudantes utilizam a internet, como possibilidade de terem acesso à informações e por meio dela conseguem se conectar a realidade, fatos e acontecimentos, ou seja, recebem informações sobre os fenômenos locais, regionais, nacionais e mundiais.

O acesso é comum através do aparelho celular, que acaba se tornando um item muito utilizado no cotidiano dos jovens do Ensino Médio. Esse dado reforça nossa ideia de que o ensino na modalidade híbrida é possível e pode atender as necessidades de levar informação e permitir um processo educativo formativo, além do fato de que os alunos conseguem fazer esse acesso das suas próprias casas, o que acaba fortalecendo os pontos favoráveis para a solidificação da modalidade híbrida de ensino até mesmo para os estudantes da zona rural, que acabam organizando tempo, espaço e receptividade de sinal para desenvolverem seus estudos e cumprirem suas atribuições escolares.

Evidentemente, é uma nova modalidade que gera insegurança e alguns percalços, no entanto, esse levantamento aponta para a possibilidade de que o ensino formativo possa ser oferecido tanto para a zona urbana quanto para a zona rural do município. O que é preciso trabalhar é justamente a sensibilização dos estudantes para o cuidado com acesso e com as fontes das quais adquire informações.

Outro fator interessante apontado no condensado de respostas é perceber que os estudantes do Ensino Médio já dedicam o uso da *Internet* para os estudos, o que gera uma satisfação, pois assim percebemos que a dedicação de tempo na *Internet* também permite que os estudantes possam desenvolver suas pesquisas e aprofundar os conhecimentos nas mais diversas áreas do saber.

O jovem estudante do Ensino Médio também demonstrou que busca socializar e interagir através de redes sociais. Esse canal de comunicação atrai o interesse das pessoas, diante da pandemia Covid-19, na qual as pessoas encontram-se limitadas de sair, aglomerar, promover encontros físicos percebemos que esse acesso tem crescido ainda mais, pois permite que as pessoas possam se encontrar, ainda que virtualmente umas com as outras, independentemente de localização geográfica e tempo cronológico, sem necessidade de regras e medidas de proteção. Na verdade, a medida de proteção que se faz necessária, é justamente a autorreflexão crítica, a resistência ao que é imposto e a conduta emancipada diante do que é disponibilizado e oferecido nesse espaço de encontro.

Outro dado interessante é o fato de que as pessoas costumam acessar à *Internet* para pesquisas e redes sociais, ou seja, é uma busca constante, que não é satisfeita em um único

acesso. Por isso a importância em trabalhar esse canal dentro das salas de aulas, entendendo os benefícios que são oferecidos e os desafios que ainda precisam ser vencidos nesse campo.

Tomando como ponto de partida a coleta de dados, percebemos que a *Internet* é um instrumento de acessibilidade e praticidade para os jovens do Ensino Médio, aliás uma realidade que não se restringe aos estudantes do Ensino Médio, mas o que queremos indicar é que essa faixa etária tem um acesso constante à *Internet* e que tal acesso precisa ser trabalhado dentro das escolas para que possa ser capaz de oferecer um acesso formativo. Transitamos em torno da educação e suas possibilidades emancipatórias, além de pisar o chão da escola e enxergar nele o local exato de encontros, os quais pela atual realidade podem se efetivar de modo real e/ou virtual, canalizando assim o fortalecimento das metodologias ativas em contexto híbrido.

Destacamos que a partir desta proposta, é possível ressignificar a prática do ensino de Filosofia, indicando que é viável propor uma metodologia ativa híbrida, que coloque o estudante como protagonista do processo e o uso das TDIC de modo consciente e responsável, no qual o estudante fará uso de um elemento comum ao seu tempo (a cultura digital) e também terá a oportunidade de construir sua autonomia crítica diante de tudo aquilo que lhe possa ser oferecido pelos mais diversos canais de informação e comunicação.

A atual realidade, na qual imperou o distanciamento das salas de aula impôs falhas à nossa intenção, pois não conseguimos implantar de fato nossa proposta, não tivemos a oportunidade de testar, comprovar se o ensino híbrido é capaz de impactar para a formação da emancipação dos estudantes. No entanto, mesmo não tendo desenvolvido o projeto de intervenção, acreditamos que as Estações Filosóficas são um caminho possível para sensibilizar, dialogar e refletir juntamente com os estudantes sobre si mesmos e o modo com que afetam e/ou são afetados pelas mais diversas questões presentes em sua realidade existencial.

Mesmo por intermédio do ensino remoto emergencial, seguimos comprometidos em enfatizar o papel da Filosofia como veículo capaz de desmascarar o processo de educação como essa mera apropriação de conhecimentos técnicos, que apenas manipula e domina pensamentos e ações. Tentamos apresentar propostas que permitem o acesso aos benefícios das TDIC sem retirar da Filosofia sua essência indagadora, questionadora e emancipatória.

Após desenvolvimento de nossa pesquisa, a expectativa que impera em nós é contribuir para a educação a favor da emancipação, em um projeto pedagógico que consiga libertar os homens da opressão e da massificação, através do qual, ele se construa como um ser capaz de se formar de modo, a não ser dominado e capaz de exercer sua autonomia de pensamento e sua emancipação social e política. Entendemos que é possível, sim, que a

tecnologia possa ajudar com essas novas educações, em uma nova estrutura, capaz de lutar e resistir ao modelo massivo e hegemônico existente.

Cientes da importância do conhecimento na vida social do nosso *corpus* de estudo, (re)conhecemos os desafios impostos à educação e à Filosofia, cabe a nós explorarmos os meios que possibilitem vencer tais desafios e encarar os extremismos e barbáries impostos pela indústria cultural no que tange à formação integral do ser humano, atentando ao fato de que a era digital é uma realidade, e a educação não pode andar em descompasso com o mundo, pois não é mais possível se abster desse tipo de relação, é preciso que o processo de ensino e aprendizagem promova a interatividade, que vincule realidade e sujeito do ponto de vista comunicacional e conseqüentemente, do ponto de vista formativo e emancipatório.

Em suma, é possível encarar a ideia de que, se o ser humano não buscar esclarecimento sobre as ações praticadas, agirá de modo alienado diante de um sistema bárbaro, capaz de alienar o pensar e o agir humanos e encarcerar os indivíduos e a coletividade em uma heteronomia, os impedindo do alcance da maioria e da emancipação. Assim, defendemos uma prática filosófica reflexiva, resistente e atuante, capaz de trabalhar a realidade dos estudantes para que esses possam enxergar as limitações, desafios, extremismos e possibilidades de ressignificação existentes em cada aspecto do existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. Ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Trad. Júlia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALARCÃO, Izabel. **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *In.*: **Revista de Psicologia da UNESP**. 9 (1), 2010. Disponível em: <https://bit.ly/378iyac>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. São Paulo: Papirus, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**: geral e Brasil. 3º ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso Editora LTDA, 2015.

Blog Brasil Acadêmico. Geografia. Cosmologia. Nasa. **Por que existem as estações do ano?** UFRGS. 29 dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3zXI4vm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3iin38M>. Acessado em: 11 maio 2020.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Portal STJ. **Maioridade civil, emancipação e o entendimento do STJ**. 18 ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Vi75CC>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e Circulação de “*Fake News*”: Distinções, diagnóstico e reação. *In.*: **Portal de Conferências**. XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XIX ENANCIB. Disponível em: <https://bit.ly/3aRuoHF>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação**: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. 15p. Faculdades IDAAM. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3xFxLb>. Acesso em: 23 jul. 2020.

DIANA, Daniela. *Site* Toda Matéria. Mitologia. **Deus Hermes**. Disponível em: <https://bit.ly/3xqneTS>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer & A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FRANCHINI; SEGANFREDO. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 464p. 2007.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no Ensino Médio**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: Uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HOLT, Robin; HOND, Frank den. *Sapere Aude*. Editorial. *In.: EGOS Colloquium. European Group for Organizational Studies: Organization Studies*. Vol. 34, Issue 11, 2013. *Management and Organisation*, Helsinki, Finlândia. Disponível em: <https://bit.ly/3zYAssr>. Acesso em: 24 jun. 2021.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). *In.: Textos seletos*. 2. ed. tradução Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis, Vozes, 1985.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Alexandre F. Morujão. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Goubenkian, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2000.

LIMA, Fernanda. *Site* InfoEscola. Mitologia Grega. **Deméter**. S/d. Disponível em: <https://bit.ly/3lo7m1F>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Trad. Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez, 1991.

MINAS GERAIS. *Site* Agência Minas. Secretaria Geral. **Educação anuncia volta às atividades presenciais nas escolas da rede estadual**. Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves. Publicado em: 10 jun. 2021. Belo Horizonte. Disponível em: <https://bit.ly/2TM3fRw>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NETO, Manoel Simões; BAIROS, Antonio Tadeu Campos de. Educação Emancipadora e Ensino de Filosofia a partir da Teoria Crítica de Theodor Adorno. *In.: Os Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do Professor PDE*. Governo do estado do Paraná. 2016. Vol. 1. Disponível em: <https://bit.ly/3IUWuIq>. Acesso em: 11 maio 2021.

NEVES, Flávia. *Site* Dicionário Online de Português. *In.: Dúvidas de Português*. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2WLFOZV>. Acesso em: 26 jul. 2021.

NÓVOA, Antonio. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista. Universidade Federal do Ceará. UFC. Faculdade de Educação. Disponível em: <https://bit.ly/37eLLft>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PERES, Sarah. **Morte do índio Galdino, em Brasília, completa 21 anos hoje**. Site Correio Braziliense. Postado em: 20/04/2018. Disponível em: <https://bit.ly/2TMjmP1>. Acesso em: 17 jun. 2021.

PUCCI, Bruno. (Org.). **Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EdUFSCar, 1994.

RUSSO, Maria Flávia de Araújo. **O Conceito de Mediedade na Ética a Nicômaco de Aristóteles**. 2013, 88p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3rK3n0A>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial**. Tradução Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Brasiliense, 1995.

Site Canal Tech. **WhatsApp**. S/d. Disponível em: <https://bit.ly/2VrOoMt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Site Enciclopédia do Holocausto. **Auschwitz**. S/d. Disponível em: <https://bit.ly/3zUfWw>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Site da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão – SEPLA. Institucional. **Resolução SEPLAG nº 056/2019**. Disponível em: <https://bit.ly/3fIIkd>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Site Stoodi. **Atena: quem é, imagens e história!** Jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zZCvN1>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Site UOL. Folha de São Paulo. LUPA. **A primeira agência de Fact-Checking do Brasil**. Disponível em: <https://bit.ly/3pgAQ3q>. Acesso em: 27 ago.2021.

SOUZA, Maria Carolina Santos. A hibridização como caminho para a inovação do ensino aprendizagem. In.: **EmRede**, Revista de Educação à Distância. v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2TMfSMs>. Acesso em: 20 jun. 2021

THORNBURG, David. Campfires in Cyberspace: Primordial Metaphors for Learning in the 21st Century. In.: **International Journal of Instructional Technology and Distance Learning**. Vol. 1. N. 10. 2004. Repositório do acervo da UFMG. Disponível em: <https://bit.ly/3cw6GT3>. Acesso em: 23 jul. 2020.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; *et al.* Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. In.: **Prisma.com**. N. 8, p.19-46, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3rNxQLf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Críticas e possibilidades da educação e da escola contemporânea: lições de Theodor Adorno para o currículo**. Dossiê: o campo do currículo:

debates em cena. Educ. rev. (45), Jun2007. Disponível em: <https://bit.ly/3ifzQsw>. Acesso em: 02 jun.2021

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZUIN, Antonio. **Indústria Cultural e educação: O novo canto das sereias**. Campinas: Autores Associados, 1999.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. **Ensaio Frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015. 120p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário



QUESTIONÁRIO

Prezado(a) estudante, estou cursando MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA pela Unimontes e estou pesquisando o processo de emancipação dos alunos da Escola Estadual Maria Batista Cavalcanti, este questionário tem como objetivo identificar o perfil dos estudantes do Ensino Médio desta escola. Por favor, responda todas as questões. Caso tenha dúvidas sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas aquela que lhe parece mais apropriada à sua realidade e ao seu perfil.

Prof.^a Flúvia Gracielle Soares Ramos

Faixa etária:

() Menos de 14 anos () 14 a 16 anos () 17 a 19 anos () Mais de 20 anos

Sexo:

() Feminino () Masculino () outro () Não quero declarar

1) Você mora na:

() Zona Rural () Zona Urbana

2) Se mora na zona rural do município, em qual comunidade você reside?

3) Qual a distância aproximada da sua casa até a escola?

4) Como você tem acesso à informação?

- () Televisão
 () Rádio
 () *Internet*
 () Vizinhos
 () Familiares
 () Colegas

- Escola
 Jornais e revistas
 Outros

5) Você tem acesso à *Internet*

- Sim Não Às vezes

6) Você possui algum dos aparelhos citados a seguir? Marque todos que você possui.

- Celular Tablet
 Computador Notebook

7) O(s) aparelho(s) que você marcou tem acesso à *Internet*?

- Sim Não Às vezes

8) De que forma você tem acesso à *Internet*?

- Por cabo Por antena Conexão 4G
 Conexão via rádio Não acesso à *Internet*

9) De onde você acessa à *Internet*?

- Da minha casa Da casa de vizinho ou parente
 Da escola De projeto instalado em minha comunidade
 Através do celular Não acesso à *Internet*
 Na minha comunidade não tem sinal de *Internet* Outro

10) Se você tem acesso à *Internet*, qual o principal uso que você faz da *Internet*?

- Jogar Assistir a vídeos no YouTube
 Assistir Netflix Fazer pesquisa
 Usar redes sociais: *Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter, Telegram* etc.
 Estudar Outros

11) Você possui perfil em alguma rede social?

- Sim Não

12) Se você marcou SIM na questão anterior, qual ou quais rede(s) social(s)?

13) Quantas vezes por semana você acessa a *Internet*?

- Nenhuma Uma Duas
 Três Quatro Cinco
 Seis Sete Mais de dez
 Não sei precisamente, muitas vezes.

14) Por quanto tempo, durante um dia, você fica conectado utilizando a *Internet*?

- Não acesso à *Internet* Alguns minutos
 1 hora De 2 a 3 horas
 De 3 a 5 horas Mais de 5 horas por dia

15) Quais assuntos despertam seu interesse na *Internet* e nos meios de comunicação?

- Saúde e bem estar Esporte
 Drogas Ecologia e meio ambiente
 Sexualidade Música, teatro e cinema
 Família Vida dos famosos
 Religião e religiosidade Beleza e moda
 Comportamento e práticas humanas Jogos, entretenimento e diversão
 Educação

16) Você consegue desenvolver leituras pelo aparelho tecnológico que possui?

- Sim Não Às vezes Depende, só se o assunto for do meu interesse

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA/
UFPR/UNIMONTES**

Sala 110B (3º piso) Centro de Ciências Humanas – CCH, prédio 2 - Av. Prof. Rui Braga, S/N – Vila Mauriceia – Montes Claros – MG - 39.401-089 Contatos: Tel.: (38)3229. 8233 ou 3229 8237 (Deptº de Filosofia). *E-mail*: ppgmpf@unimontes.br. *Site*: posgraduacao.unimontes.br/ppgmpf. *Facebook*: @Profilo.Unimontes

APÊNDICE B – Proposta Educacional de Intervenção

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA/UFPR/UNIMONTES**

FLÚVIA GRACIELLE SOARES RAMOS

**ESTAÇÕES FILOSÓFICAS: RESSIGNIFICANDO O ENSINO DA FILOSOFIA:
UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO**

**MONTES CLAROS – MG
Julho/2021**

FLÚVIA GRACIELLE SOARES RAMOS

**ESTAÇÕES FILOSÓFICAS: RESSIGNIFICANDO O ENSINO DA FILOSOFIA:
UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO**

Proposta Educacional de Intervenção apresentada como requisito parcial ao curso de Mestrado Profissionalizante em Filosofia – Prof-Filos da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fábiana Magali Santos Vieira

**MONTES CLAROS – MG
Julho/2021**

IDENTIFICAÇÃO

TÍTULO:

Estações Filosóficas: Ressignificando o Ensino da Filosofia: Uma Proposta Educacional de Intervenção

SÉRIE:

2º e 3º anos do Ensino Médio.

OBJETIVOS

a) Geral

- Contribuir para o processo de emancipação dos estudantes do ensino médio, a partir das aulas de Filosofia visando a formação de um sujeito reflexivo, crítico e argumentativo diante da mídia.

b) Específicos

- Discutir com os estudantes sobre a importância da emancipação e da formação através do diálogo, reflexão e crítica.
- Refletir sobre os discursos presentes na sociedade, especificamente na mídia e suas implicações, identificando assim o que os estudantes do Ensino Médio entendem por emancipação.
- Propor a leitura crítica de textos a favor do pensar e agir emancipatórios, buscando ampliar a competência leitora e argumentativa dos alunos.

A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA EMANCIPAÇÃO

Como professora do ensino básico da educação, fomos percebendo a necessidade de promover uma intervenção em prol da construção emancipatória dos estudantes do Ensino Médio. Isso em função do modo como os jovens lidam com suas realidades e com as temáticas que perpassam sua existência. No intuito de efetivar a emancipação dentro do espaço escolar, essas reflexões nos permitem pensar sobre a importância da realização de atividades baseadas na reflexão e no diálogo; identificar o que os estudantes entendem por emancipação para que

aconteça a resistência e a contradição; discutir a manipulação da indústria cultural e propor a realização de leitura crítica de textos que têm circulado nas mídias sociais podem ser utilizados em sala de aula com vantagem para o pensar e agir emancipatórios.

Nossa prática com os estudantes do Ensino Médio se deu a partir do ano de 2013 e estende-se até o presente ano de 2021, ao longo desse tempo passamos por diferentes cidades e tivemos a oportunidade de trabalhar com o público de variada idade, morador da zona urbana e da zona rural. Esse fato foi nos indicando que a etapa do Ensino Médio, pode ser um momento decisivo para a formação emancipatória e autônoma dos jovens estudantes, uma vez que representa uma oportunidade de fomentar o pensamento reflexivo e crítico para que esses jovens possam entender-se como parte de todo o processo social. Percebemos dentro das escolas a partir dos encontros estabelecidos nas salas de aulas que os estudantes do Ensino Médio evitam o diálogo e o debate de ideias, por timidez, vergonha, falta de costume de falar em público e expressar seu pensamento.

Além da dificuldade de expressão verbal, é comum que os jovens demonstrem também, limitações no que tange à produção escrita, então esse elemento nos chamou a atenção e despertou em nós o interesse de trabalhar a possibilidade de formação e construção da emancipação para os jovens do Ensino Médio para que esses tornem-se sujeitos emancipados e autônomos capazes de exercer um ato de pensamento crítico e reflexivo diante das situações e problemas que envolvem sua realidade desde de temas cotidianos até temas filosóficos, de modo que eles percebam que a Filosofia é esse pensar de modo esclarecido rumo ao questionamento e posicionamento diante das questões humanas e não uma disciplina contemplativa que apenas trabalha temas desconexos e sem fundamento que não têm utilidade prática para suas vidas. O ideal é apontar a importância do exercício da razão emancipatória e a possibilidade de resistência ao uso da razão como instrumento alienador da indústria cultural.

Nomeamos nosso plano de intervenção de “*Estações Filosóficas: Ressignificando o Ensino da Filosofia*” e pretendemos desenvolver tal intervenção a partir dos encontros firmados no chão da escola, no território do Ensino Médio. A ideia é contribuir para a promoção da formação da emancipação por meio do ensino de Filosofia no Ensino Médio pelo viés dos encontros que se efetivam no espaço escolar. A pretensão é trabalhar o ensino de Filosofia como fio condutor que possibilite a efetivação entre o pressuposto e o resultado almejados. Nosso pressuposto será a defesa de que, a Filosofia é emancipatória e o resultado pretendido, é a concretização do indivíduo emancipado.

De tal modo, entendemos que a emancipação é uma construção subjetiva, porque depende de cada pessoa e cada vivência, mas defendemos que tal construção se forma na

coletividade. E a escola é esse espaço coletivo, que acolhe o todo e o diverso em seus braços. Assim defendemos o pressuposto de que a filosofia é emancipatória, atravessando o ensino de filosofia para os jovens do ensino médio, temos como pretensão alcançar nosso resultado que é a formação de indivíduos emancipados. Essa ideia será desenvolvida no projeto de intervenção. Conforme ilustração apresentada na

Figura 3 – Ilustração da nossa proposta de intervenção



Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2020).

Esta proposta de trabalho foi prevista para ser realizada remotamente por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC, uma vez que as atividades do ano letivo de 2020 não se efetivaram presencialmente, em função do isolamento social para prevenção da Pandemia Covid-19³⁶ que assolou o mundo em 2020, conforme a Resolução SEE Nº 4310/2020³⁷. Em função da atual necessidade de distanciamento social provocada pela pandemia, da possibilidade de acesso dos estudantes às TDIC (comprovada pelo questionário), da adoção do ensino remoto, propomos a realização do uso das tecnologias digitais para alcançarmos o objetivo proposto.

Inseridos neste atual modelo de educação, no qual as atividades tiveram obrigatoriamente que se desenvolver em um formato digital, percebe-se a necessidade de buscar nos adaptarmos a um modelo de educação baseado no uso das inovações tecnológicas, pois esse

³⁶ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>.

³⁷ Dispõe sobre as normas para a oferta de Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e instrui o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia Coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida. Fonte: MINAS GERAIS, 2021). Disponível em: <https://bit.ly/2TPgnFJ>. Acesso em: 20 jun. 2021.

mostrou-se o caminho viável para o atual cenário. Notadamente a modalidade híbrida de ensino ganha o campo de atuação, pois permite que as pessoas organizem suas demandas entre o presencial e o *on-line*, podendo flexibilizar seu tempo e cumprir suas atividades de acordo com sua própria necessidade.

[...] um dos poucos, se não o único serviço que ainda não passou por essas inovações, é a educação. O foco ainda está no professor, que detém a informação e “serve” seu aluno. A aprendizagem do aluno ainda está centrada na sala de aula. E a responsabilidade pela sua aprendizagem ainda é do professor. O ensino híbrido é a tentativa de implantar na educação o que foi realizado com esses outros serviços e processos de produção. A responsabilidade da aprendizagem agora é do estudante, que assume uma postura mais participativa, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos e, com isso, criando oportunidades para a construção de seu conhecimento. O professor tem a função de mediador, consultor do aprendiz. E a sala de aula passa a ser o local onde o aprendiz tem a presença do professor e dos colegas auxiliando-o na resolução de suas tarefas e na significação da informação, de modo que ele possa desenvolver as competências necessárias para viver na sociedade do conhecimento. Essas mudanças nos processos educacionais proporcionadas pelo ensino híbrido são quase naturais, e há várias razões para que sejam extremamente benéficas para o processo de ensino e aprendizagem. No ensino híbrido, o estudante tem contato com as informações antes de entrar em sala de aula. A concentração nas formas mais elevadas do trabalho cognitivo, ou seja, aplicação, análise, síntese, significação e avaliação desse conhecimento que o aluno construiu ocorrem em sala de aula, onde ele tem o apoio de seus pares e do professor. O fato de o estudante ter contato com o material instrucional antes de adentrar a sala de aula apresenta diversos pontos positivos (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 23-24).

É preciso ter o olhar crítico que perpassou a trajetória do pensador Theodor Adorno, e que isso deve acontecer sem que levantemos uma bandeira contrária à toda evolução tecnológica que foi produzida até o presente momento. A questão é entender que essa é a realidade presente e irrevogável na nossa vida e na vida dos estudantes do Ensino Médio. Sendo assim, o que nos resta não é simplesmente nos adaptar, é entender para resistir ao que for preciso e adaptar-se ao que for necessário.

As atividades que compõe esta proposta têm por objetivo proporcionar uma reflexão sobre o processo de emancipação, especificamente a manipulação da indústria cultural promovendo a interatividade entre os sujeitos envolvidos na proposta. As atividades serão pautadas em entender as características de ideologias e estereótipos que costumam fazer parte da construção e/ou desconstrução de sentidos da nossa realidade, destacando a estrutura linguística, os recursos persuasivos e argumentativos utilizados, a projeção e intenção das imagens usadas, as ideias e intenções explícitas e implícitas em cada veiculação que é amplamente abordada. A ideia é mostrar que de nada adianta um saber sem ação, é preciso compreender o que se passa ao nosso redor para que possamos agir de modo emancipado, sem amarras e submissões cegas e incoerentes.

Nossa proposta de intervenção pretendeu organizar-se na constituição de um grupo de estudos em Filosofia, o qual tinha como idealização, contribuir no processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio, instigando os estudantes a pensarem suas realidades e vivências. No entanto, com a pandemia e com a suspensão das aulas presenciais a implantação e desenvolvimento do grupo de estudos não pode se efetivar, uma vez que durante todo ano de 2020 e ainda agora no primeiro semestre do ano de 2021 não foi possível o retorno das aulas presenciais de modo efetivo. O que estamos assistindo é um retorno híbrido em alguns países, cidades e municípios.

Entendemos que o passo inicial é permitir que os estudantes sejam incentivados a dar nome ao grupo, a criarem logomarcas para o grupo, a construírem uma “cara”, uma identidade para o grupo formado. Não é engessar o grupo em ideias já prontas, é permitir que os estudantes comecem a engajar-se no movimento de criação e de autonomia. Acreditamos que é possível por meio desse grupo de Filosofia, favorecer o esclarecimento e conduzir os estudantes rumo a uma emancipação, a um pensar e agir autônomos. O professor ao realizar essa proposta pode criar o grupo de estudos no intuito de permitir que os estudantes iniciem o processo de escolhas, discussões e debates, possibilitando nessa etapa inicial que os estudantes criem um sentimento de pertencimento ao grupo estabelecendo assim um vínculo e interessando-se pelos rumos que o grupo pode tomar.

O objetivo geral do grupo de estudos a ser formado deve ser contribuir para o processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio, a partir das aulas de Filosofia, realizando atividades de reflexão e diálogo; identificando o que os sujeitos envolvidos entendem por emancipação e discutindo manipulação da Indústria Cultural.

Tal possibilidade emancipatória está ancorada na resistência ao sistema imposto. É preciso pensar essa educação pautada em pressupostos e clichês que apenas trabalham com a transmissão de informações e em nada promove ou incita o estudante a perceber os problemas que perpassam sua vida cotidiana, desautorizando que os acontecimentos se instalem. Defendemos a importância e necessidade de emancipar o pensar e o agir humanos desde o Ensino Médio, momento no qual o jovem inicia sua passagem para a vida adulta.

Entendemos que comumente acontece o reforço de um modo não reflexivo de entender o mundo, retornamos ao mesmo, à repetição, oferecemos a construção de um universo acrítico, que já está dado, que não oferece nenhum tipo de problematização, apenas reforçamos os modelos pré-estabelecidos, os pressupostos e todo aparato extremista e suas atribuições. Na prática diária, no corpo a corpo das salas de aula, percebemos o quão intensamente é imprescindível motivar nossos estudantes a não se deixarem levar pela sedução daquilo que é

dado como certo, como pronto e acabado, o quanto é imperativo trabalhar a autonomia e o esclarecimento dos nossos estudantes.

Estar junto aos estudantes nessa formação cidadã, humana e democrática é mostrar que eles podem se adaptar e resistir com criticidade ao mesmo tempo, adequando-se à realidade vivenciada, utilizando suas experiências individuais para se identificarem no mundo. Porém, em contrapartida, devem estar capacitados a resistir às verdades estabelecidas por meio do seu agir crítico e reflexivo. Adaptar-se não no sentido de acomodar-se com as situações, mas no intuito de situar-se no mundo e perceber-se como protagonista da sua própria existência. Sendo, portanto, capaz de localizar seu espaço no mundo e o espaço que esse advento e acontecimento ocupam em sua vida individual e coletiva.

Defendemos uma escola capaz de romper os consensos, habilitada a promover a autonomia e a maioria. Se estamos inseridos em uma sociedade de controle, que através da mídia e das propagandas nos prende a verdades e a conceitos pré-determinados, precisamos viver os encontros escolares com sensibilidade, uma vez que os conceitos só nascem a partir disso. Na verdade, não há um método exato a ser seguido, existem possibilidades de se trilhar um caminho rumo a encontros favoráveis e satisfatórios para a edificação do ser humano.

Pretendemos registrar que a educação deve ser um canal de encontro entre singularidades, e que a escola deve proporcionar ao estudante encontros mesmo que ainda sejam taciturnos e/ou aflitivos possam resultar em sujeitos capazes de interpelar a sua realidade. A função da educação não está pautada meramente em transmitir informações, mas, eminentemente, em produzir nos sujeitos inquietações que os levem a essas problematizações e a produção de conceitos, com a finalidade de se emanciparem. Seguindo os pressupostos de Adorno (1995), quando há intenção de emancipar, precisamos pautar nossas ações nos seguintes quesitos

[...] houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num 'mundo feliz', embora ele seja um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda a análise dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um hit da parada de sucesso é tão incomparavelmente pior do que um quarto de Mozart ou de Beethoven ou um a peça verdadeiramente autêntica da nova música [...] (ADORNO, 1995, p. 183).

Confiamos que os encontros nascidos no interior da escola podem contribuir para o esclarecimento, para a necessidade de compreender e criar, promovendo as ações de buscar e

realizar, despertando o senso crítico, pois todos os conteúdos em suas mais diversas áreas levam a pensar, e esse ato conduz à emancipação.

Desse modo, pensamos uma proposta de intervenção de modo a destacar o ensino da Filosofia como possibilidade significativa de proporcionar o esclarecimento diante do vivido, um ensino de Filosofia que não se transforme em um instrumento para finalidades de alienação e domínio do pensamento, mas que através do diálogo e interatividade possa oferecer aos estudantes do Ensino Médio pressupostos para o pensar e para a problematização, de maneira que os jovens do Ensino Médio componham a engrenagem do sistema educacional formativo e não apenas uma aparelhagem semiformadora e deformadora dos princípios de emancipação e autonomia. Uma Filosofia que promova um processo de maioridade, retirando os sujeitos desse comodismo tutelado e opressor da menoridade, incitando a necessidade de uma ressignificação do pensamento diante do contexto no qual estão inseridos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Em seu livro *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*, o professor Silvio Gallo, (2012) nos apresenta uma interessante proposta para o trabalho com Filosofia na sala de aula. Ele elenca quatro momentos didáticos por meio dos quais se torna viável e possível a criação de conceitos e de tal modo, de um pensar autônomo e emancipado. Segundo ele as etapas a serem trilhadas seriam: sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

A primeira etapa, **Sensibilização** refere-se ao momento de criar empatia, de fazer com que os estudantes sejam afetados pelo tema proposto “[...] fazer com que os estudantes vivam, “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico” (GALLO, 2012, p. 96).

No segundo passo, **Problematização** a ideia é transformar o tema em problema, motivando o desejo pela busca de possíveis soluções diante de diferentes perspectivas. “[...] Nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação [...]” (GALLO, 2012, p. 97).

A etapa três dos passos didáticos sugeridos por Gallo (2012), a **Investigação** trata-se de buscar uma visão abrangente sobre a história da Filosofia, tentando encontrar elementos que permitam a possível solução dos problemas levantados. “[...] revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas [...]” (GALLO, 2012, p. 97).

O último passo, a **Conceituação** indica a possibilidade de recriar conceitos encontrados de modo a solucionarem o problema levantado, ou ainda a oportunidade de criar novos conceitos. “[...] Aqui, essa etapa final, trata-se de fazer o movimento filosófica propriamente dito, isto é, a criação de conceito [...]” (GALLO, 2012, p. 98).

Alinhada a essa proposta do professor Sílvio Gallo (2012) encontramos também a proposta de David Thornburg (2004) que nos apresenta uma proposta didática baseada em metáforas: a fogueira (conhecendo), poço d’água (dialogando), caverna (refletindo) e vida (praticando). Nossas reflexões nos fazem acreditar que o trabalho a partir das metáforas defendidas por Thornburg (2004) pode ser uma das alternativas para contribuir com o processo de emancipação dos nossos estudantes. Essa proposta pode criar condições para que o estudante fale, escute, compartilhe, troque, comunique-se e vivencie momentos reais, possibilitando o desenvolvimento de sua emancipação.

Por conseguinte, a Filosofia como sendo esse elemento catalisador da mudança social. Entendemos que a Filosofia com sua história, temas, problemas, pensadores e pensamentos pode expor os problemas sociais, políticos, econômicos e existenciais que por vezes foram ofuscados pelo entusiasmo do progresso e desenvolvimento da construção humana. É possível com isso um novo olhar para a história e perceber que o sucesso da industrialização, tecnologia, mídia, era digital não estava presente em todas as camadas sociais, nos possibilitando lembrar que em prol do progresso, enquanto sociedade, não devemos negligenciar a necessidade de o sujeito emancipar-se dentro da sua própria construção.

O ideal da proposta é criar situações em sala de aula voltadas para a realidade do estudante, e que ele, por meio das contribuições da educação, seja capaz de alcançar o esclarecimento das situações e agir de modo reflexivo e crítico. Ao agir assim diante das adversidades existenciais, acreditamos que os estudantes podem formar sua emancipação humana, já que estarão atuando na sua própria realidade de modo autônomo, crítico e democrático.

Assim nessa perspectiva, a partir dos estudos de Gallo (2012) e Thornburg (2004) propomos uma metodologia para criar condições para que o estudante do Ensino Médio fale de modo expressivo, comunique-se e vivencie momentos reais e virtuais, possibilitando assim, a interatividade e o alcance da emancipação. Essa metodologia será por nós, designada ***Estações Filosóficas***. Tais Estações nos remete à ideia de períodos, de forma análoga, como se fossem

estações do ano³⁸, e ao mesmo tempo alude à ideia de estação³⁹ no sentido de determinados pontos de parada e de passagem; a ideia não é um movimento cíclico que nos tira e traga a um mesmo ponto, não pretendemos um retorno ao mesmo.

A proposta é um movimento de rotatividade, do qual partimos de um determinado ponto e transitamos por outros que nos oportunizem sermos afetados por algum tipo de conhecimento. Indicamos que temos o início, meio e novamente o início, não pretendemos um conhecimento estanque e fechado, a proposta é orbitar em torno do ensino da Filosofia no Ensino Médio e a partir dessa rotatividade promover a emancipação.

Na perspectiva de organizar e estruturar nossa proposta de intervenção, entendemos que o trabalho com as metáforas pode ser um caminho viável em busca da construção emancipatória dos estudantes do Ensino Médio, pois pretendemos pensar uma proposta que dialogue, tenha sentido e tenha significado para os sujeitos do Ensino Médio, não queremos provocar respostas imediatas, mas queremos que os estudantes vivenciem as etapas de modo suave, tranquilo e autônomo. Porquanto, pensamos que, o trabalho baseado em metáforas, incorpora de maneira válida e significativa nossa pretensão. Apresentamos a seguir um quadro esquemático que resume os momentos e etapas metodológicas desenvolvidas pelos pensadores David Thornburg (2004) e Sílvio Gallo (2012). Nesse mesmo quadro fazemos também a síntese da nossa proposta metodológica.

Quadro 1 – Ilustração da nossa metodologia de trabalho

MOMENTOS METODOLÓGICOS	QUADRO DAS METODOLOGIAS		
	David Thornburg (2004)	Sílvio Gallo (2012)	Estações Filosóficas (2021)
1º Momento	Conhecendo (fogueira)	Sensibilização	Verão Filosófico ou Estação Hermes
2º Momento	Dialogando (poço d'água)	Problematização	Outono Filosófico ou Estação Pandora
3º Momento	Refletindo (caverna)	Investigação	Inverno Filosófico ou Estação Deméter
4º Momento	Praticando (vida)	Conceituação	Primavera Filosófica ou Estação Atena

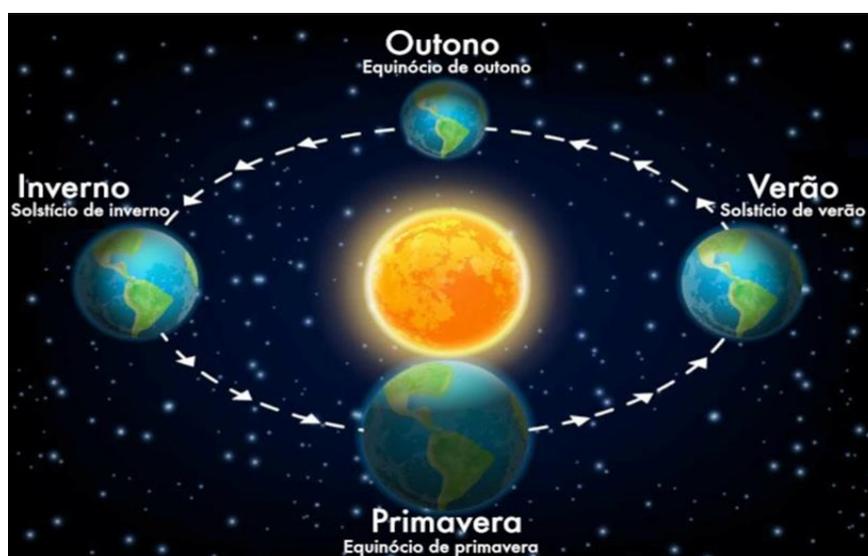
Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2021).

³⁸ As estações do ano estão associadas ao movimento de translação (movimento da terra em torno do sol que dura um ano) e também ao modo como a luz solar incide nas diferentes partes da terra ao longo de um ano. O eixo da terra está inclinado a 23,5° e à medida que o ano passa, ocorrem mudanças regulares no clima, esse ciclo de mudanças climáticas ao longo do ano divide-se em estações. Outono é fresco na maioria dos lugares e as folhas costumam cair; o inverno é a estação mais fria e alguns lugares chega a nevar; a primavera é caracteristicamente de clima fresco e agradável; o verão configura-se como um momento de temperaturas mais quentes. A medida em que a terra viaja ao longo de sua órbita em torno do sol suas partes norte e sul recebem diferentes quantidades de luz. Fonte: *Blog Brasil Acadêmico*, disponível em: <https://bit.ly/3zXI4vm>. Cada uma das quatro divisões do ano, com duração de três meses, duas se iniciam nos solstícios (verão e inverno) e outras duas nos equinócios (primavera e outono) Fonte: www.dicio.com.br.

³⁹ Lugar no qual param trens, ônibus, navios; estada: estação de trem. Fonte: www.dicio.com.br.

No decorrer contínuo de um ano (365 dias) os períodos climáticos se sucedem e assim acontecem as chamadas estações do ano, nas quais temos períodos climáticos específicos, que se organizam em quatro: primavera, verão, outono e inverno. No senso comum costumamos associar algumas sensações e situações às estações como se elas fossem válidas universalmente, ou seja, como se em qualquer parte do mundo, estivesse acontecendo o mesmo fenômeno ocasionando as mesmas sensações e realidades. Mas devemos ressaltar que isso depende do local onde estamos, pois depende da incidência dos raios solares sobre o local que estivermos. Apontamos a seguir, a ilustração do acontecimento das estações do ano:

Figura 4 – Ilustração da translação terrestre e as estações do ano



Fonte: Solstício e equinócio são fenômenos astronômicos que representam o início das estações do ano. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/estacoes-ano.htm>.

Nesse mesmo sentido, aplica-se nossa pretensa metodologia, pois por mais que tenhamos uma organização das nossas etapas, entendemos que as Estações Filosóficas irão incidir de modo diferente os nossos estudantes, e por isso entendemos que cada professor poderá partir de uma Estação Filosófica que julgar pertinente e cabível para seu tempo, espaço e público.

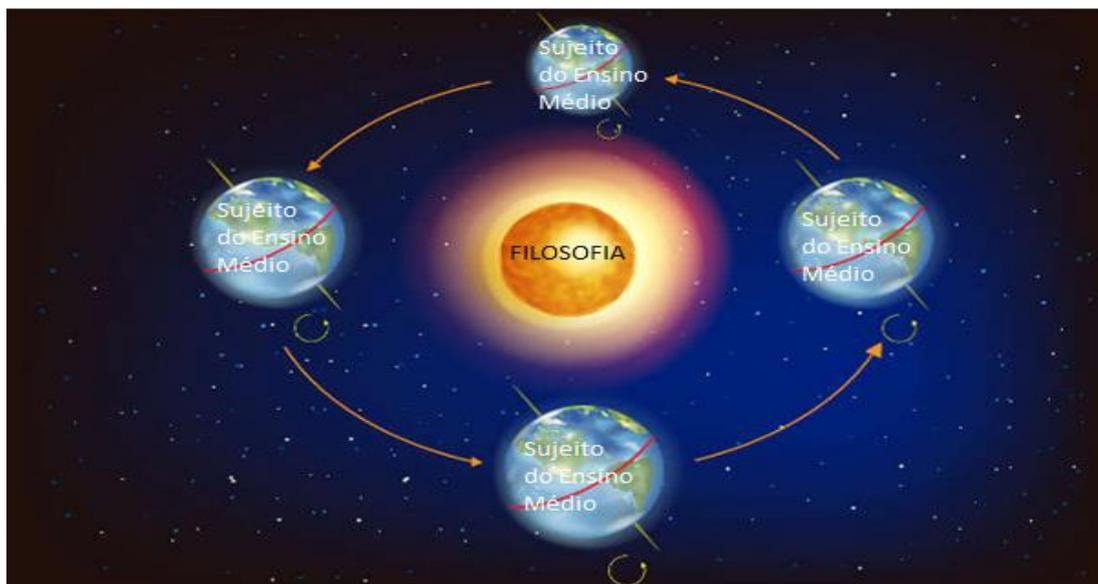
Entendemos ainda, que é preciso passar por todas as estações propostas, ainda que alguns estudantes não vivam o momento em que aquela estação for proposta, o importante é que ele seja afetado pelas estações em algum momento durante o ano. À medida que o ano passa, ocorrem mudanças regulares no clima, esse ciclo de mudanças climáticas ao longo do ano divide-se em estações, assim também pretendemos que o sujeito do Ensino Médio, possa alcançar gradativamente suas mudanças pessoais ao viverem as Estações Filosóficas propostas.

As Estações Filosóficas, propõem a realização de 04 momentos:

- primeiro seria o **Verão Filosófico** que tem como objetivo sensibilizar os estudantes em relação a temática, incidir sobre eles de maneira mais intensa os raios do conhecimento, provocar os estudantes com temáticas e abordagens, isso é a emancipação e sua importância no mundo contemporâneo;
- 2º momento, denominado **Outono Filosófico**, tem como objetivo, problematizar o contexto em discussão, permitir que as folhas dos dogmas e convicções possam cair;
- terceiro, **Inverno Filosófico** deve incentivar o aluno a investigar as causas, fatores, implicações envolvidos na questão analisada, é um momento mais frio e intenso, porque é o encontro do sujeito consigo mesmo e com as impressões e convicções das estações que o incidiram até então e
- 4º **Primavera Filosófica** deve contribuir para a formação do conceito, é o momento de florir, deixar brotar as ideias e fazer nascer os conceitos construídos durante o processo.

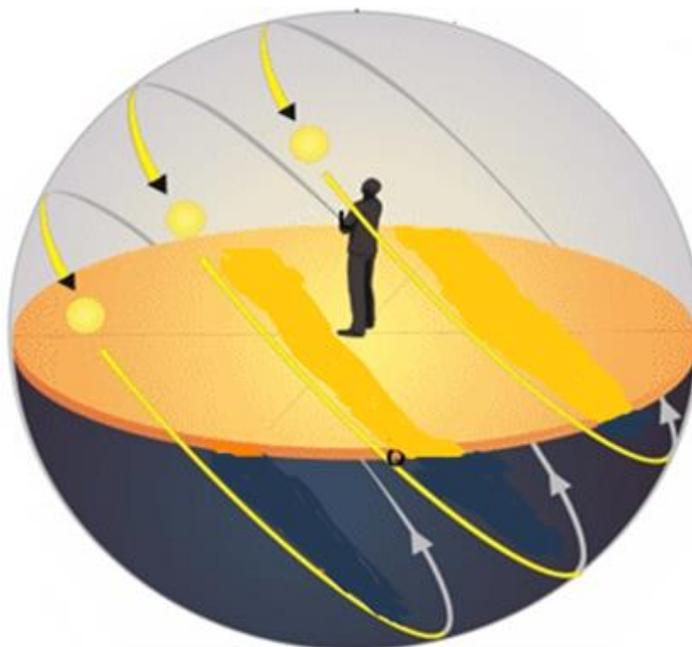
Teríamos a Filosofia como se fosse o sol, elemento irradiador e emancipador, no qual os sujeitos do Ensino Médio teriam a oportunidade de orbitar em um movimento elíptico passando de uma estação a outra, construindo de tal modo sua formação emancipatória.

Figura 5 – Ilustração da translação do sujeito do ensino médio e a Filosofia



Fonte: Imagem adaptada (2021). Disponível em: <https://bit.ly/3sAVc6k>.

Figura 6 – Ilustração identifica o sujeito do ensino médio, sendo afetado pelos raios da Filosofia emancipatória



Fonte: Imagem disponível em: <https://bit.ly/3sAVc6k>.

O ideal da proposta, é criar situações em sala de aula, voltadas para a realidade do estudante, e que dessa forma, seja possível por meio da contribuição da Filosofia, que os estudantes do Ensino Médio sejam capazes de alcançarem o esclarecimento das situações e agir de modo reflexivo e crítico. Então, ao agir assim diante das adversidades existenciais, acreditamos que os estudantes do Ensino Médio estão formando sua emancipação humana pelo viés da educação, por meio dos encontros em sala de aula e da presença da Filosofia nessa relação estabelecida.

Nossa Proposta Educacional de Intervenção almeja, principalmente, promover a relevância do diálogo na construção do processo de emancipação para os jovens do Ensino Médio, temos a intenção de viabilizar ao aluno a superação das dificuldades de leitura e compreensão de propagandas, imagens e textos midiáticos visando à formação do estudante do ensino médio como um sujeito crítico, autônomo e conseqüentemente, emancipado.

Os quatro momentos trabalhados nessa proposta de intervenção, são definidos como *Estações* indicando que em cada uma dessas etapas deve ser desenvolvida uma proposta de atividade que promova e estimule o pensar crítico e reflexivo. Por isso, cada momento conta com etapas que foram nomeadas com personagens mitológicos a fim de proporcionar um caráter filosófico a nossa proposta. Isso posto, a intervenção proposta, foi estruturada da seguinte forma:

a) Verão Filosófico ou Estação Hermes

Os alunos terão oportunidade de conhecerem as especificidades do gênero textual propaganda; a estrutura das diferentes mídias; a influência da indústria cultural; a questão da formação e da semiformação. Essa estação filosófica, representa a transmissão de informações, o compartilhamento de conhecimentos e saberes, que se dá em sala de aula. Mas, esclarecemos que nossa proposta não é manter o foco no professor, e nem fortalecer a tradicional ideia da educação bancária apresentada por Paulo Freire

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1956, p. 57, *Sic.*).

Nessa etapa, contamos com o caráter transmissivo, em que, algo é informado a alguém, é dirigido pelo narrador, que de algum modo compartilha seus conhecimentos com os aprendizes, os quais potencialmente serão os futuros transmissores de conhecimentos para as próximas gerações. É um momento de aguçar e sensibilizar os estudantes quanto aos temas e problemas possíveis que permeiam a nossa realidade, é uma tentativa de despertar o interesse dos estudantes, então não pretendemos apenas informar ou passar conteúdos, a ideia é apresentar possibilidades para o pensamento reflexivo colocando em ação a teoria crítica adorniana que pretende provocar o sujeito a questionar e entender a si, ao outro e ao mundo no qual está inserido.

Tal metáfora faz alusão à estação verão, por representar o aquecimento para fazer as ideias virem à tona, é o momento de apresentar o que se tem, de expor o que já se sabe sobre o tema proposto, buscando incidir raios de curiosidade, atenção, saberes, conhecimento,

dúvidas nos ouvintes. Caracteriza-se como uma forma de compartilhar conhecimentos. Pode também ser pautado pela exposição de vídeos, músicas, poemas, poesias, textos (os mais diversos gêneros: convencionais e/ou digitais).

Essa estação, conta com a etapa chamada também *Estação Hermes*, faz à alusão ao deus da mitologia grega Hermes, por esse se configurar como o mensageiro, como aquele que interpretava as mensagens dos deuses aos mortais, que atuava como guia, assim também essa estação é o momento de transmitir, de guiar, organizar o caminho, não é obrigar a seguir o estabelecido, mas é nortear, traçar o processo metodológico, compartilhar conhecimentos por meio do encontro ao redor das diferentes mensagens transmitidas, expressar por meio da oralidade aquilo que pode ser estudado, a fim de que os alunos possam conhecê-lo.

b) Outono Filosófico ou Estação Pandora

Nesta etapa, os estudantes poderão compartilhar conhecimentos com seus pares e professor; é o momento em que se estabelece o contato com os parceiros, é o momento da discussão, da conversação e do diálogo e da interação e troca de ideias. Esse módulo representa o local de diálogo, no qual as pessoas buscam saciar sua sede e acabam compartilhando suas percepções, sensações e experiências diante daquilo que foi apresentado.

Essa etapa caracteriza-se como o momento do desprendimento, por isso metaforicamente outono, pois, esse é o momento propício para efetivar os encontros, diálogo e interatividade, provocando e inquietando os estudantes quanto aos temas suscitados nas exposições, oportunizando a queda, a construção e/ou a desconstrução de ideias, pensamentos e imaginações. É marcada pela informalidade, pois em sua estrutura não há distinção entre professores e aprendizes, todos se colocam em uma relação de troca.

A nossa pretensão é realizar atividades, que sejam capazes de motivar a expressão da oralidade e da argumentação. Ao proporcionar o debate e o diálogo sobre as questões, os estudantes serão motivados a engajar-se nas discussões que envolvem seu contexto e sua realidade. Os estudantes podem participar dos debates ou ainda, serem subdivididos em duplas ou grupos para depois participarem de plenárias, sendo também possível, a interação por meio de grupos em uma rede social para reflexão, comentários, interação. Há também a possibilidade de desenvolver, compartilhar e discutir textos impressos e/ou digitais (crônicas, contos, poemas, músicas, dentre outros), palavras, imagens, tirinhas, charges, cartuns, memes, *GIFS*, propagandas, exibir vídeos, ouvir músicas e poemas, *podcast*, documentários, assistir a filmes, panfletos, anúncios, cartazes.

Pandora nos remete àquela figura da mitologia grega, que carregava consigo uma caixa, diante disso, pensamos esse momento como a possibilidade de que os alunos possam abrir suas caixas e deixar sair seus mais diversos pontos de vista. Evidentemente, é um momento desafiador, já que cada caixa pode revelar os mais diversos modos de pensar e agir. É o momento da curiosidade, do dissenso, do consenso, do debate, de trocar aquilo que cada um traz guardado em suas caixas subjetivas.

c) Inverno Filosófico ou Estação Deméter:

Neste momento, cada estudante poderá refletir individualmente sobre as abordagens realizadas e sobre os conhecimentos construídos, é o encontro do indivíduo com ele mesmo, momento de organizar o que foi visto, ouvido e debatido, uma espécie de recolhimento, é o isolamento, autorreflexão, meditação. É a etapa da análise da realidade, da representação do conhecimento, é uma espécie de mapa mental. Essa fase revela a importância e a necessidade de se refletir sobre o conhecimento através do contato consigo mesmo.

Desde tempos antigos, o ser humano costumava se recolher em cavernas para buscar esse contato consigo mesmo, para meditar a respeito dos conhecimentos adquiridos com os mais sábios e do contato com outras pessoas, é o processo de internalização de informações e pensamentos. Neste ponto, é a etapa do relaxamento metaforizada ao inverno, é o momento de buscar identificar e inferir conceitos trabalhados, na intenção de permitir que os estudantes adquiriram a capacidade de construir seus próprios argumentos, defesas e conhecimento a respeito da abordagem realizada.

A ideia é propor a intertextualidade entre textos impressos, digitais e outros elementos apresentados para que o estudante possa analisar de forma reflexiva, diferentes abordagens a respeito dos assuntos tratados. Serão atividades que tomam como objetivo a capacitação interior de conhecimentos apresentados exteriormente. É uma espécie de travessia, de passagem de fora para dentro. Possui um caráter mais subjetivo, pessoal e introspectivo. Metaforicamente, referenciamos a deusa grega da agricultura Deméter, porquanto, essa etapa nos lembra o cultivo, o preparo do solo para produção e a possibilidade da colheita. O maior ideal é instigar os estudantes a refletirem sobre as leituras e questionamentos apresentados.

d) Primavera Filosófica ou Estação Atena

Será o momento em que os estudantes expressarão o que foi apreendido e consolidado durante as etapas do processo de intervenção, visando concluir as etapas de aprendizagem. Se expressa o contato com a realidade prática, envolvimento direto com o

mundo, mas não pretende evidentemente, encerrar o processo do aprender. Percebe-se, neste ponto, a vivência das questões antes debatidas e analisadas. É o viver empiricamente, aquilo que antes estava apenas no campo das ideias e palavras. Nesta etapa, os estudantes terão a oportunidade de conceber a construção, o domínio do concreto, a ideia da inovação e a criação de novos modos de ver e viver a realidade humana. Visualizamos assim, o aprender fazer, fazendo.

A última etapa diz respeito à aplicação do conhecimento construído, assumindo desse modo, um elemento essencial para a construção do processo de emancipação dos estudantes do Ensino Médio, por isso assume a metáfora da estação primavera, pois é o momento do florescimento, de permitir que as ideias desabrochem e tomem forma.

Nesse momento, é possível a realização de atividades práticas para que os estudantes possam expressar o que aprenderam. As produções podem se efetivar por meio de jogos, cartilhas, produção de vídeos, cada grupo ficando responsável por uma tarefa. Esse módulo oportuniza a aplicação de conhecimentos adquiridos nas modalidades anteriores em situações reais e concretas dos estudantes. Nisto, desperta-se a visão questionadora do mundo, é a consolidação entre teoria e prática.

Oportunamente, nessa fase, aludimos à Atena, a deusa da sabedoria, já que esse momento é aquele em que cada um pode colocar em prática sua inteligência, sabedoria, estratégia, sagacidade e justiça, assim como a deusa grega fazia em seus momentos de decidir e atuar em sua realidade.

Defendemos que emancipar é oportunizar o espaço de fala e não apenas de presença física. Assim, destacamos o foco que pretendemos direcionar ao diálogo no nosso processo de intervenção. Esclarecendo que a fala, não se reduz apenas à expressão verbal, mas também a expressão escrita, a exposição imagética e a possibilidade interpretativa. Tais focos se dando em textos e contextos que envolvem a realidade prática e vivida pelos estudantes. A proposta será dividida em quatro módulos, cada um com uma temática específica que nos direcione à questão da emancipação, da educação e da formação, procurando associar tais temas à presença da indústria cultural e ao papel da Filosofia.

Finalmente, analisando a partir de Adorno os riscos da indústria cultural dentro do processo formativo da educação, pensamos ser de extrema importância procurar fazer o melhor uso possível das ferramentas tecnológicas, não permitindo com isso instrumentalizar a razão e nem a Filosofia, não temos pretensão de enaltecer a tecnologia ou endeusar os recursos por ela fornecidos, a questão é usar as ferramentas disponíveis e acessíveis aos nossos jovens para facilitar o processo de interatividade no processo de ensino e aprendizagem e oportunizar a

vivência de etapas filosóficas que sejam de fato, construtivas no processo de formação dos estudantes do Ensino Médio.

DETALHAMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Nesta sessão, será detalhada a forma como cada momento desta Proposta Educacional de Intervenção pode ser desenvolvida. Para isso, serão descritos os objetivos, os recursos a serem utilizados, a forma como acontecerá a avaliação, a carga horária prevista e também será descrito o detalhamento do desenvolvimento das atividades. Isso posto, apresentamos a seguinte sugestão para a organização das atividades.

1º ENCONTRO

Convidar os estudantes, via *WhatsApp*, para o encontro síncrono informando dia, horário e *link*.

O professor pode iniciar a reunião fazendo as apresentações, expondo a proposta, pedindo sugestões, criação de nome para o grupo. Logo, definindo melhor dia e horário para os encontros síncronos, criar o grupo do *WhatsApp*, discutir algumas normas para o bom andamento do grupo.

2º ENCONTRO SÍNCRONO

No encontro síncrono via *Google Meet*, após as boas-vindas, o professor poderá iniciar a discussão sobre a atividade de *Edupzlle*⁴⁰. Enviar, antecipadamente, para os estudantes, via grupo do *WhatsApp*, um *Edupzlle* com o vídeo *Natura Chronos #velhapraisso*⁴¹ disponível na imagem a seguir.

⁴⁰ *Edpuzzle* é uma plataforma *on-line* (e gratuita), que permite que o professor importe um vídeo do seu computador ou do *YouTube* e adicione diversas atividades embutidas no próprio vídeo para disponibilizá-lo ao aluno. Nele, o professor pode gravar uma faixa de áudio alternativa para o vídeo todo (podendo dar ao vídeo a narrativa que quiser), pode adicionar notas de comentários de áudio em momentos específicos, cortar vídeos para deixá-los menores (e aproveitar apenas as partes interessantes), e incorporar atividades e problemas na execução do vídeo. Fonte: *Site* Educação Científica. Disponível em: <https://bit.ly/37bAuRq/>.

⁴¹ *YouTube*. Canal *Natura* Oficial. *Natura Chronos #Velhapra*. 25 ago. 2017. 0min45s. Disponível em: <https://bit.ly/3xkuuQO>. Acesso em: 15 fev. 2021.

Figura 7 – QR CODE: Edpuzzle Propaganda



Fonte: QR CODE criado pela pesquisadora.

Tal propaganda será mostrada no *Edpuzzle*, no qual serão colocadas questões na intenção de instigar a reflexão e análise dos estudantes quanto ao conteúdo da propaganda. Após a realização da atividade do *Edpuzzle*, criar uma “Tempestade Mental”, a partir do *Mentimeter*⁴², com questões que agucem o senso crítico e despertem a curiosidade dos estudantes quanto à estrutura das propagandas e os reais objetivos que elas possuem.

Criar oportunidade de pensar sobre a indução e manipulação do gênero propaganda. A partir da nuvem de palavras criada no *Mentimeter*, pretendemos que os estudantes possam externalizar o conhecimento prévio do assunto abordado. Disponibilizar no chat do encontro síncrono o link do *Mentimeter* e incentivar os alunos a responderem à questão proposta, por exemplo, acesse www.menti.com e use o código 24 47 66 2.

A partir da nuvem de palavras formada no *Mentimeter*, será possível discutir o conhecimento prévio apresentado pelo grupo com as concepções filosóficas e científicas, ou seja, será uma forma de valorizar a participação dos estudantes e direcionar a discussão sobre a temática.

O levantamento de conhecimentos prévios, associada a análise da propaganda da linha de cosméticos Natura, criará a possibilidade de iniciar a discussão sobre a Indústria Cultural, tema trabalhado por Adorno e que costuma ser um fator que dificulta a emancipação humana. Iniciar a discussão utilizando o *Prezi*⁴³, fazendo abordagem sobre a “Indústria Cultural e suas produções: impactos e desafios”, na discussão o professor deve enfatizar as

⁴² *Mentimeter* é uma plataforma *on-line* para criação e compartilhamento de apresentações de slides com interatividade. O serviço, disponível em planos gratuitos e pagos, possibilita que profissionais de diversas áreas, como instrutores e professores, criem apresentações complexas. A ferramenta oferece recursos interativos, como nuvem de palavras e questionários, que podem ser compartilhadas via *Internet* com seu público. Disponível em: <https://glo.bo/3ln0KAK>.

⁴³ *Prezi* é uma ferramenta *on-line* que permite a criação de apresentações animadas e mais dinâmicas do que os slides do *PowerPoint*. O aplicativo possui versões para *Android*, *iPhone* (iOS), *Windows* e *macOS*. A plataforma oferece recursos para montar apresentações com deslocamentos, movimentos de zoom e animações, além de permitir adicionar centenas de figuras, importar imagens, anexar vídeos e *embedar sites*.

características do gênero textual propaganda levando-os a refletirem sobre a relação entre as produções da indústria cultural e a veiculação das propagandas.

Como sugestão, o professor pode incentivar os estudantes a realizarem pesquisas na *Internet*, em jornais, em revistas sobre as propagandas que ilustrem as questões apresentadas neste encontro.

Figura 8 – *QR CODE*: Indústria Cultural e Propaganda



Fonte: *QR CODE* criado pela pesquisadora.

Atividade para o 3º encontro: solicitar que os estudantes pesquisem e selecionem propagandas e procurem identificar o objetivo embutidos nas mesmas.

3º ENCONTRO SÍNCRONO

Iniciar com a apresentação das propagandas selecionadas pelos alunos, levantando questões sobre os objetivos das mesmas, a quem se destina, intenções e objetivos. Exposição e debate dos conteúdos apresentados.

Pode-se produzir um vídeo com a temática propaganda e apresentá-lo como elemento detonador para a discussão com os estudantes. O vídeo produzido no *PowerPoint*⁴⁴ apresenta o Gênero textual Propaganda (conceito, estrutura, tipos, função, o uso das

⁴⁴ **Microsoft PowerPoint** é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas, originalmente escrito para o sistema operacional *Windows* e portado para a plataforma *MacOS X*. A versão para *Windows* também funciona no *Linux* através da camada de compatibilidade *Wine*. Há ainda uma versão *mobile* para *smartphones* que rodam o sistema *Windows Phone*. O *PowerPoint* é usado em apresentações, cujo objetivo é informar sobre um determinado tema, podendo usar: imagens, sons, textos e vídeos que podem ser animados de diferentes maneiras. O *PowerPoint* tem suporte a objetos OLE e inclui uma ferramenta especial de formatação de texto (*WordArt*), modelos de apresentação pré-definidos, galeria de objetos gráficos e uma gama de efeitos de animação e composição de *slides*. Disponível em: <https://bit.ly/3jb8OBU>.

propagandas, objetivo, apresenta imagens) e aponta seus recursos persuasivos e suas relações com as intenções da Indústria Cultural.

Providenciar o *link* do *YouTube* para acesso ao vídeo produzido, disponível em: <https://bit.ly/3C5x6pj>.

4º ENCONTRO SÍNCRONO

Apresentar cinco propagandas selecionadas (Apêndices) no encontro síncrono para análise da turma, abrir a discussão que possibilite o reconhecimento das características do gênero propaganda, seus efeitos, impactos e perigos.

Inserir duas propagandas que fazem uso de memes, para análise e debate do conteúdo e intenções.

5º ENCONTRO SÍNCRONO

Apresentar vídeo produzido no *PowerPoint* explorando alguns memes que circulam nas mídias sociais e analisar com os alunos a estrutura desse tipo de texto (objetivo, características, linguagem). Focando que esse tipo de texto tem o objetivo de criticar, de forma bem-humorada alguma questão presente no atual contexto. *Link* para acesso ao vídeo no *YouTube* disponível em: <https://bit.ly/3yvBmw4>.

Fornecer texto informativo sobre o Gênero Textual Meme (Apêndice), que será encaminhado via *e-mail* para os estudantes. Buscando também, a oportunidade de trabalhar a funcionalidade do uso do *e-mail* para comunicação. No vídeo, serão abordadas algumas questões para que os estudantes explorem a estrutura dos memes.

6º ENCONTRO SÍNCRONO

Enviar com antecedência, via grupo de *WhatsApp* o vídeo *A influência da Mídia na Sociedade*⁴⁵, solicitar que os estudantes assistam, disponibilizar *link* de acesso ao vídeo no *YouTube*, disponível em: <https://bit.ly/3lpg53A>. Esse vídeo evidencia o poder persuasivo e manipulador das mídias, sobretudo o das veiculações que envolvem adolescentes e jovens, no

⁴⁵ COSTA, Leonardo. **A influência da mídia na sociedade**. Leonardo Costa. *YouTube*. Manaus. 20 de mar.de 2014. 3min45s. Disponível em: <https://bit.ly/3lpg53A>. Acesso em: 18 fev. 2021.

intuito de conduzi-los a uma reflexão sobre a relação entre mídia e sua realidade, seu tempo, seu espaço.

Iniciar o encontro incentivando os alunos a apresentarem suas análises sobre o vídeo. Na discussão chamar a atenção dos alunos para os diferentes tipos de propagandas, objetivando perceber a intenção de influenciar o comportamento humano.

Os alunos serão instigados a refletirem sobre o papel das mídias, respondendo questões trabalhadas em vídeo no *Edpuzzle*, procurando compreender o poder de influência e persuasão da mídia, a massificação proporcionada por ela, o estereótipo e ideologias disseminadas como verdades absolutas e as consequências que a mídia pode trazer para a sociedade contemporânea.

Link para acesso do vídeo do *Edpuzzle* disponível em: <https://bit.ly/3C4HFZS>.
Dividir o grupo de participantes em subgrupos e pedir que apresentem no encontro seguinte propagandas que caracterizem esses momentos.

7º ENCONTRO SÍNCRONO

Iniciar com a apresentação das propagandas selecionadas pelos estudantes no encontro anterior.

Apresentar e analisar trechos de programas de televisão, rádio (áudio de uma bicicleta que roda na cidade, por exemplo), filmes e documentários no cinema, textos publicitários que, podem influenciar no modo de pensar e agir das pessoas em sociedade (Apêndice), os *links* serão encaminhados via *WhatsApp*. Associar o conteúdo do que foi exposto pelos estudantes ao que foi apresentado por nós, permitir que os estudantes façam o entrecruzamento de ideias e a intertextualidade.

8º ENCONTRO SÍNCRONO

Analisar a música: *Eu adoro minha televisão*, do grupo Capital Inicial. Enviar com antecedência letra da música por *e-mail* (Apêndice) e *link* com vídeo clipe da música disponível em: <https://bit.ly/3zUQkvW>.

Fazer atividade explorando a música, na tentativa de refletir sobre o controle a que a sociedade é sujeitada constantemente ao ponto de andar em ciclos e ao mesmo tempo incita nosso pensamento a vislumbrar a necessidade de malabarismos diante das ideologias impostas,

criando a necessidade de saídas e processos de protagonismos nos encontros que se efetivam no dia a dia, principalmente na relação com o poder midiático.

A atividade será disponibilizada a partir de *link* do *Google Forms*, disponível em: <https://bit.ly/3zUJiHE>.

9º ENCONTRO SÍNCRONO

Encaminhar o Jogo das Intenções, desenvolvido no *Kahoot*⁴⁶ O Jogo foi assim chamado, porque a estrutura de suas questões pretende que os estudantes façam uma revisão dos temas abordados até esse ponto, e também, que eles alcancem a autonomia de pensar sobre questões que fazem parte do seu cotidiano e que precisam ser entendidos em suas mais diversas intenções (conceituais, estruturais, persuasivas, manipuladoras, dentre outras), a ideia é provocar a capacidade dos estudantes, para que eles sejam capazes de perceber, entender e expor as intenções que se escondem e/ou se camuflam nas mais diversas situações.

O Jogo das Intenções, vem abordando questões reflexivas que permitam aos estudantes um posicionamento crítico, autônomo e emancipado diante da mídia e seu papel na atualidade, ou seja, questões que possibilitem o esclarecimento diante do poder e atuação da Indústria Cultural e seus efeitos no modo de ser, pensar e agir das pessoas.

Criar orientações, sugestão de aplicativos para criação de memes. *Link* do Jogo das Intenções disponível em: <https://bit.ly/3jbVDRd>.

PIN do jogo: 02766253

Discutir com os alunos questões abordadas no jogo, quais as que eles acertaram, erraram, por que erraram e acertaram. Incentivar os alunos a criarem, em dupla, memes para informar seus amigos e outros jovens sobre o papel na mídia na atualidade e a importância de nos posicionarmos diante dela. As orientações de como criar os memes, sugestão de aplicativos, deverão ser enviadas via grupo do *WhatsApp*.

⁴⁶ *Kahoot* é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizado, “*Kahoots*”, são testes de múltipla escolha que permitem a geração de usuários e podem ser acessados por meio de um navegador da *Web* ou do aplicativo *Kahoot*. É geralmente utilizado como recurso didático em escolas para revisar o conhecimento dos alunos, para avaliação formativa ou como uma pausa das atividades tradicionais da sala de aula. Disponível em: <https://bit.ly/3xp5TL2>.

10 ° ENCONTRO SÍNCRONO

Criar um *Padlet*⁴⁷ da turma, o mural digital colaborativo pretende estimular a participação dos estudantes, para que eles possam se manifestar por meio de imagens, textos, comentários. Permitir que os estudantes apresentem os memes produzidos pelas duplas formadas no encontro anterior. Incentivar os estudantes a publicarem os memes no *Padlet* da turma.

Figura 9 – *QR Code* de acesso ao *Padlet*



Fonte: *QR CODE* criado pela pesquisadora.

AVALIAÇÃO

Considerando que cada encontro síncrono poderá ter a duração de aproximadamente 01 hora e 20 minutos, a carga horária prevista para a realização desta proposta será de aproximadamente 12 horas. Desse modo, a avaliação levará em consideração o aproveitamento desse tempo previsto e a maneira como os estudantes irão se engajar nas etapas da proposta de intervenção. Lembrando que a ideia da nossa metodologia é permitir que o estudante possa ser atingido em algum momento e motivado a participar do movimento de construção e formação de sua própria emancipação.

A perspectiva é que esse movimento seja elíptico, já que em alguns momentos, o estudante se sentirá mais próximo do movimento, e em outros momentos ele pode se distanciar

⁴⁷ Padlet é uma ferramenta que permite criar quadros virtuais para organizar a rotina de trabalho, estudos ou de projetos pessoais. O recurso possui diversos modelos de quadros para criar cronogramas, que podem ser compartilhados com outros usuários e que facilita visualizar as tarefas em equipes de trabalho ou por instituições de ensino. A plataforma permite criar quadros com formatos diferentes e que podem ser alterados a qualquer momento. É possível utilizar modelos de mural, tela, lista, grade, conversa, mapa e linha do tempo. Além disso, o Padlet está disponível em 26 idiomas diferentes, incluindo o português. Disponível em: <https://glo.bo/3C82wvu>.

mais da orbitação. O importante, é permitir que ele esteja envolvido no movimento que acontece e despertar o canal do diálogo, para que ele se integre ao grupo.

O caminho para avaliar os participantes, deverá considerar a participação dos estudantes nos encontros síncronos, no envolvimento com as atividades individuais e em grupo, nas discussões realizadas nos encontros síncronos e no *WhatsApp*, na participação no Jogo das Intenções, qualidade dos memes sobre o desenvolvimento do pensamento autônomo e emancipado diante das questões propostas.

Os estudantes devem ser observados e avaliados nas etapas deste trabalho de forma gradual, sem exigência de notas quantitativas, mas primando pela interatividade, socialização e em especial pela expressão das ideias (de forma oral e/ou escrita). A intenção é uma avaliação qualitativa, que colete dados e apure resultados capazes de apontar a possibilidade de estudantes do ensino alcançarem níveis de autonomia e emancipação por meio do processo educativo e formativo dentro do espaço escolar.

O progresso dos estudantes envolvidos nesse processo de formação da emancipação será mensurado a partir do desenvolvimento de suas habilidades de leitura, escrita, expressão e produção associada aos textos e materiais analisados durante nossa trajetória. A avaliação será do tipo mediadora, buscando uma construção do conceito por etapas e poderá ser feita com base na produção realizada pelos estudantes, capacidade reflexiva argumentativa, capacidade de falar e ouvir de modo respeitoso, desenvolvimento de habilidades como inferência, percepção da realidade e do contexto, capacidade de elaborar estratégias e soluções.

De tal modo, acreditamos que o caminho pretendido nesta proposta de intervenção, é capaz de criar condições para que o estudante do Ensino Médio fale de modo expressivo, comunique-se e vivencie momentos reais e virtuais, possibilitando assim, a interatividade e o alcance da emancipação. O ideal da proposta, é criar situações em sala de aula, voltadas para a realidade do estudante, e que dessa forma, seja possível por meio da contribuição da Filosofia, que os estudantes do Ensino Médio sejam capazes de alcançarem o esclarecimento das situações e agir de modo reflexivo e crítico. Então, ao agir assim diante das adversidades existenciais, acreditamos que os estudantes do Ensino Médio estão formando sua emancipação humana pelo viés filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Trad. Júlia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Blog Brasil Acadêmico. Geografia. Cosmologia. Nasa. **Por que existem as estações do ano?** UFRGS. 29 dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3zXI4vm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3iin38M>. Acessado em: 11 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. p. 57-76. 1996.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: Uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

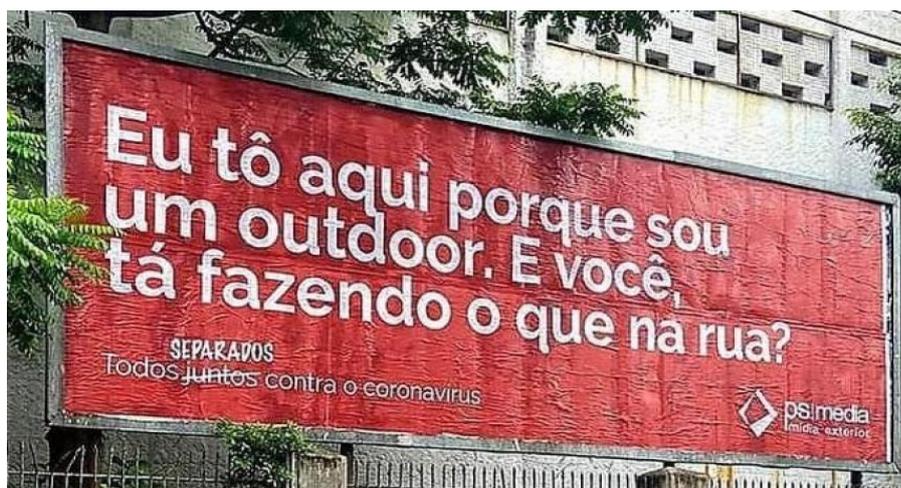
MINAS GERAIS. **Resolução SEE N° 4310/2020**. Secretaria de Estado de Educação. Publicado em: 10 abr. 2021. Belo Horizonte. Disponível em: <https://bit.ly/2TM3fRw>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ANEXOS

ANEXO I – Propagandas: 4º Encontro Síncrono



Fonte: Imagem disponível em: <http://www.marketingmoderno.com.br/sbp/>.



Fonte: Imagem disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/propaganda/outdoor-conversa-com-pessoas>.



Fonte: Imagem disponível em: <http://imaginariocriativopuc.blogspot.com/2015/02/resposta-aula-2-amanda-mesquita-e.html>.



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.tutoriart.com.br/belos-cartazes-de-propaganda-guerra-e-revolucao/>.



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aeweCXBU0g>.



Fonte: Imagem disponível em: <https://exame.com/marketing/8-marcas-acertaram-usar-memes-propagandas/>.



Fonte: Imagem disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/id/2015/06/01/o-poder-dos-memes-na-publicidade/>.

ANEXO II – Texto Complementar: 6º Encontro Síncrono

Ciência e Cultura. *On-line version*. ISSN 2317-6660. **Cienc. Cult. Vol. 68. Nº. 3. São Paulo. July/Sept. 2016.** Disponível em: <https://bit.ly/3cx5iPS>.

O FENÔMENO DOS MEMES**Ton Torres**

No contexto da *Internet*, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, para fazer uma comparação com o conceito de gene. Assim, para Dawkins, meme seria "uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação", ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura. Adaptado para a *Internet*, especialmente para as redes sociais, o conceito de meme passa a ser uma "unidade" propagada ou transmitida através da repetição e imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo.

Essa associação, que resultou no conceito contemporâneo de meme, nasceu no final da década de 1990, quando um dos criadores da página *del.icio.us* (um *site* agregador de *links*) criou a página *Memepool* ("piscina de memes", em tradução livre), que compilava *links* e outros conteúdos compartilhados pelos usuários na web. No final dos anos 2000, Jonah Peretti, um dos fundadores do portal *Huffington Post*, gerenciava com alguns amigos a página *Contagious Media* (algo como mídia contagiante), no qual realizava "experimentos" com conteúdos publicados na *WEB*. Essas iniciativas culminaram em um "festival de virais", nesse a maioria dos participantes se baseava no conceito de Dawkins para remeter a algo que se propagava pela rede.

CONTEÚDO VIRAL

Para a pesquisadora em comunicação digital e professora da Faculdade Cásper Líbero, Janaíra França, os memes são mais antigos que a própria cultura digital, mas encontraram nela solo fértil para se expandir devido à capacidade de propagação. "A facilidade com que esses canais permitem que uma dada informação seja repassada adiante é a força motriz da linguagem dos memes", comenta. A propagação se dá, segundo França, por uma série de fatores inerentes ao meio digital. "Os memes são apropriações temáticas que vão desde o humor sobre amenidades até assuntos como política e economia, e que têm, na maioria das

vezes, mensagens de compreensão fácil e rápida. Some a isso a facilidade de publicação e o compartilhamento, sobretudo pelas redes sociais, e teremos a viralização do conteúdo”, complementa a professora.



**Quase tudo pode virar um meme:
ideias, filmes, falas, costumes, futebol
e até a política**

Fotos: reprodução



**Meme utilizado para um evento que ocorreu
na Unicamp. A montagem e reuso de imagem
são fortes características dos memes**

Também emprestado da biologia, o termo viralização remete a algo que se espalha de maneira contagiosa, infectando e se disseminando na *Internet*. Essa talvez seja uma das características mais marcantes do fenômeno meme na cultura digital, mas não é a única. Assim como na concepção original de Richard Dawkins, um meme precisa evoluir para conseguir se propagar na rede, já que não é fácil conquistar a atenção dos usuários nesse emaranhado de *likes*, *shares* e *selfies*.

Segundo a professora e jornalista especializada em *marketing*, Silvia Ferreira, da Universidade Bilac, em São José dos Campos (SP), na cultura digital os memes devem se adaptar aos mais diferentes contextos para fisgar a atenção das pessoas. "Um meme pode ser tudo, menos estático. Se não inovar na mensagem ou na forma, estará fadado ao esquecimento", diz. Ferreira lembra que até em ambientes corporativos podemos ver essa adaptação. "Muitas empresas e instituições já possuem departamentos de comunicação que se encarregam de produzir memes. Se não entregarem algo novo, adaptado ao público, o meme pode ser subtraído da rede e sua evolução cessará", enfatiza. O processo adaptativo do meme leva em consideração, segundo França, a própria audiência para quem essa mensagem se dirige. "Eles são um tipo de linguagem que tenta expressar o que a audiência digital tem interesse em determinado momento. Deve ser lúdico, divertido", coloca.

FORMAS HÍBRIDAS

Os memes podem ter como origem fontes diversas: discursos, falas, costumes, erros de arbitragem no futebol, furos jornalísticos, fatos engraçados, personagens políticos e até notícias de economia. Tudo que pode gerar interesse em uma dada rede de usuários pode ser fonte para criação de um meme. Os formatos também variam, desde imagens simples, montagens propositalmente grotescas, quadrinhos e tirinhas. A reutilização é uma característica marcante de um meme, pois nem sempre regras, como direitos autorais, são respeitadas. Na verdade, a apropriação "indevida" e a releitura de uma imagem de um filme, um logotipo de uma empresa, uma fotografia etc. é parte fundamental da construção de um meme. Para Janaína França, memes são códigos de uma linguagem importante da cultura digital e parte intrínseca desse ambiente. "Tentar barrar um meme ou desconstruí-lo por julgá-lo inadequado, por exemplo por usar uma imagem sem autorização, pode dar mais força a ele", comenta. O processo evolutivo e a capacidade de assumir os mais variados formatos é o que tornam o meme algo tão único, próprio do ambiente digital, um cenário igualmente em constante mudança.

©2021 *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*
Universidade Estadual de Campinas
Labjor - Reitoria V - 3º Piso
CEP: 13083 - 970 Campinas SP Brasil
Tel: (19) 3521-2585/84/86
Fax: (19) 3521-2589
Tel: (19) 3289 3120 / 3788 7165
Fax: (19) 3788 7857



cienciaecultura@sbcnet.org.br

ANEXO III – Diferentes formas de fazer propaganda: 7º Encontro Síncrono

Televisão



Fonte: *Sprite* – Comercial de Fígado de Bacalhau, 1996. Imagem disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z_rSS21MCjU.

Rádio



Fonte: Imagem disponível em: <https://bit.ly/2PdnaGI>.

Bicicleta na rua



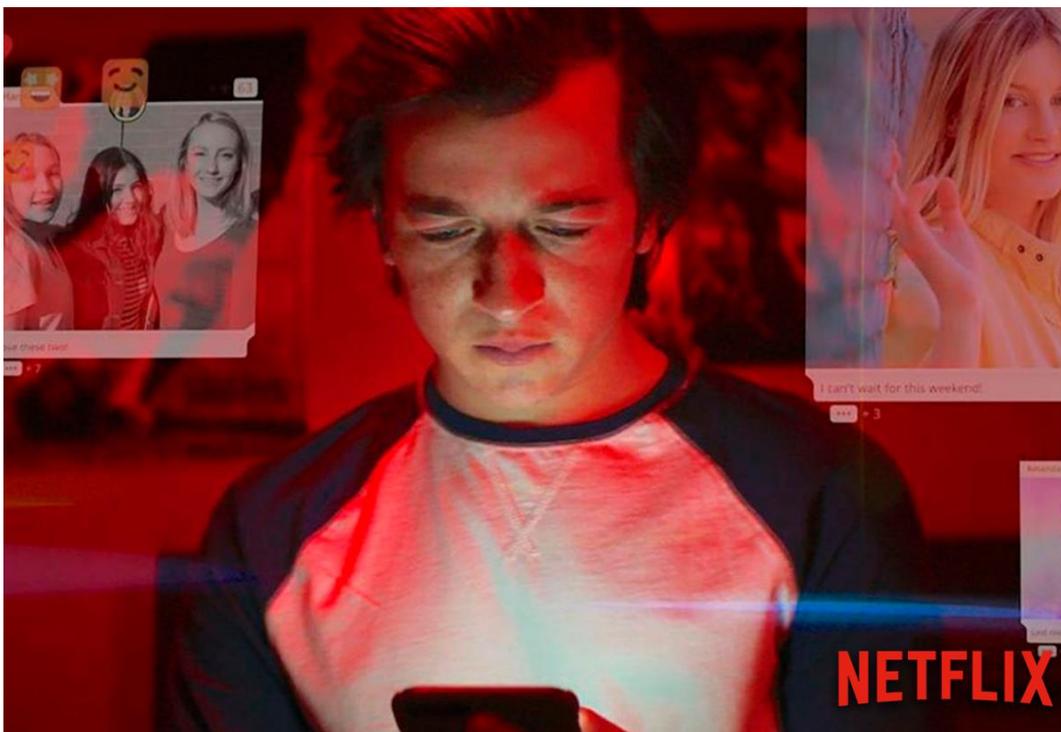
Fonte: Imagem disponível em: <https://www.jornaldiariodonorte.com.br/noticias/a-propaganda-que-vem-da-bicicleta-10872>.

Filmes



Fonte: Filme **A onda**. Imagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pFiyDu5H-E>.

Documentário



Fonte: Imagem do documentário "O Dilema das Redes". Disponível: <https://falauniversidades.com.br/o-dilema-das-redes-por-que-voce-nao-deve-assistir-ao-filme/>.

ANEXO IV – Letra da música Eu Adoro Minha Televisão: 8º Encontro Síncrono**Eu Adoro Minha Televisão**

Capital Inicial

Eu adoro a minha televisão
Ela me conta as coisas como elas são
Se as coisas vão mal
É só mudar de canal
Eu adoro minha televisão
Ela é: meus olhos, meu coração
Estando triste ou contente
O que eu sinto, ela sente
Eu prefiro ficar
Deitado no sofá
Olhando a maravilhosa vida dos outros
Passar
Eu adoro minha televisão
Diante dela eu fico sem ação
Ela me faz muito bem
Eu não preciso de mais ninguém
Eu adoro a minha televisão
Felicidade apertando um botão
Vejo o que eu nunca vou ter
Vejo quem eu nunca vou ser
Eu prefiro ficar...

Composição: Dinho Ouro Preto e Alvin L.

Ano de lançamento: 2007

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/capital-inicial/956752/>.